

UNIVERSIDADE DE SOROCABA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Maria Paula de Souza Turim

LEITURAS EM ESPERA

SOROCABA/SP

Outubro/2004

### Ficha Catalográfica

T846L Turim, Maria Paula de Souza  
Leituras em espera / Maria Paula de Souza Turim. – Sorocaba, SP:  
[s.n.], 2004.  
166 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Percival Leme Britto  
Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Sorocaba,  
Sorocaba, SP, 2004  
Inclui bibliografias e anexos

1. Espaço público de leitura. 2. Topologia de leitura. 3. Leitura em sala de  
espera. I. Britto, Luiz Percival Leme, orient. II. Universidade de Sorocaba.  
III. Título.

Maria Paula de Souza Turim

## LEITURAS EM ESPERA

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Mestrado em Educação da Universidade de Sorocaba, pela Banca Examinadora formada pelos seguintes professores:

Ass. \_\_\_\_\_

1º Exam.: Prof. Dr. Guilherme – Universidade Estadual de Campinas

Ass. \_\_\_\_\_

2º Exam.: Prof. Dr. Wilson Sandano – Universidade de Sorocaba

Nota:

Sorocaba, 27 de outubro de 2004

*A todas as pessoas que modificaram o seu cotidiano  
para que esta dissertação se tornasse possível.*

## Agradecimentos

Ao Percival, ao Júnior, Pico, Daniela, Pedro, César, Béia, Henrique, Leila, D. Clô, Lú e Sr. José, todos bons amigos.

## NA SALA DE ESPERA

Elisabeth Bishop

Em Worcester, Massachusetts,  
fui com minha Tia Consuelo  
à sua consulta com o dentista  
e sentei e esperei por ela  
na sala de espera do dentista.  
Era inverno. Bem cedo  
escurecia. A sala de espera  
estava cheia de adultos,  
*manteaux* e sobretudoos,  
*abat-jours* e revistas.  
Fazia muito tempo que lá dentro  
estava minha tia, ou isto ao menos  
pensei. Enquanto esperava  
lia a *National Geographic*  
(eu já sabia ler) e com cuidado  
estudava as fotografias:  
o interior de um vulcão,  
negro, cheio de cinzas;  
súbito ele cuspi  
por mil rios de fogo.  
Osa e Martin Johnson  
vestidos com capacetes,  
culotes e botas de laço.  
Um homem morto pendido  
de uma haste – “Nem Um Pio”,  
dizia o cabeçalho. Bebês  
com as cabeças em ponta, enroladas  
por voltas e voltas de uma corda;  
negras desnudas, com pescoços  
enrolados por voltas e voltas de arames  
Como os pescoços das lâmpadas elétricas.  
Seus peitos eram horripilantes.  
Li o artigo de ponta a ponta.  
Era demasiado tímida para parar.  
Então olhei a capa:  
as margens amarelas, a data.  
De repente, lá de dentro veio  
um *oh!* de dor – era a voz  
de Tia Consuelo – nem alto  
nem prolongado. Não me surpreendi;  
já então sabia que se tratava  
de uma mulher tímida e tonta.  
Eu podia ter ficado sem jeito,  
mas não fiquei. Minha surpresa  
total foi perceber que era eu:  
minha voz, minha boca.  
Completamente sem pensá-lo  
eu era a tonta de minha tia,  
e eu – nós – estávamos caindo,  
caindo, nossos olhos colados à capa

da *National Geographic*, número  
de fevereiro de 1918.  
Disse-me a mim mesma: em três dias  
você terá sete anos de idade.  
Repetia isto para cessar  
a sensação de cair fora  
do chão, que transformava o mundo  
num espaço frio, azul escuro.  
Porém entendi: você é um *Eu*,  
é uma *Elizabeth*,  
você é um *deles*.  
*Por que* não seria um você também?  
Eu mal podia olhar para conferir  
o que é que eu também era.  
Dei uma olhada de viés  
- não podia fazê-lo de frente -  
nos joelhos acinzentados,  
calças e saias e botas  
e pares de mãos diferentes  
que os *abat-jours* iluminavam  
de cima. Eu sabia que nada estranho  
tinha passado, que de estranho  
nada jamais passaria.  
Por que seria eu tia Consuelo,  
ou eu mesma, ou um alguém  
qualquer? Que semelhanças –  
botas, mãos, a voz da família  
na garganta sentida, ou até  
a *National Geographic* e aqueles  
horrorosos seios caídos –  
nos mantinham juntos  
ou nos faziam ser um apenas?  
Como tão – eu não conhecia  
a palavra adequada – tão  
“despropositadamente”...  
viera eu parar ali,  
como eles, para ouvir forte demais  
um grito de dor que podia  
ter sido mais forte e pior mas não fora?  
A sala de espera estava cheia de luz  
e calor. Eu escorregava detrás  
de uma onda negra e enorme,  
e de outra, de mais outra.  
De repente, eu estava de volta à sala.  
A Guerra seguia. Lá fora,  
em Worcester, Massachusetts,  
havia noite e neve aguada e frio,  
e ainda era o dia cinco  
de fevereiro, 1918.

## RESUMO

A fim de incorporar na pauta dos debates sobre leitura a questão da diversidade dos objetos e dos modos de leitura em sociedade, esta dissertação teve por objetivo analisar um espaço público de leitura pouco considerado pela cultura de prestígio: as salas de espera de consultórios médicos e odontológicos de Sorocaba, SP. Em uma relação de contraste, procurei mostrar como às representações sobre leitura, delineadas pela tradição letrada, são atribuídos valores e aparatos, concretos e simbólicos que restringem a prática da leitura a determinada classe social. Depois, verifiquei, em espaços públicos, que há outras formas de se ler e procurei saber quais os principais fatores intervenientes na constituição dessas leituras pouco consideradas culturalmente. Tentando compreender, mais profundamente, como se dão os modos difusos de leitura em sociedade, visitei dez salas de espera de dentistas e médicos, diversificados geográfica e socialmente e entrevistei as recepcionistas e/ou pessoas responsáveis pela escolha dos componentes de leitura ali encontrados. Tomei como hipótese que ali encontraria apenas leitura de entretenimento e que os objetos de leitura oferecidos seriam *Caras*, *Contigos* e *Vejas* antigas. No entanto, os resultados mostraram que além da leitura esperada há uma outra decorrente de singularidades e de afinidades eletivas e que a motivação de se ler, em salas de espera, nem sempre é a distração.

**Palavras-chave:** topologia de leitura; espaço público de leitura; leitura em sala de espera.

## ABSTRACT

In order to incorporate in the guideline of the debate on reading the matter of diversity of the objects and manners of reading in society, this thesis sought to reveal a public reading space less considered by prestigious culture: medical and odontological waiting rooms of Sorocaba. In a contrasting relation, it is shown how the reading representations, delineated by literate tradition, are attributed values and apparatus, concrete and abstract, that restrict the reading practice to a specific social level. Afterwards, I verified, in public spaces, that there are other forms of reading and I searched for the main intervenient factors in the constitution of these culturally less considered readings. In order to deeply understand how diffuse reading manner in society take place, ten medicine doctors and odontologists, geographically and socially diversified were visited and their receptionists and/ or people responsible for reading choices were interviewed. The proposed hypothesis considered that there would be only entertainment reading and that the offered objects of reading would be *Caras*, *Contigo* and old editions of *Veja*. Nevertheless, the results showed that besides the expected reading there is an additional one, originated by the singularities and idiosyncratic and elective affinities. Therefore, the reading motivation in waiting rooms is not always the distraction.

**Key- words:** reading topology; public reading space; reading in waiting room;

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	11
CAPÍTULO 1 – A LEITURA TIDA COMO A IDEAL.....	16
1.1 Topologia da leitura considerada ideal.....	18
1.2 A promoção da leitura ideal.....	39
CAPÍTULO 2 – O COMUM DA LEITURA.....	50
2.1 Leitura, ambiente e espera.....	52
2.2 Leitura e ambiente.....	65
2.3 Leitura inesperada.....	72
CAPÍTULO 3 – AS SALAS DE ESPERA .....	84
3.1 Máquina de trabalho.....	86
3.2 O tempo na espera.....	90
3.3 Narrativas da espera: contos.....	92
CAPÍTULO 4 – A PESQUISA.....	109
4.1 Metodologia.....	110
4.2 Os resultados.....	113
4.3 Análise e interpretação.....	150
4.4. Tabela de revistas e livros.....	152
CONCLUSÃO.....	154
REFERÊNCIAS.....	157

ANEXO A – ROTEIRO DE VISITAS.....	159
ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.....	160
ANEXO C – “A INFÂNCIA DE UM CHEFE”, DE J.P.SARTRE (COMENTÁRIO).....	162
ANEXO D – “VANIDAD” (ORIGINAL). CONTO DE EDUARDO LIENDO.....	165

## LISTA DAS IMAGENS

Imagem 1 - Woman reading a book.....	19
Imagem 2 - Reading's place.....	21
Imagem 3 - Biblioteca da Universidade de Sorocaba.....	23
Imagem 4 - Gabinete de Leitura de Sorocaba.....	26
Imagem 5 - Sala de estudo.....	29
Imagem 6 - Sala de aula.....	34
Imagem 7 – Escritório.....	37
Imagem 8 – Saguão de hotel.....	53
Imagem 9 – Sala de embarque.....	55
Imagem 10 –Cama de hospital.....	57
Imagem 11 – Prisão.....	59
Imagem 12 – Meios de locomoção.....	61
Imagem 13 –Meios de locomoção.....	62
Imagem 14 –Filas em ônibus.....	63
Imagem 15 –Bancos de praça.....	65
Imagem 16 –Lendo na praia.....	68
Imagem 17 –Lendo em café e restaurante.....	70
Imagem 18 –Lendo em elevador.....	73
Imagem 19 –Nas feiras.....	74
Imagem 20 –Em guaritas.....	76
Imagem 21 - Nas ruas.....	78
Imagem 22 –Em pé.....	80

Imagem 23 -.Em intervalos de atividades.....	82
Imagem 24 - Em sala de espera.....	84
Imagem 25 – Alice lendo.....	94
Imagem 26 – Sala de espera 1.....	113
Imagem 27 – Sala de espera 2.....	117
Imagem 28 – Sala de espera 3.....	120
Imagem 29 – Sala de espera 4.....	123
Imagem 30 – Sala de espera 5.....	127
Imagem 31 – Sala de espera 6.....	130
Imagem 32 – Sala de espera 7.....	133
Imagem 33 – Sala de espera 8.....	137
Imagem 34 – Sala de espera 9.....	141
Imagem 35 – Sala de espera 10.....	145

## INTRODUÇÃO

A prática da leitura no Brasil revela-se ineficiente e escassa sendo realizada por um pequeno número de privilegiados.

Esse pensamento cristalizou-se em nossa cultura, ao longo do tempo, apesar das poucas amostragens do universo de leitores no Brasil e de pesquisas que abrangessem essa prática cultural, em suas diversas formas e condições, já que, espalhadas pelo tecido social brasileiro, há múltiplas formas de se ler e que, às vezes, diferenciam-se do modelo irradiado pela cultura de prestígio.

Assumindo e consumindo uma leitura que corresponda à sua interação no mundo ou à sua experiência social, podemos encontrar leitores em bancos de praças e de jardins, em bancas de jornal e revista, em filas ou no interior de transportes coletivos, em bibliotecas públicas e particulares, nas esperas de atendimento, em repartições públicas, em salas de embarque, em salas de espera de prestadores de serviços, em hospitais, cadeias, todos espaços sociais de investigação de leitura.

Essas formas de ler são, no entanto, pouco consideradas, quase invisíveis em importância social por não corresponderem ao modelo ideal de ler.

O fato é que a constatação dessa lacuna tem causado danos que ferem a tranquilidade das perenes análises e promoções de leitura no Brasil porque exila-se o aspecto político-econômico que caracteriza a leitura como prática cultural.

Na fresta de um processo de exclusão social, entretecendo-se com as formas de leitura aceitas pela ordem representativa, as práticas de leitura *desautorizadas* materializam-se por procedimentos e condições que importam

descobrir e compreender, incorporando e compreendo suas existências no debate sobre leitura.

A análise de seus condicionamentos sociais e culturais talvez possa revelar caminhos de ruptura de uma representação de leitura no Brasil anacrônica e insuficiente, reorganizando-a de maneira mais real, garantindo mais eficácia nas intervenções pedagógicas e governamentais.

Dessa forma, a fim de que constem, nas discussões sobre leitura no Brasil, as não consideradas e pouco conhecidas, organizamos essa dissertação em quatro capítulos.

Começaremos referindo-nos à *leitura idealizada*, àquela construída, historicamente, como sendo a ideal. A tradição letrada, ao longo dos anos, vem delineando suas configurações, seus contornos que incluem ambientes cheios de símbolos<sup>1</sup> e signos da alta cultura, protocolos e hábitos que antecedem o próprio ato. À leitura ideal pertencem gestos como o de sentarmo-nos, confortavelmente, à luz de um abajur, cercado-nos por silêncio e almofadas ou como o de lermos, solitários e circunspectos, colocando nossos óculos e fazendo anotações em lugares feitos para serem de leitura como bibliotecas, salas e gabinetes de leitura.

Para melhor verificar essa conformação, criamos uma *topologia da leitura ideal*, com uma amostragem de lugares considerados ideais para que leitura possa se realizar de forma plena. Por meio dela, procuramos articular os determinantes históricos que a instituíram com elementos de natureza subjetiva do

---

<sup>1</sup> O que chamamos símbolo é um termo, um nome ou uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós. Às vezes, conhecemos o objeto, mas ignoramos suas implicações simbólicas. Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato.

sujeito que ali lê. Usaremos, como estratégia argumentativa, fotografias legendadas por pequenas crônicas.

Outro alicerce que sustenta essas imagens da leitura ideal são as mensagens contidas nas políticas e campanhas de incentivo à leitura. Nelas é constante a alusão de que ler traz resultados práticos, mensuráveis em comportamentos progressistas e redentores e até concepções como a de que ler transforma o leitor em uma pessoa melhor, mais feliz e completa. O fato é que a formação discursiva sobre leitura tem muito da concepção humanista que a concebeu como algo que nos forma, constitui e nos põe em questão.

O descompasso torna-se maior ainda, fragilizando o ponto de fusão entre promoção, mitificação da leitura e resultados objetivos quando observamos que as campanhas que visam à promoção do ato de ler não levam em conta a inserção social dos leitores parecendo ignorar que nem todos têm acesso aos bens culturais.

Idéia, ideal e representação, a leitura concretiza-se como uma prática que se exerce singularmente, de acordo, inclusive com as condições sociais do indivíduo, mas que parece existir somente quando é resultado da concepção que a sociedade formulou para ela. No entanto, as pessoas lêem de formas diferenciadas, como lhes permite sua inserção no mundo. Ao procurarmos práticas de leitura espalhadas na sociedade, encontramos pessoas lendo em bancos de praça e jardins, em filas ou dentro de transportes coletivos, em salas de embarque e mesmo em lugares em que não era esperada como dentro de elevadores ou mesmo em feiras livres, todos espaços de leitura, agora assim definidos, em função de sua prática.

É sobre esses *outros lugares de leitura* que discorreremos na segunda parte da dissertação. Nesses lugares, os objetos de leitura não estão disponíveis, com exceção das salas de espera que, apesar de serem ambientes em que a leitura possa ocorrer, não têm como princípio de sua confecção a leitura.

Também fizemos uso de recursos icônicos e narrativos procurando articular esses espaços, agora transformados em lugares de leitura, com os eventuais fatores que aproximariam a leitura do leitor, como o mal estar da demora, a busca por um lugar que o isole dos outros integrantes do espaço público ou uma curiosidade exacerbada em saber qual o resultado da loteria ou se é mesmo erótica a cena de sexo do último livro do Paulo Coelho.

Na tentativa de informarmo-nos mais sobre essas práticas de leitura em sociedade, elegemos um ambiente para a continuação de nosso trabalho: a sala de espera que se constituiu no objeto de pesquisa de nossa dissertação.

Nas salas de espera, procuramos verificar como o tempo vazio da espera, aliado à ação dos fatores pulsionais dos esperadores e aos ditames da economia empresarial do tempo com sua necessária otimização influenciam na procura de objetos de leitura. Como estratégia, fizemos uso de *contos* que têm como elemento constante, o tempo da espera.

O processo de pesquisa, descrito na última parte da dissertação, fundamentou-se em dados coletados junto a fontes orais – em salas de espera diversificadas econômica e geograficamente – e documentais, fotografias.

Dez entrevistas semidirigidas, com duração aproximada de 40 minutos, gravadas e posteriormente transcritas, foram realizadas com os responsáveis pela escolha dos objetos de leitura ou com quem acompanhava o desenrolar do

movimento cotidiano das salas de espera, querendo saber quem, o quê, como, em que condições e por que razões lê-se ou não nas salas de espera. Médicos, dentistas e, principalmente, recepcionistas forneceram-nos importantes subsídios às análises propostas.

As visitas às salas de espera tornaram possíveis não só a coleta de depoimentos e a busca de fontes documentais escritas, como também a realização de observações cujos registros constituíram a base de um diário de campo, instrumento para a retenção de impressões a respeito da realidade estudada. A pesquisa utilizou-se de fontes iconográficas, que serviram como base contextual e ilustrativa.

O final da pesquisa indicou que, mesmo que haja reverberações do discurso oficial, responsável pelo conjunto de procedimentos que regulam as diversas práticas culturais, como a leitura, a ocupação dos lugares, nos diversos ambientes visitados por nós, se deu de forma singular, às vezes redefinindo relações entre espaço público e privado – outros lugares de leitura – outras, modificando as indicações esperadas – será mesmo verdade que as pessoas só lêem *Vejas antigas*, *Caras* e *Contigos*?

O que nos motivou é a certeza de que a diversidade dos modos de leitura em sociedade deve constar em qualquer debate democrático, para que nossa atuação e intervenção nas diversas instâncias em que ela é tratada, não seja inócua, inoperante.

## CAPÍTULO 1

### A LEITURA TIDA COMO A IDEAL

O principal objetivo desse capítulo é descrever os condicionamentos culturais que compuseram e compõem uma forma de ler como sendo o ideal, aquela que agrega componentes que levariam ao bom desempenho da leitura.

Pensar nessa organização e em como apresentar o conteúdo pretendido fez com que recorrêssemos a uma topologia de lugares configurados, historicamente, para ler, registrando-os por meio de fotografias já que a análise iconográfica perpetua e favorece a inclusão de variáveis que auxiliariam no delineamento dos aspectos a serem apontados.

A iconografia traz consigo o sentido da composição calculada, das estruturas pretendidas, atribuindo significados aos objetos e personagens que encontram a escala justa e se impõem eternizando o gesto captado, a postura do corpo e outros constituintes encontrados nas cenas de leitura aqui apresentadas.

Além das fotos, faremos uso de pequenas crônicas que, legendando as cenas de leitura, auxiliarão em nossas análises. A exposição do espaço, *Sala de estudo e leitura*, será ilustrada por um conto para mostrar que há outras condições, além de um ambiente configurado para ser de leitura, para que ela se realize.

Vários são os fatores que compuseram, promoveram e promovem esse tipo de prática de leitura como sendo a ideal. Determinantes sociais, políticos, econômicos e culturais permitiram que a classe dominante-intelectual preceituasse um modelo de como devem ser as práticas de leitura na sociedade, legitimando e desconsiderando obras, autores e formas de se ler e preservando, assim, os valores que a constituíram.

Dessa forma, cenas de leitura, ao longo da história, sempre foram consideradas cenários compatíveis com a demonstração de poder social e intelectual e, os ambientes, lugares quase sagrados, configurados para abstrair o sujeito do mundo em uma meditação solitária e nobre.

*Esta associação entre leitura e enobrecimento do sujeito foi construída historicamente, tendo recebido forte impulso com a ascensão da burguesia. Boas casas, belos vestidos, ambientes confortáveis e livros; homens e mulheres bem instalados socialmente parecem ter ficado satisfeitos em associar-se a esses sinais exteriores de sucesso. Passam-se os séculos, altera-se o meio, muda a tecnologia, mas o imaginário em torno ao ato de ler permanece. (ABREU, 99, p.4).*

Um lugar de leitura poderia ser constituído somente pela oferta e disponibilidade do objeto, um espaço físico para o corpo e um suporte que permitisse o manuseio do livro.

No entanto, nas cenas que veremos a seguir, demonstraremos, como às imagens de leituras tidas como ideais vinculam-se objetos, adereços, móveis, vestimentas e posturas, prescrevendo um "estilo de vida", uma configuração apropriada para que a leitura mesma se dê em sua plenitude.

Esse conjunto de elementos assinala e autoriza como são os leitores vistos como ideais, delineando, nas propriedades anteriores ao ato de ler, uma definição de condição social.

Por conta disso, na manutenção de uma certa matriz ideológica, silêncio, solidão, sofás acolhedores e sombras de árvores frondosas são, agora, elementos que perfazem e regulam as condições ideais de leituras ritualizadas e restritas a alguns participantes da sociedade brasileira que

Isolando-se circunstancialmente dos ambientes coletivos, numa atitude de recolhimento, a moça lê – e lê um livro – recostada em sua poltrona predileta ou estirada languidamente em um divã ou acolhido por uma árvore frondosa que projeta sua sombra sobre um chão suavemente gramado ou, ainda – no caso do leitor intelectual – debruçado atentamente sobre uma escrivaninha e, em todos os casos, absorto na leitura. Tal imagem não passa de um estereótipo – o estereótipo de um certo modo de ser burguês “. (BRITTO, 98, p. 61).

### **1.1 Topologia da leitura considerada como a ideal**

Nas cenas de leitura a seguir, podemos perceber um atrelamento entre a sua realização e as condições de determinada classe social. Esses cenários de leitura são legitimados e projetados na sociedade por intermédio de conceitos e imagens autotélicas e intransitivas, em um jogo eterno de intertextualidade, ora fazendo uso de auto-representação, ora de auto-referencialidade.

### *Cantos de leitura:*

Encontramos cantos de leitura em livrarias, com poltronas, iluminação que convidam à leitura; em residências como nichos de leitura, uma poltrona com uma luminária...lugares que objetivam estudo, trabalho, compenetração e possibilidade de lazer.

As imagens de leitura de números um e dois foram retiradas do *site corbis.com* e traduzem, simbolicamente, uma representação da leitura configurada, culturalmente, como sendo a ideal, aquela associada a ambientes tranquilos e isolados e a que traz marcas próprias de leitores pertencentes às classes sociais privilegiadas economicamente.

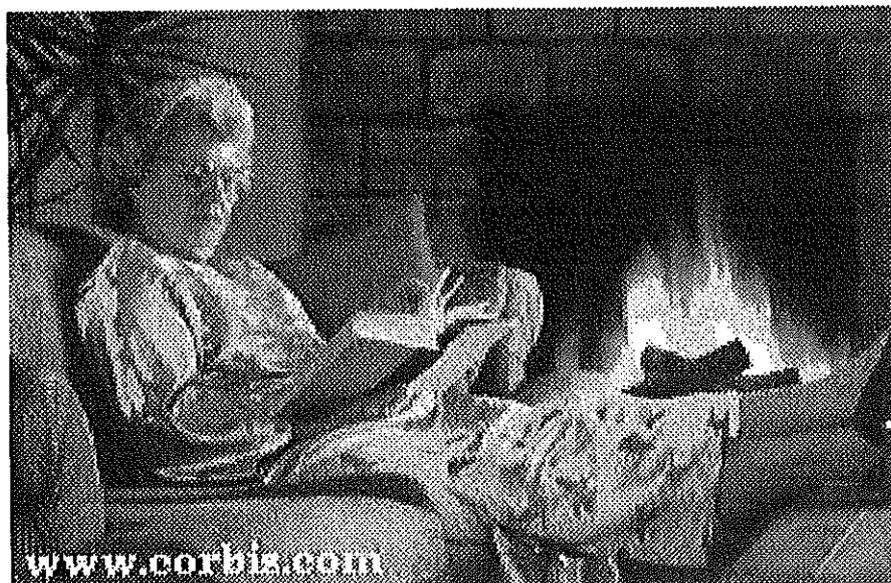


Imagem 1: *woman reading a book*

*O enquadramento é exato, preciso. Sofá, lareira acesa, esquentando, iluminando e esclarecendo reflexões; almofada vermelha, silêncio e uma palmeira ao fundo: são todos componentes que permitem que a senhora de meia-idade,*

*usando óculos, loura e bem vestida, com meias de seda, sapatos escarpin e colar, sentada em uma bela e confortável poltrona, harmoniosamente, leia.*

*Dessa forma, à sua companhia soma-se um elenco de artefatos que configuram uma cena de leitura respeitada culturalmente e que, cristalizada, passará a pertencer às representações de leitura ideal.*

*Toda a composição do ambiente parece feita sob medida, acomodando uma leitora concentrada, alheia ao mundo exterior e integrada em um sistema de ecos que acolhe e autoriza o ato da leitura.*

*A coluna vertebral acomoda-se em uma posição confortável que facilita o manuseio de um grosso livro, com capa dura e uma possível tomada de apontamentos.*

*Nessa representação, o que é só figura, imagem, transforma-se em símbolos com fortes traços definidores de condição social.*

*Conforto, silêncio, recolhimento, intimidade são partes do ambiente que combinam com uma maneira de ser, de estar e de ler.*

*Atrás do livro, no sofá confortável, na moradia confortável, em um ambiente confortável, o personagem-leitor traduz a leitura ideal.*

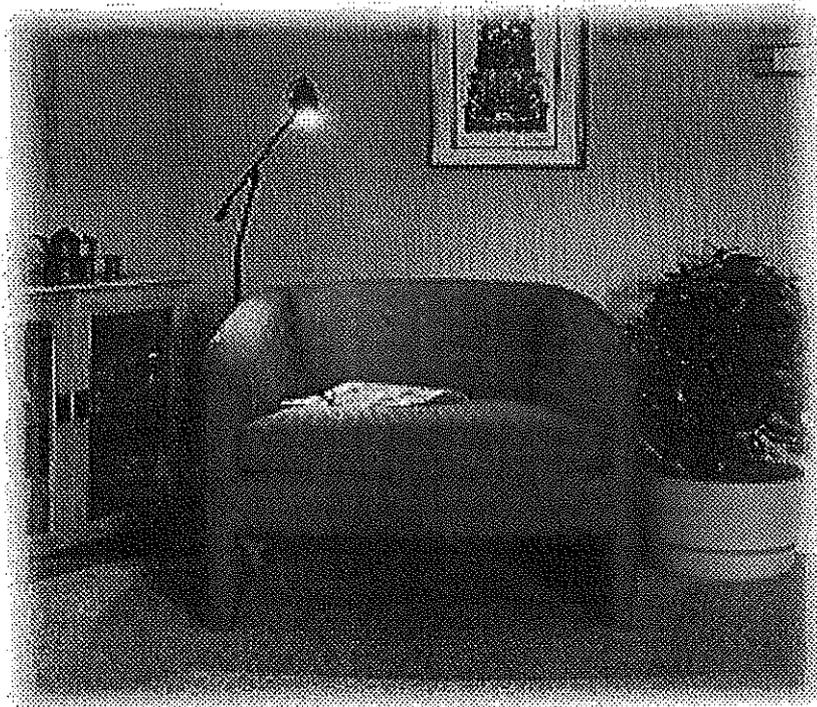


Imagem 2: *reading's place*

*A poltrona acomoda confortavelmente um Leitor que poderá esticar os pés em uma almofada acomodada em um pufe. Descalçará os sapatos, regulará a luz para que a página não fique na sombra, cobrirá suas pernas com um cobertor e relaxadamente lerá. A composição harmônica dos elementos da cena ajudará na realização de seu objetivo.*

*O papel de parede, em tom pastel, o abajur moderno que ilumina ligeiramente por trás, do lado esquerdo, mostrando ser o Leitor destro, o vaso, em um tom de azul mais claro do que o da cadeira, assim como a cristaleira ao lado*

*induzem à atmosfera apropriada de uma leitura que poderá ser realizada em horas de silêncio e concentração.*

*Nos momentos de maior tensão da narrativa, o Leitor procurará uma posição melhor na poltrona e ajeitará o corpo preparando-se para ler o novo trecho com avidez.*

*Com o livro aberto sobre os joelhos, o leitor fixará o olhar em um pequeno buraco no cobertor, talvez feito por um cigarro, pensará por instantes, mas logo o esquecerá e se deixará levar pelo que acabou de ler. A chuva cai mansamente lá fora.*

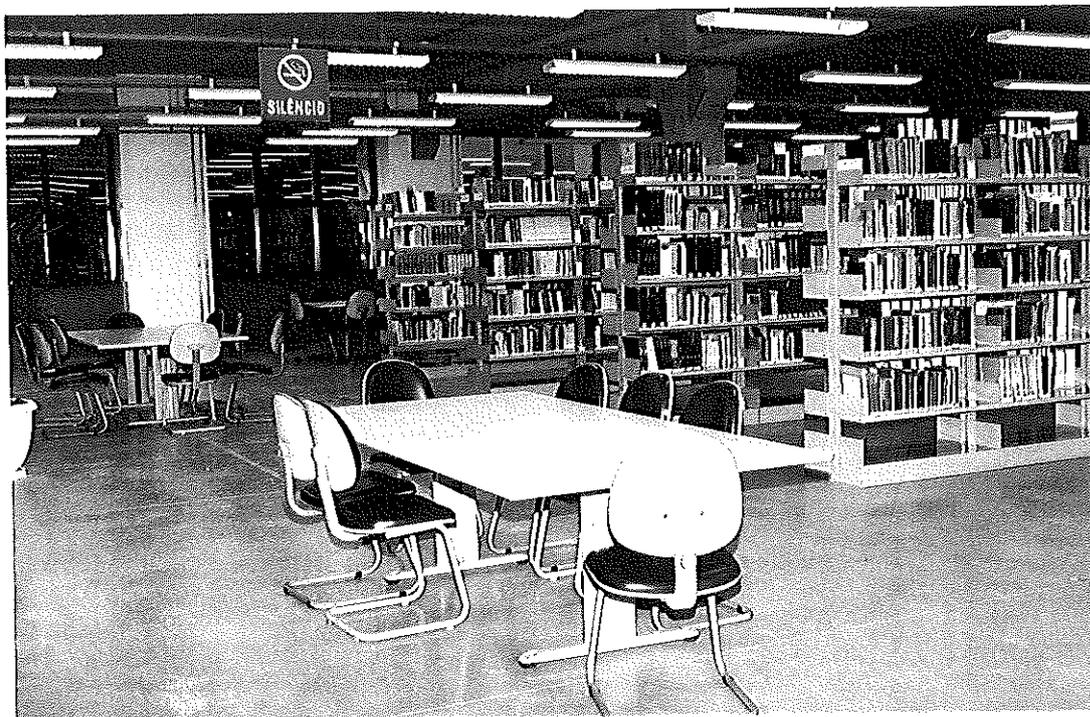
### *Bibliotecas*

Uma biblioteca é uma parte de um edifício público ou particular onde se instalam grandes coleções de livros dispostos ordenadamente destinados à leitura, consulta ou estudo e que visam à transmissão de cultura.

Ao longo do século XIX, houve uma propagação de bibliotecas públicas no Brasil que tinham, como um dos objetivos, levar aos leitores um modelo de comportamento ideal.

Entre as bibliotecas públicas existem as de referência em que apenas se consultam os livros, e as circulantes, onde se podem retirar um livro e devolvê-lo depois de um prazo combinado.

Tradicionalmente, prédios e ambientes - nos quais são mantidas coleções de livros manuscritos, diários e outras fontes de informações arquivadas para uso público - são austeros e silenciosos.



*Imagem 3 Biblioteca da Universidade de Sorocaba – UNISO – campi Raposo. PALLADINI, Jéfferson, 2004.*

*As mesas, com dimensões suficientes para acomodarem o material e cadeiras confortáveis que facilitam a boa postura são elementos do contexto físico*

da biblioteca Universidade de Sorocaba, UNISO, situada na cidade de Sorocaba, na rodovia Raposo Tavares.

Lá encontramos pessoas realizando atividades de estudo, pesquisa ou mesmo de uma lendo sem finalidade prática.

A iluminação – tanto a natural quanto a artificial - é suficiente para clarear toda a área de estudo. A permanência mantém-se com um mínimo de movimentação e ruído. A decoração minimalista do ambiente também contribui para que os estímulos exteriores não distraiam os leitores levando-os à desconcentração.

O desenho arquitetônico procura manter as pessoas isoladas encetando uma não interrupção no trabalho com textos que geralmente necessitam de prospecção e reflexão, configurando uma atmosfera respeitosa, quase mística.

Perguntamos a um leitor, presente na biblioteca, qual sua leitura favorita e ele disse estar lendo Nietzsche, "Quando Nietzsche Chorou", de Irvin D. Yalom. "O livro é um thriller intelectual sobre o filósofo alemão Friedrich Nietzsche e o nascimento da psicanálise na Viena do final do século passado", acrescentou. "Uso a biblioteca para ler mesmo que não sejam livros da faculdade. Aqui tem silêncio, computador, espaço e água gelada".

As bibliotecas sempre trouxeram, em seus ambientes, uma aura de lugar onde se articulam saber e poder.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Para maior aprofundamento sobre as práticas de leitura do século XIX ver: MOYSÉS, Sarita M. \* A. "Literatura e história: imagens de leituras e de leitores do Brasil no século XIX", Revista brasileira de educação no. 0. São Paulo: ANPED, Set/Out/Nov/Dez, 1996, p53 a 62. Sobre a importância dos estatutos de bibliotecas e sociedades literárias como fonte para o mapeamento do universo dos livros e dos leitores, ler: AUGUSTI, Valéria. "Leitura

Na primeira biblioteca no Brasil, fundada no século XIX, na Bahia, a leitura de livros era restrita a uma elite que via o livro como um instrumental educativo que possibilitaria a civilização e o progresso, além da incorporação de bons costumes.

Dessa forma, historicamente, as bibliotecas eram consideradas centros de cultura e de aprimoramento intelectual e, em seu recinto, sempre foram observados o silêncio e o respeito.

A literatura, no entanto, não trata o contexto de uma biblioteca como o de um lugar exclusivamente reservado à prática do silêncio.

Em "Se em uma noite de inverno um viajante...", Calvino (2003) apresenta-nos um viajante-leitor que após ter dado a volta ao mundo, de um livro para outro, encontra, em uma biblioteca, um ponto de paragem.

Acontece que nesse espaço há vários leitores em diálogo e o personagem, sentado à mesa em que se encontram, passa a observá-los e a ouvi-los falar sobre como lêem e sobre o que esperam encontrar nos livros.

Se quiserem insistir na subjetividade posso estar de acordo com vocês, mas não no sentido centrífugo que lhes atribuí. Cada novo livro que leio passa a fazer parte desse livro geral e unitário que é a soma das minhas leituras. Isso não acontece com facilidade: para compor esse livro geral, todo o livro particular deve transformar-se, entrar em relação com os livros que li anteriormente, tornar-se o seu corolário, o seu desenvolvimento, a sua refutação, a sua glosa ou o seu texto de referência. Freqüento essa biblioteca há anos e exploro-a volume por volume, estante por estante, mas poderei demonstrar-vos que não fiz mais do que prosseguir a leitura de um único livro.(CALVINO, 2003, p.259).

## Gabinetes de leitura



**Imagem 4:** Gabinete de Leitura de Sorocaba. PALLADINI, Jéfferson, 2004.

*Quem deixa de aparecer nessa foto?*

*Que tipo de leitores romperia ou desorganizaria a experiência tranqüila de olhar pessoas lendo, em silêncio, em um gabinete de leitura?*

*Além da explícita, as fotos contam uma outra história que inclui processos de seleção e que mostram ausências. Técnica e simbolismos entrelaçados em uma representação icônica que representa uma pista da realidade, já que a*

*imagem fotográfica, às vezes, com ambigüidades, induz a diferentes relações cognitivas.*

*A decifração – que o espectador acredita ser sua - inclui o consumo de reproduções de interpretações historicamente constituídas, legitimadas e autorizadas.*

*O espectador vê e reconhece a cena por meio dos olhos de outros; identifica-se, na contemplação, e compartilha com os que estão a seu lado reafirmando uma certa concepção de realidade.*

*O Gabinete de Leitura de Sorocaba, localizado na Praça Cel. Fernando Prestes, no Centro, foi inaugurado em treze de janeiro de 1867, por Luís Mateus Maillasky.*

*Hoje, o Gabinete conta com quatrocentos sócios que podem usufruir tanto a leitura de periódicos diários quanto a de jornais que remontam há séculos.*

*Segundo um de seus associados mais antigos, o Gabinete, mesmo antes de sua fundação quando era chamado de Clube Aymoré, sempre foi freqüentado por pessoas da elite sorocabana, em sua maioria coronéis e capitães e pelos engenheiros alemães da fazenda Ipanema, todos trajando terno e gravata.*

*Atualmente, o Gabinete perdeu esse caráter elitista, embora ainda sejam exigidas certas condutas que vão da indumentária – é proibido entrar de bermudas e chinelos – a comportamento discretos.*

*Os seus freqüentadores, em sua maioria, segundo a pessoa encarregada do Gabinete, são antigos sócios que ali vão, quase diariamente, para ler os jornais*

diários, escrever cartas e encontrar os companheiros. Os sócios mais novos usufruem mais do acervo dos filmes – inaugurado recentemente – e do acesso gratuito à internet em um dos dois computadores disputadíssimos oferecidos aos sócios.

Na primeira metade do século XIX surgiram muitos outros Gabinetes de Leitura, sempre voltados para a instrução de seus selecionados associados.

Em São Paulo, havia vários Gabinetes de Leitura, muitos deles de caráter ideológico, ligados, principalmente, à maçonaria.

No entanto, a maioria deles tinha como meta a difusão da cultura e a valorização dos legados espirituais de nosso país.

Lojas de ler e de alugar livros, os Gabinetes de Leitura permitiram a fixação de determinado público leitor.

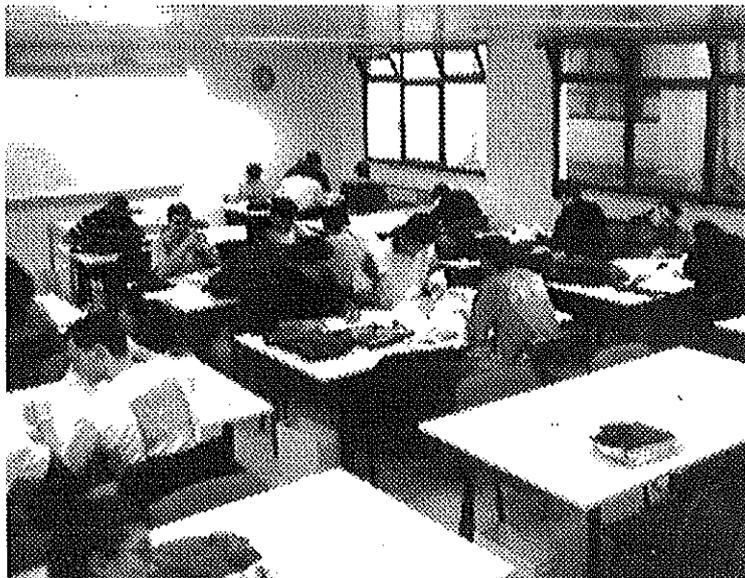
Com muita frequência os gabinetes de leitura são confundidos com bibliotecas públicas. Em algumas construções eles apresentam-se como um dos aposentos mais separados do resto da edificação, com cabinas individuais onde a leitura se realiza.

Neles, não é permitido falar, fumar, comer, beber ou tomar quaisquer outras atitudes que ponham em causa o ambiente de silêncio e disciplina.

Conseqüentemente, não é permitido o estudo em grupo nas salas de leitura.

Para esse efeito existem áreas reservadas.

*Salas de estudo e de leitura*



**Imagem 5:** sala de estudo da Fundação Toledo de Ensino de Araçatuba.  
*PALLADINI, Jéfferson, 2004.*

*A fotografia revela muito mais do que as imagens do instante fotografado. Além do cenário, dos personagens e das leituras dos tempos e espaços aparentes, ela indica os vínculos e relações presentes nesse texto imagético e revela, também, a arte de seu autor de produzir inferências.*

*Na imagem cinco, o grupo tem a mesma vivência e mesmo que o ângulo, o enquadramento, a luminosidade e os planos escolhidos narrem muitas histórias dos sujeitos instantaneamente eternizados, o espectador é conduzido a uma rede*

*de idéias de entendimento e compreensão da foto que restringe o cenário como pertencente a uma condição social restrita.*

*As salas de estudo ou de leitura fazem parte de uma biblioteca. Nelas encontram-se todos os apetrechos exigidos para a realização das atividades de leitura e estudo. São oferecidos dicionários, enciclopédias, mapas e, às vezes, computadores.*

*Trabalhos em equipes, elaboração de seminários, a argumentação meio confusa de uma quase-monografia ou um espaço autorizado para a solidão necessária misturam-se em um ambiente que distribui e acomoda os desejos, mesmo os do que está ausente, já que seu lugar está garantido na cena exclusiva de determinados componentes de uma classe social.*

*Controlar as condições ambientais das salas de estudo em busca de um melhor desempenho em relação à leitura ou ao estudo não apresenta problemas, já que a fiscalização do barulho excessivo é feita pelos próprios frequentadores que tentam preservar o silêncio e a concentração.*

## **Lucas**

Eu tinha quinze anos quando entrei, tremendo de frio, na sala de leitura da biblioteca pública no centro da minha cidade. Como sempre, conferi o retrato do doador do primeiro acervo, Dr. Carlos Miguel Novaes, e era automático: o sorriso

irônico do Dr. Carlos, tentando ser sério, posado por horas e horas, sempre me centralizava de forma reconfortante.

A sala de leitura parecia uma espécie de alcova pequena com um teto elevado. Havia muitos ganchos para pendurarmos casacos, bonés e um espelho antigo pregado em um móvel com pés quadrangulares que, barrando propositamente um dos ângulos da sala, dirigia o usuário ao funcionário encarregado.

Naquela terça, a sala estava cheia. Mostrei rapidamente meu cartão de leitor para a Lúcia que foi buscar o livro que lia, ali, todos os dias. Fixei o olhar no regulamento. Já decorara algumas passagens:

#### Não é permitido aos usuários:

- falar alto;
- manter os celulares ligados ou utilizá-los dentro das instalações da Biblioteca, assim como da Sala de leitura;
- utilizar som nos PC's (se usar auscultadores, ponha o som de modo que mais ninguém o ouça);
- mudar a disposição das mesas (quanto às cadeiras, deixe-as arrumadas nos respectivos lugares);
- comer, beber (exceção, poderá ter consigo uma garrafa de água) e fumar; jogar cartas etc.
- O usuário que mantiver conduta imprópria na Sala de Leitura, como conversar em voz alta, será alertado verbalmente pelo encarregado. Se persistir, o fato será comunicado ao assessor para aplicação das medidas previstas neste Regulamento e no Estatuto Social.

Procurei meu lugar e conferi o horário. Tinha duas horas e quinze. Abri meu livro no começo. Gostava de reler o começo:

Você vai começar a ler o novo romance de Ítalo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no infinito. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre um televisor ligado. [...] Escolha a posição mais cômoda: sentado, estendido, encolhido, deitado. [...] Numa poltrona, num sofá, numa cadeira de balanço, numa espreguiçadeira, num pufe. Numa rede, se tiver uma. (CALVINO, 2003, p.11).

Quando estava abrindo o livro na página que parara, um senhor, que eu já vira por lá mesmo, sentou-se no lugar que havia em minha mesa e aproximando-se muito de mim começou a conversar comigo. O problema era que ele falava alto demais, a abordagem fora em voz muito alta e o cartaz da minha frente parecia gritar:

**A Sala de leitura é um centro de cultura e, como tal, deve ser considerado. Em seu recinto, deverão ser observados o SILÊNCIO e o RESPEITO!!!**

Tudo isso me deixava meio constrangido, mas meu vizinho de mesa parecia não se importar.

Dizia que eu era filho de um muito amigo seu e outras informações que eu não queria entender.

De repente, abrindo uma carteira de couro marrom meio esgarçada, olhou-me por um tempo, sem falar nada, como se arrumasse o curso dos pensamentos e tirou, do meio de dinheiro, papéis dobrados e cartões, uma foto.

Entregou-me e, com emoção, disse ter pertencido à sua mulher. Pediu-me para ler o que estava escrito no verso e como não entendi nada, olhei para ele

com um olhar mendicante e constrangido Sem desviar os olhos e com uma ponta de orgulho disse-me que era *adeus* em alemão.

A memória apossou-se de meu vizinho, tomou conta da sala redemoinhando nas peças imóveis que nos cercavam e nos cartazes espalhados pela Sala de leitura...

As palavras saíam seguras de sua boca emoldurada por um bigode mal cuidado. Falou-me sobre a mão pequena de sua mulher na sua, no porto que, abandonado, o levaria à guerra. Relembrou-se da foto que permanecia em sua mão, ali colada, suada, dolorida, ferindo o seu corpo que se afastava cada vez mais do ponto da terra onde lhe acenava a mulher que mais amara na vida e a quem iria dedicar-se inteiramente a esse fim.

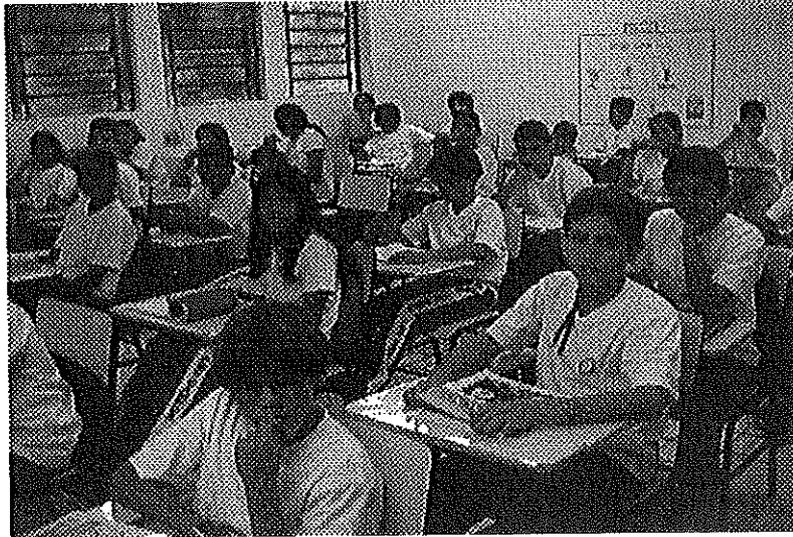
"Adeus", disseram-se. Escreveram-se muito.

Recebera a notícia da morte dela por uma carta oficial junto com três cartas suas que ela nunca chegara a receber.

E era isso, suspirou. E mais o sentimento do vazio de sua existência que parecia exaurir-se lentamente, dia após dia.

O senhor, ao meu lado, olhou-me. Seu olhar proclamava o vazio. "Até amanhã", ele disse. E retirou-se.

*Salas de aula:*



*Imagem 6. Sala de aula tirada do site [www.procampus.com.br](http://www.procampus.com.br)*

*Na foto acima, em plena aula de leitura, somente um estudante continuou absorto; todos os outros olharam para o fotógrafo e fizeram pose. A sala de aula iluminada e limpa mostra-nos meninos e meninas de treze ou quatorze anos sentados, organizadamente, em carteiras que portam objetos de leitura.*

*As dinâmicas cotidianas das salas de aula são continuamente perpassadas pela leitura. Mas a maioria dos alunos da oitava série do colégio Veritas, de Sorocaba diz-nos, em conversa informal, não se interessar por livros. "A gente lê porque o professor manda, lê porque vai ter de fazer prova sobre o livro..."*

*No entanto, revistas como Capricho, Carícia são passadas de mão em mão sob a vigilância atenta dos colegas que tentam driblar a atenção da professora.*

*Mesmo sabendo que o momento da leitura, em sala de aula, é uma das modalidades mais importantes para a construção de sentidos e entendimento do mundo, a falta de contato com textos e contextos ou de atividades mais completas e satisfatórias fazem com que a leitura perca a característica da troca socializada, já que ela se faz de forma fragmentada, por meio de pedaços de textos, de resumos etc.*

*A leitura, como experiência social, deveria ser aquela dos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, compartilhando sentimentos e reflexões.*

*O que afasta a criança ou um adolescente da leitura de um livro, talvez não sejam só a televisão, videogames, shopping-centers, MacDonald's. O afastamento, a apatia, passa pela obrigatoriedade da ficha de leitura, do livro-dever. Assim, a fruição de textos esbarra no desejo de ouvir, de saber, de descobrir, sentir-se habitado pelo livro, deixar que o livro nos carregue.*

*No entanto, há várias estratégias para aproximar aluno e livro: "O conto na sala de aula", "Abraçando a palavra", "A arte de contar histórias" e "A formação de leitores" são oficinas e cursos oferecidos por instituições públicas e particulares aos professores, com o objetivo de prepará-los para trabalhar com a leitura em sala de aula.*

*Nos prospectos encontramos explicações como essa:*

*"Nossa intenção é contribuir com a criação de um espaço efetivo para a reflexão e vivência de práticas pedagógicas para a formação de leitores.*

*Acreditamos que a temática não poderia ser mais acertada, já que a Literatura tem um papel muito especial na 'construção' do indivíduo e de sua visão de mundo".*

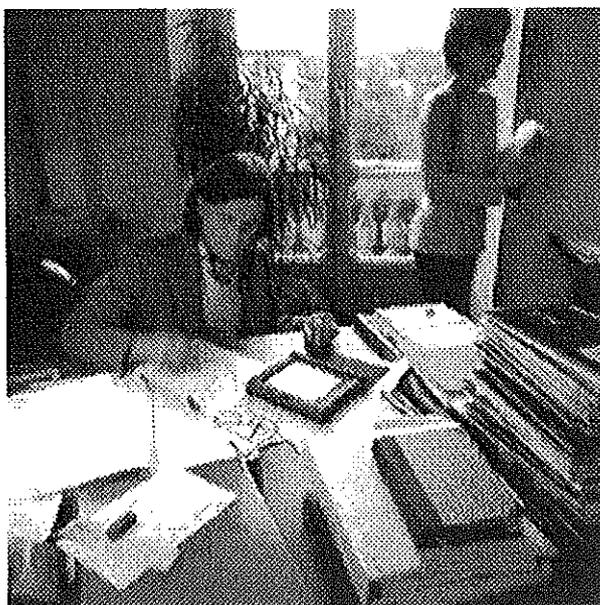
*E assim, entrevistando o mais velho cidadão da cidade, fazendo listas de compras ou cartas à diretoria da escola solicitando o uso do salão de jogos, interpretando músicas de Renato Russo e comparando-as com a alegoria da caverna de Platão, lendo em voz alta, agora em silêncio, teatralizando excertos de Vidas Secas ou competindo em campeonatos de leitura, os estudantes a formarão conceitos que os auxiliarão na análise da realidade na qual poucos podem interferir.*

*Segundo a professora do Colégio Novo Horizonte, Heloísa de Lucas Meirelles, "A leitura está presente em nossas vidas de forma muito intensa, pois está associada a muitas de nossas atividades, sejam de trabalho, lazer ou mesmo de nossa rotina cotidiana como fazer compras ou ler um bilhete deixado por um familiar ou amigo. Lemos sempre com um propósito. Lemos jornais para nos informar sobre o mundo em nossa volta; rótulos de produtos para identificar seus componentes e prazos de validade; lemos manuais para poder operar equipamentos; lemos cartas e e-mails para interagir com as pessoas; lemos formulários para inserir as informações solicitadas; romances e contos para nos distrair e nos dar prazer estético. Essas leituras são, geralmente, feitas em silêncio, a não ser quando queremos compartilhar trechos com pessoas ao nosso redor".*

*Segundo Rosângela Lima Rodrigues, professora da sétima série da Escola Estadual do Parque das Laranjeiras, zona norte de Sorocaba, "A leitura em*

*minhas aulas já não existe há tempos. No começo eu trazia um xerox e distribuía para os alunos lerem, primeiro de forma silenciosa e depois, um por um, em voz alta. Virava uma bagunça infernal... às vezes, acontecia até violência física porque um aluno xingava o outro que revidava com pontapés. Desisti".*

*Escritórios:*



*Imagem 7:Escritório. Fonte: [www.ebookcult.com.br/ebookzine](http://www.ebookcult.com.br/ebookzine)*

*A imagem sete mostra-nos uma situação de leitura própria de um escritório de alto nível social. Decoração requintada, paredes de cor pastel, porta-balcão que nos conduz a uma varanda são elementos que compõem uma cena de leitura restrita a poucos e dependente de uma condição social.*

*Podemos visualizar livros, óculos, canetas, anotações, além de várias fontes de comunicação e de informações, componentes que indicam tanto o conhecimento acumulado como o trabalho intelectual em ação.*

*Acesso à Internet, com informações, pesquisas, notícias, e-mail são facilidades cada vez mais crescentes entre os componentes das classes sociais mais privilegiadas.*

*Para o administrador de empresas Wilson Roberto, 49 anos, a Internet resolveu grande parte de seus problemas. "Se esqueci o jornal em casa, posso ler no escritório sem problemas: basta acessar a página. Ficou muito mais fácil transmitir relatórios para os clientes, o número de fax sempre estava ocupado, hoje resolvo com o e-mail", relata o administrador.*

*Já para Nazareth de Santana, 52 anos e empregada doméstica, "o preço do computador deveria ser mais barato, porque meus filhos gostariam de conhecer". Segundo a trabalhadora, a Internet ainda está muito restrita às classes média e média alta.*

*A estudante de medicina veterinária, Fernanda Possas, 20 anos, declara "a Internet tem resolvido grandes problemas da faculdade. É possível encontrar informações sobre determinados assuntos e ainda tirar dúvidas com os professores sobre trabalhos por e-mail e até mesmo enviá-los quando se faz necessário".*

## 1.2 A promoção da leitura

As campanhas de promoção de leitura tratam o objeto *livro* como um instrumento poderoso, capaz de tirar, quem lê, da ignorância das trevas e, por intermédio do conhecimento, de transformar, esse agora leitor, em um ser humano melhor, mais crítico e participativo dos problemas sociais da sociedade em que vive. É como se os livros carregassem neles mesmos essas características.

Nessa caracterização fetichista do ato de ler estão presentes valores e significados positivos disponíveis a todas as pessoas, vistas como compradores potenciais e que, se não o forem, estariam sendo lesadas pela falta do hábito redentor da leitura.

Tanto assim, que nas imagens contidas nas campanhas, aparecem, por exemplo, pessoas bonitas e felizes, ávidas por ficarem a sós com um livro que há muito tempo gostariam de ler e por encontrarem um canto tranquilo, sossegado para poderem segurar o livro nas mãos, namorar sua capa, verificar o seu papel, apreciar a tipografia, olhá-lo de frente, cheirá-lo, senti-lo e abrir a primeira página.

Podemos perceber essa forma ritualística de apropriação textual em uma poesia de Carlos Drummond de Andrade, no poema *Biblioteca Verde*, (apud. ZILBERMAN, 1997, p.23).

Nela, o poeta relata-nos sua felicidade quando ganhou do pai todos os volumes pertencentes à coleção Biblioteca Internacional de Obras Célebres:

*Chega cheirando a papel novo, mata  
de pinheiros toda verde. Sou  
o mais rico menino destas redondezas.  
(Orgulho, não; inveja de mim mesmo.)  
Ninguém mais aqui possui a coleção  
das Obras Célebres. Tenho de ler tudo.  
Antes de ler, que bom passar a mão  
no som da percalina, esse cristal  
de fluida transparência: verde, verde.  
Amanhã começo a ler. Agora não.  
Agora quero ver figuras. Todas.  
Templo de Tebas. Osíris, Medusa,  
Apolo nu, Vênus nua..Nossa  
Senhora, tem disso nos livros?*

O menino-poeta passa os dedos sobre as capas dos livros, afagando-as, manipulando-as; olha primeiro as figuras, perdendo-se nas imagens e nas relações que elas despertam no seu repertório cultural para, aí sim, começar a leitura.

No entanto, todos esses cuidados, concedidos à expectativa da leitura, são derivações próprias de um leitor *que sente prazer com as palavras, com certas palavras, com certos arranjos de palavras* (Barthes, 1984), de uma pessoa que conversa sobre livros, que pára em frente à vitrine de uma livraria, que acompanha lançamentos pelos jornais e que visita sebos. São atributos idiossincráticos constituídos, ao longo de sua vida, produtos de diferentes influências e motivações.

Segundo Schopenhauer (1994), com o hábito da leitura, não conseguimos nem aprimorar ou reconstruir nossos enunciados textuais, nossa oratória, se não possuímos, latentes, os valores intrínsecos à boa retórica.

Nenhuma qualidade literária, como, por exemplo, força de persuasão, riqueza de imagens, dom de comparação, audácia, ou amargor, ou brevidade, ou graça, ou leveza de expressão, ou ainda agudeza, contrastes surpreendentes, laconismo, ingenuidade etc, podemos adquirir lendo autores que as possuam. O que podemos é, através deles, despertar em nós tais qualidades no caso de já as possuímos como inclinação, quer dizer, em potencia, trazê-las à consciência, podemos ver tudo o que se pode fazer com elas, podemos ser fortalecidos nessa inclinação, na coragem de usá-las, podemos julgar o funcionamento de seu uso pelos exemplos e, assim, podemos aprender seu uso correto; em todo caso é só depois disto que as possuímos também em actu. Esta é a única maneira de a leitura educar-nos para escrever, na medida em que nos ensina o uso que podemos fazer de nossos dons naturais; sempre na suposição de que esses dons existam.

(SCHOPENHAUER, 1994 p.21).

As campanhas de promoção da leitura ignoram as condições efetivas que constituem a possibilidade de os sujeitos tornarem-se bons leitores, propagando seus slogans a todas as pessoas, não levando em conta suas condições históricas.

Acreditam ao mostrarem cenas de leitores felizes, sentados em poltronas confortáveis, com os pés em almofadas fofas ou que se veicularem propagandas que joguem com imagens metafóricas - lâmpadas acesas, mente aberta, mãos espalmadas e receptivas – estarão motivando as pessoas a lerem e que conseguirão reestruturar o horizonte cultural dos que não têm a prática da leitura, incluindo-os, por meio de quadros edificantes e de uma relação ritualizada com o livro, em um mundo melhor e mais elevado.

As campanhas parecem esquecer-se de que o que falta aos não-leitores, aos que lêem pouco ou aos maus leitores não seria explicado pela tautológica

expressão – eles não descobriram o gosto pela leitura – o que seria prerrogativa delas – mas, sim, uma posição social e econômica que permitisse o hábito da leitura.

Por conta disso, os discursos presentes nessas representações de leitura das campanhas incitam todas as pessoas a incorporarem esse novo e maravilhoso papel – o de ser leitor – esquecendo-se de que as práticas de leitura só são possíveis em determinadas circunstâncias sócio-culturais.

Esse descompasso se deve porque, em nossa cultura, a formação discursiva sobre a leitura traduziu-a como uma prática cultural inquestionável para os desvendamentos dos mistérios que perfazem o conhecimento humano ou como um caminho para a entrada nas regiões da consciência e da crítica.

Segundo Pennac (1993, p.70-71), “o que nos distingue do animal, do bárbaro, do bruto ignorante, do sectário histórico, do ditador triunfante, do materialista insaciável é o ato de ler”. E acrescenta:

É preciso ler! Para aprender; para dar certo nos estudos; para nos informarmos; para sabermos de onde viemos; para sabermos quem somos; para conhecermos melhor os outros; para sabermos para onde vamos; para conservarmos a memória do passado; para esclarecermos nosso presente; para aproveitarmos as experiências anteriores; para não repetirmos as besteiras de nossos antepassados; para ganharmos tempo; para nos evadirmos; para buscarmos um sentido na vida; para compreendermos os fundamentos de nossa civilização; para alimentarmos nossa curiosidade; para nos distrairmos; para nos informarmos; para nos comunicarmos; para exercermos nosso espírito crítico.

É sob esse prisma que as campanhas educativas e de promoção de leitura delineiam o mundo maravilhoso do ato de ler e que fatores sociais e culturais

unem-se para promovê-la, prescrevendo um feixe de relações e procedimentos que, funcionando como uma espécie de regra, ora transforma-a em veículo de prazer e entretenimento, ora atribui-lhe valores progressistas e positivos, características, a nosso ver, ilusórias e mitificadoras.

Uma das características mais marcantes da representação de leitura do senso comum é a idéia de que as pessoas, se verdadeiras leitoras, ficam melhores, libertas de um estado de alienação, o que possibilita o seu engajamento – em movimentos de transformação da realidade (...) a supervalorização da leitura em si, como espécie de comportamento sempre saudável e desejável, conduz à mitificação da leitura e à mitificação do livro e do ato de ler. (Britto, 2003, p.103).

Esses atributos que subjazem ao hábito de ler – o de que ele seja capaz de transformar as pessoas em seres mais altruístas e preocupadas com a realidade que as circunda ou o de salvar o indivíduo da miséria e da ignorância – são encontrados em “A infância de um chefe”.<sup>2</sup>, um dos seis contos de “O muro”, obra de Jean-Paul Sartre, publicada em 1939.

Nele, o autor desvenda os mecanismos da má consciência, o sentimento do absurdo e da irracionalidade da vida e a segurança artificial concedida pela adesão aos valores convencionais da burguesia, usando, como estratégia, os sucessivos conflitos existenciais pelos quais passa o protagonista e que são resolvidos ancorados por livros, considerados como objetos de culto.

A leitura, perpassando toda a vida do protagonista burguês Lucien, foi o fator determinante que equilibrou sua existência angustiada e que o levou a

---

<sup>2</sup> Ver resumo e comentário do conto no anexo três.

perceber a configuração da realidade e seus sistemas, já que a considerava vazia de significados, e a apoiar os valores estabelecidos por ela como o casamento e virgindade, a valorização da propriedade privada e do direito individual que incluía até a xenofobia.

Nesse caso, a leitura formou o cidadão, como prenunciam adágios de campanhas de leitura, mas um cidadão que surra judeus, que despreza homossexuais e prostitutas, não se consolidando a noção – tornada lugar comum – de que as pessoas, se verdadeiras leitoras, ficam melhores, libertas de um estado de alienação.

Ninguém fica melhor ou pior, mais solidário ou misantropo, mais crítico ou alienado porque passa a ser leitor. Ao contrário do que quer fazer crer o discurso da leitura redentora, não há vínculo necessário entre leitura e comportamentos saudáveis, positivos. (Britto, 2003, p. 103).

O que pode acontecer, na vida de alguém, é uma valorização tão exacerbada do livro e da leitura que chegaria a provocar um deslocamento entre a realidade e um mundo estranho ou fantástico.

Apesar de esse deslocamento tirar o fato da realidade, deformando-o ou transformando-o, não lhe tira a característica principal, passível de ser aceita pelas aspirações morais e estéticas do indivíduo.

Estamos falando do personagem do conto "Vaidade", do venezuelano Eduardo Liendo (2000 p.17-18) que parecia sentir necessidade em vivenciar tal

fato esdrúxulo. Tanto que, no enredo do conto<sup>3</sup>, o narrador não se assombra diante de ocorrências espantosamente extraordinárias.

Mesmo o leitor torna-se cúmplice do drama, identificando-se com homem-livro seguindo o fio narrativo lógico e profícuo engendrado por um narrador em primeira pessoa.

Os elementos do conto, personagens, cenas, o mundo constituído são naturais e encontrados em qualquer lugar; no entanto, estranhos acontecimentos transformam essa aparente normalidade num mundo fantástico que vivifica o objeto-livro e transfigura-o em um elemento uno na vida de um leitor que acaba por sucumbir ao seu destino, acabando preso à sua própria sorte.

As opções do narrador eram claras e parecia não restar dúvida sobre qual caminho deveria seguir.

No entanto, ele não conseguiu lidar com as regras de movimentação de seu intento e... *Tudo começou por aquela tediosa aprendizagem do alfabeto. Talvez então o mal fosse curável. Estava na epiderme. Mais tarde veio a irresponsável leitura de suplementos, aquelas intermináveis aventuras do "Cavaleiro de Antifaz" e, pouco depois, "Tom Sawyer", "Tarzan dos Macacos", "O Conde de Montecristo" e outras obras do estilo. Não obstante, não era uma criança anormal. Houve um parênteses na adolescência que fez pensar em meu completo restabelecimento. No entanto, por algum acidente desgraçado, a pernicioso mania se intensificou; veio a época da nefasta familiaridade com biografias, romances, novelas, folhetins, poemários, jornais, dicionários, contos malvados e demais formas diabólicos de encarcerar a alma.*

---

<sup>3</sup> Tradução para o português de Luiz Percival Leme Britto. Versão original, anexo quatro.

*Contudo, existia uma relação equilibrada: metade do tempo para viver e metade para ler. Pensei, erroneamente, que o matrimônio restabeleceria plenamente minhas necessidades existenciais e superaria esse espantoso vício; talvez o substituindo por outro um pouco mais humano.*

*Mas não foi assim. Cada dia conversava um pouco menos com Viviam e lia mais, inclusive em momentos completamente insuspeitáveis. A crise chegou a sua fase final, lentamente perdi a capacidade de falar com simplicidade e expressava-me através de pretensiosas sentenças.*

*Viviam sofria e chorava freqüentemente ao constatar sua impotência para recuperar-me. Depois, deixamos de fazer o amor, ainda que algumas vezes, antes de dormir, eu esgrimisse uma douda dissertação sobre as infinitas possibilidades do orgasmo. Lia quase sem interrupção e minhas costas começaram a endurecer. As palmas das mãos e as plantas dos pés se adelgaçaram de maneira alarmante. A linguagem adquiriu sua definitiva simbiose com a literatura.*

*Na última noite, me despedi de Viviam com um triste olhar de resignação; ambos devíamos aceitar o inexorável. Na manhã seguinte, amanheci a seu lado completamente teso, rigidamente vertical, solene. Ela, depois do assombro, tomou-me em suas mãos lastimosa, me abriu e deixou cair uma lágrima sobre uma de minhas páginas. No dia seguinte, com muita pena, doou-me a uma biblioteca pública.*

*Um funcionário me colocou em um bom lugar, exatamente entre o "Diário Íntimo", de Amiel, e "A Importância de Viver", de Lin Yu Tang. Completou-se assim minha suprema vaidade.*

*Viviam compartilha agora o apartamento com um amigo tão saudável que sequer se incomoda em ler o jornal. Enquanto isso, eu espero pacientemente o instante maravilhoso em que me tome em suas mãos uma bondosa leitora e alguma noite estar sob seu travesseiro.*

No conto, o narrador inscreveu em si mesmo as prescrições transformadoras da leitura, tornando-se o princípio de sua sujeição à fetichização da leitura. Nesse caso, o do ato de ler, reificou o homem.

Além de estarem vinculadas a valores mágicos e mitificadores, as imagens presentes nas campanhas de promoção de leitura apresentam-se ligadas ao deleite, à fruição estética que desligam o leitor da realidade e transformam-na em um fecundo prazer ou em mera distração.

Prevalece a idéia de que não se lê ou de que pouco se lê porque a leitura predominante é desprazerosa, porque obrigatória e pouco emotiva. Deve-se, então, fazer com que o sujeito, para tomar-se leitor, encontre na leitura paixão, sedução, prazer, fantasia.(...) Objetivamente, a leitura hedonista só serve para promover a si mesma, e em condições muito específicas. Querer vincular a satisfação intelectual pela realização de um trabalho a um certo tipo de prazer não passa de uma forma de falsear a realidade. (BRITTO, 2003, p.104).

Slogans de campanhas de incentivo à leitura como “ler, o vício que todo aluno deve ter” ou “ler é viajar” propagam que o relacionamento do leitor com o texto faz-se de forma quase gratuita, por puro prazer estético, constituindo, a leitura, como uma espécie de evasão capaz de desanuviar nossas tensões cotidianas.

Em contrapartida, a relação entre leitura e prazer, estabelecida por uma pesquisa da professora Ângela da Rocha Rolla (1997), entre quarenta e cinco professores, não encontra respaldo na vida cotidiana dos categorizados, por ela, como *leitores profissionais*, em sua tipologia de leitores.

A leitura, como lazer, é realizada por muito poucos. Há uma insatisfação geral, em que as pressões do trabalho exaustivo, da falta de liberdade para escolher o que ler, das imposições dos encargos didáticos, somadas às precárias condições financeiras mostram a impossibilidade de conciliação entre trabalho e prazer em ler.(1997 p.54).

Além da falta de tempo e de condições financeiras, a exultação do leitor com o texto depende do seu envolvimento emocional que se dá pela identificação ou não com o conteúdo lido e que, às vezes, não responde às suas preferências em termos de assunto, sentimento, personagem, estrutura, linguagem.

Prazer e o deleite não são valores intrínsecos, superiores e acessíveis a todos os leitores. São sensações, como já dissemos, circunscritas a certas circunstâncias - tempo, dinheiro – e a determinadas obras.

Há autores que suscitam discussões, questionamentos, incomodando-nos, contrariando nosso modo de pensar. Dessa forma, além de termos de lidar com o desafio que a visão nova do livro nos dá, trabalhando para completar os vazios do texto com nossa experiência e individualidade, ainda temos que equilibrar o orçamento e o tempo de folga do trabalho cotidiano.

No entanto, todos esses constituintes que perfazem o ato de ler parecem não ser do conhecimento do presidente da Câmara Brasileira do Livro, senhor Oswaldo Siciliano.

Em entrevista dada ao jornal *Meio & Mensagem*, Siciliano (2003) disse que um dos objetivos da CBL é incentivar o hábito de leitura no país e que, para isso, seria preciso não deixar de contatar os professores a fim de que transmitam para os seus alunos a idéia de que ler é diversão e que proporciona prazer:

Eu tenho encontrado algumas crianças apegadas aos livros. Estão descobrindo o prazer da leitura, a alegria de ler. São crianças de oito, nove, dez anos de idade. É exatamente a faixa em que devemos trabalhar. O hábito de leitura deve ser formado desde o princípio, como tudo na vida. É difícil criar esse hábito num jovem de 20 anos que nunca entrou numa biblioteca ou mesmo numa livraria. Esta é a verdade. Então, também compete aos pais fazer com que os seus filhos adquiram o hábito da leitura. Nós temos trabalhado nesse sentido, o do prazer da leitura, principalmente por meio de feiras.

A leitura que preenche os momentos de ócio, produzindo sensações estéticas depende de condições de natureza social e subjetiva para que seja realizada.

Na verdade, para que a leitura seja introduzida como fonte de lazer no cotidiano das pessoas, faz-se necessário o acesso aos bens culturais, condição básica da democracia. A igualdade de oportunidades passa pelo direito à prática da leitura.

Seria ilusório acreditar que uma maior prática de leitura possa nascer por intermédio de campanhas de incentivo à leitura ou de feiras de livros sem passar por uma nova reflexão geral sobre educação e sobre uma mudança nas relações econômico-sociais.

## CAPÍTULO 2

### O COMUM DA LEITURA

Na primeira parte da dissertação, apresentamos alguns lugares consagrados, pela cultura de prestígio, para serem os que acolheriam, de forma mais completa, o ato de ler.

Nichos de leitura domésticos, bibliotecas e gabinetes de leitura constituem-se em cenários que restringem a leitura a poucos personagens que, de certa forma, podem controlar o tempo ali dispendido.

Este segundo capítulo tem como finalidade mostrar pessoas lendo em ambientes e com finalidades diferentes daquelas da leitura considerada como a ideal.

São lugares em que a leitura realiza-se circunstancialmente e que não foram pensados para serem de leitura, mas que a recebe e, quase sempre, em função de um tempo de espera.

Ao divulgarmos leitores em filas de ônibus, em pé dentro do metrô ou em salas de espera, afirmamos a concepção multiculturalista que o ato de ler carrega, para tentarmos instabilizar estatutos e protocolos que perfazem a leitura idealizada - unicidade que subjuga e desfavorece a diversidade do real.

Esses regulamentos que perfazem a leitura ideal são, na verdade, mais uma peça dos intervenientes contraditórios sobre os quais nossa sociedade é erigida: ao mesmo tempo em que regulamos e restringimos a existência da leitura, alardeamos a necessidade de sua presença, fazendo uso de slogans e

adágios espalhados em campanhas de promoção de um modelo de leitura, acessível aos componentes de uma ou outra classe social.

No entanto, a leitura mantém sua existência fora do modelo estabelecido pelas preconizações e padrões que perfazem a leitura pretendida como sendo a ideal.

No cotidiano, mesmo de forma desconfortável, as pessoas lêem enquanto andam, cozinham e até quando dirigem. Há pessoas com os olhos fixos em textos nas filas de ônibus, nos saguões de aeroportos ou de rodoviárias, nas filas de bancos, debaixo da sombra de árvore frondosa ou em bancos de praça ou jardim.

Considerando que a leitura constitua um processo adaptativo e flexível, variando com a espécie de texto e objetivos do leitor, vamos caracterizar particularidades de uma condição de leitura realizada em espaços, que, em função de seus arranjos, permitiram-nos fazer uma nova topologia.

Os critérios usados, agora, consideram como outros lugares de leitura os espaços casuais em que ela se realiza, com diferentes graus de previsibilidade, já que em alguns casos, o ato é mais eletivo e, em outros, mais compulsivo ou circunstancial como a leitura em esperas.

Usamos a mesma estratégia de apresentação dos lugares do primeiro capítulo: fotos que apresentam uma pequena crônica como legenda.

## 2.1 Leitura, ambiente e espera

Leitores escolhem seus tipos e formas de leituras nos termos que compõem suas existências.

Influências, intenções, aspirações, capacidades, esperas, além da inserção do leitor em um tempo histórico e de sua condição econômica, diversificam a prática social da leitura.

Parado nas longas filas de transporte público, tendo de enfrentar a demora dos ônibus, do médico atrasado ou a melhora da doença, o leitor sente o tempo passar mais depressa lendo revistas ou livros, trazidos por ele, emprestados do vizinho do lado ou oferecidos nas mesinhas das salas de espera.

Nesses casos, mesmo com intervenientes comuns entre elas, como a espera e a vontade de suprir o tempo entre uma atividade e outra, o tempo da leitura é diferenciado por circunstâncias, mais freqüentemente pelo ônibus que chega ou pelo médico que chama...

O que veremos a seguir são leituras feitas em lugares que configuram uma situação de espera – encontrar alguém em um saguão de hotel, esperar o ônibus, trem ou avião em uma sala de embarque ou em filas ao ar livre, esperar a alta do médico em uma cama de hospital, o longo tempo da pena do encarceramento passar, esperar, dentro dos ônibus, dos metrô o lugar de

descer ou mesmo chegar a vez de serem consultados pelos médicos – em todas essas ocasiões encontramos pessoas lendo.

### *Saguões de hotel*



Imagem 8 –Saguão de hotel - PALLADINI, Jéfferson (2004).

Na imagem de número um, Joice espera, por seu marido que se arruma há meia hora, para irem embora. Eles estão hospedados no hotel Ipanema, no centro de Sorocaba. Normalmente, o marido de Joice costuma demorar tomando banho e, como ela é muito ansiosa, prefere arrumar todas as malas, levá-las para o saguão e esperá-lo lá.

*Veja*, indica a mala marrom e as caixas de papelão que equilibram vários embrulhos, inclusive um bolo já partido, envolvido por um fino plástico, *arrumei tudo sozinha. Mas já estou tão acostumada que não viajo sem um*

*livro. Essas situações de espera são constantes em minha vida, explica para nós, a advogada, acomodando, ao lado da bolsa branca que faz conjunto com um sapato de saltos, os óculos escuros. Ela está pronta para ir. Mas a demora...*

Continua explanando que no começo do casamento ela atormentava-o para que mudasse seu ritmo de fazer as coisas. *Tive que me adaptar e a leitura foi de grande ajuda. Já li uns vinte livros em cinco anos de casamento.*

Segundo Joice, o costume de esperar lendo cabe bem em qualquer situação de espera, *sempre que vou a médicos, dentistas, que sei que posso esperar, levo meu livrinho.*

Agora ela está lendo *Capão Pecado*, de Ferréz, (2000), que relata o cotidiano violento do bairro que tem mais assassinatos em São Paulo, *é muito emocionante e bem triste*, diz ela e acrescenta, *gosto de todo tipo de leitura, desde dessa que estou lendo agora até daquelas antigas em que as mulheres eram puras, recatadas, viviam de olhos baixos e de vestidos compridos.*

Jorge, o marido, chega de cabelos molhados e penteados e se assusta ao nos ver conversando e tirando fotos de sua mulher.

*Salas de embarque*

Imagem 9 – Sala de embarque. PALLADINI, Jéfferson, (2004).

Na sala de espera da rodoviária de Sorocaba, entre bolsas, mochilas e sacolas, encontramos várias pessoas que esperam há horas pelo ônibus que as levarão, talvez, de volta ao lar.

As crianças não param, examinando tudo pelos cantos, parando diante dos relógios, dos aparelhos modernos de som que as lojas ao lado exibem, entrando e saindo das lanchonetes e restaurantes aos risos e gritinhos.

Um rapaz olha-as apaticamente. Ele tem nas mãos um livro vermelho que pouso, de quando em quando, no colo para olhar, como se não o tivesse fazendo, o espaço que o circunda. Às vezes, volta-se para os lados e recomeça, serenamente, a ler de novo.

Ele nos conta que costuma trazer livros quando vai para de volta para Franca, todos os fins de semana. *Quando acaba o serviço na firma, venho para cá comprar a passagem. É mais garantido. Normalmente tenho de esperar e trago sempre um livro.*

Mário trabalha numa firma que presta assessoria financeira para empresas, *por isso gosto de ler livros que me ajudam a melhorar meu desempenho na empresa. Aproveito o tempo que tenho de esperar e aprendo mais.*

Do lado de fora da sala de espera da rodoviária, encontramos um outro leitor.

Lucas é estudante e sempre que volta para casa enfia na mochila um livro *Normalmente trago livros da faculdade, mas comecei a ler esse – e mostra-nos A consciência de Zeno, (SVEVO, 2003) – e não consigo parar, é muito bom, vocês já leram?*

Na saída da rodoviária, encontramos mais um leitor, seu Antônio, lendo o jornal tranquilamente: *Não vou viajar nada, estou desempregado e prefiro ficar aqui, lendo o jornal a ir para casa.*

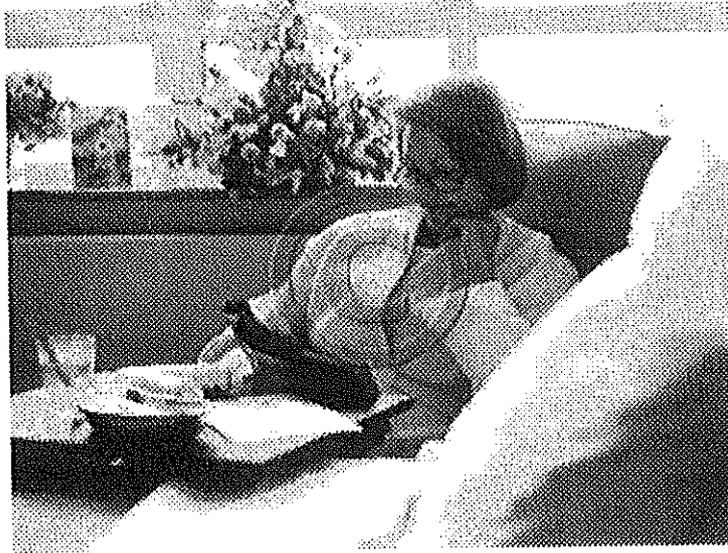
*Camas de hospital*

Imagem 10 – Cama de hospital. Site: corbis.com

A enfermeira educada e solícita chegará em um minuto para recolher o prato de canja com *crouton* e o copo de suco de limão, pouco gelado, por sinal.

A senhora atrás de um par de óculos sofisticado, de cabelos ajeitados, absorvida pela leitura, mal a olhará, pois encostou-se no confortável sofá do quarto particular de um hospital de luxo e, rodeada por flores, num ambiente claro e agradável, lê algo que parece entretê-la, agradar-lhe.

Apóia a cabeça na mão, de forma absorta, como se estivesse fora daquela realidade que a cerca.

Na cama de hospital, se o olhar vagueia melancolicamente pelas paredes, flores, pelos detalhes banais do edredom pastel, se não há visitas e a televisão já não é

agradável, a leitura surge como uma forma de aliviar o desconforto da situação de espera.

Nessas horas, é possível que intimidades confidenciais e prescrutantes da leitora revelem-se materializadas no discurso do narrador ou da personagem; o livro-espelho transforma-se em artefato terapêutico.

É possível, também, que ela recupere projetos e sonhos, que ela uma momentos incompletos da memória: passeios de moto nas estradas verdes, estrelas, conchas, raminhos de flores secas...A memória dos êxtases e a justificação dos medos.

O tempo da leitura pode responder silêncios, recuperar confissões, caos e lutos, refazendo a unidade ou dando muito sono.

Pode, além do mais, fazer rir, instigando e desafiando nosso pensamento, provocando novos liames do pensamento lógico que amarrarão nossas reflexões.

*A situação um tanto quanto depressiva do internamento hospitalar pode ser atenuada com uma leitura instigante, desafiadora, alegre...São as palavras do médico-psiquiatra João A. Neto que sempre oferece, a seus pacientes, qualquer forma de leitura desde revistas em quadrinhos até a Bíblia. "O humor, a alegria fazem milagres", acrescenta.*

## Prisões

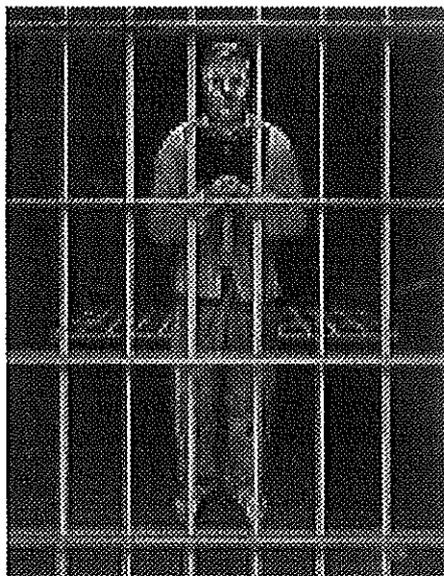


Imagem 11– Prisão.Site: yahoo.com.br

A figura capturada do site do *yahoo* mostra-nos um preso que aparentemente lê a Bíblia.

Provavelmente ele se cadastrou na biblioteca do presídio e passa horas refletindo sobre Coríntios 13, o Livro de Job ou sobre o Eclesiastes.

Nestes dias longos, carregados de inquietações, quando tudo se dissolve em arranjos, reinventar, com a cumplicidade de um livro, o andamento do cotidiano, faz-se mister.

A consciência do detento, embotada pela aspereza de uma vida deprimente, reduz o seu poder de comunicação: economia verbal.

Voltando para o conteúdo do livro, para o conforto da trama, os presidiários encontram uma espécie de liberação de sua condição de habitante

de um cenário já gasto. Dessa forma, a leitura traz-lhes sensações, excitações, prospecções e transformam-nos em espectadores de vidas também aprisionadas nas páginas de um livro.

Tornar-se mais intelectualmente ativo em um momento problemático da vida em que até a satisfação sensorial é limitada é o que fazem muitas detentas da Cadeia Pública Feminina de Votorantim. Tempo é o que não lhes falta.

As presidiárias da Cadeia Pública Feminina de Votorantim podem emprestar livros da biblioteca municipal. A Secretaria de Cultura e Turismo (Sectur) lançou o projeto "Leitura em Cadeia", *uma iniciativa que surgiu após a publicação de reportagens do jornal Cruzeiro do Sul, em novembro de 2004, em que as presas reivindicavam acesso a livros e revistas*, explica o diretor de Cultura da Sectur, Werinton Kermes.

As detentas têm carteirinhas de sócias que dão direito ao empréstimo. Uma lista dos títulos pertencentes ao acervo da biblioteca é enviada à cadeia semanalmente, para consulta e pedidos, e um funcionário da cadeia responsabiliza-se por levar e devolver os livros, diz o diretor de Cultura. A população de Sorocaba e de Votorantim doou cerca de 120 livros.

Os detentos precisam reinventar a cada dia o seu cotidiano; enfrentar o desafio de tentar criar expectativas e condições de um futuro condizente com a situação de cidadãos que ainda sonham em ser na tentativa de driblar uma sociedade que se organiza sem eles.

*Interior dos meios de locomoção*

Imagem 12 – Meios de locomoção. Site: yahoo.com.br

A luz rápida do olhar do senhor ao lado descobre, feliz, que o seu time venceu.

A notícia, encaixada na possibilidade do olhar, é transmitida com liberdade restritiva ao desejo de saber mais. Descobrir quantos foram os pagantes ou como foi a comemoração tornam-se informações permitidas somente para mais tarde ou será que ele me empresta o Caderno de Esportes?

O motorista Ronaldo, dez anos de profissão, conta-nos que *é comum ver brigas para ler um pedaço do jornal de outra pessoa, gente querendo saber se o time ganhou ou se ele é quem ganhou na loteria...Quando tem gente em pé, então, é fácil sair briga...o povo implica até porque o fulano quer mudar de página e esbarra nos outros...*

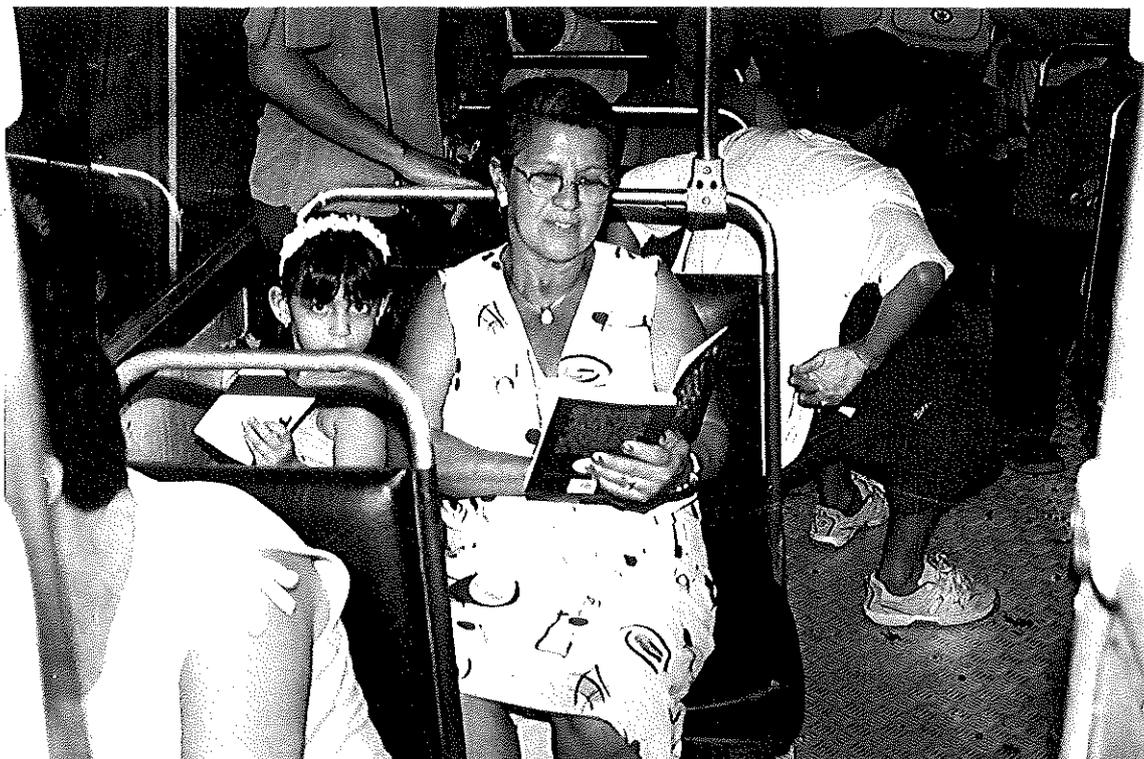


Imagem 13 –Meios de locomoção.PALLADINI, Jéfferson. (2004).

O ônibus está prestes a sair do terminal Santo Antônio para o bairro São Bento.

O recolhimento fugaz, na companhia de um livro ou de um jornal, faz com que o tempo e o percurso passem mais rápidos. Assim pensa a senhora Marisa que, ajustando mais uma vez os óculos, recomeça a leitura de um livro com capa azul e letras douradas e brancas.

Dona Marisa prefere ler com a condução ainda parada, mas lê durante o percurso também. Aproveita os faróis fechados e os congestionamentos para reler o que não entendeu da leitura.

Ela costuma trazer consigo, todas as vezes que vem à cidade, um livro: *gosto de ler textos religiosos e de auto-ajuda. São livros muito bons, fazem a gente pensar e mudar nosso jeito de ser e de tratar os outros. Sempre trago*

*um livro comigo e nem fico nervosa quando há muito trânsito ou se o ônibus quebra, acrescenta.*

Quando perguntada se os solavancos do ônibus não incomodavam sua leitura, Dona Marisa foi peremptória: *estou acostumada, nem percebo. O que me incomoda mesmo são pessoas mal educadas, motoristas sem educação...gosto de ler porque não vejo, nem ouço nada...e depois leio há tanto tempo desse jeito que chego até a adivinhar o fim da frase.*

Dona Marisa entrega à netinha uma caneta e um bloquinho de papel, é *para ela me deixar ler em paz, e, acomodando-se na cadeira o ônibus, volta a ler.*

#### *Filas de meios de transportes*

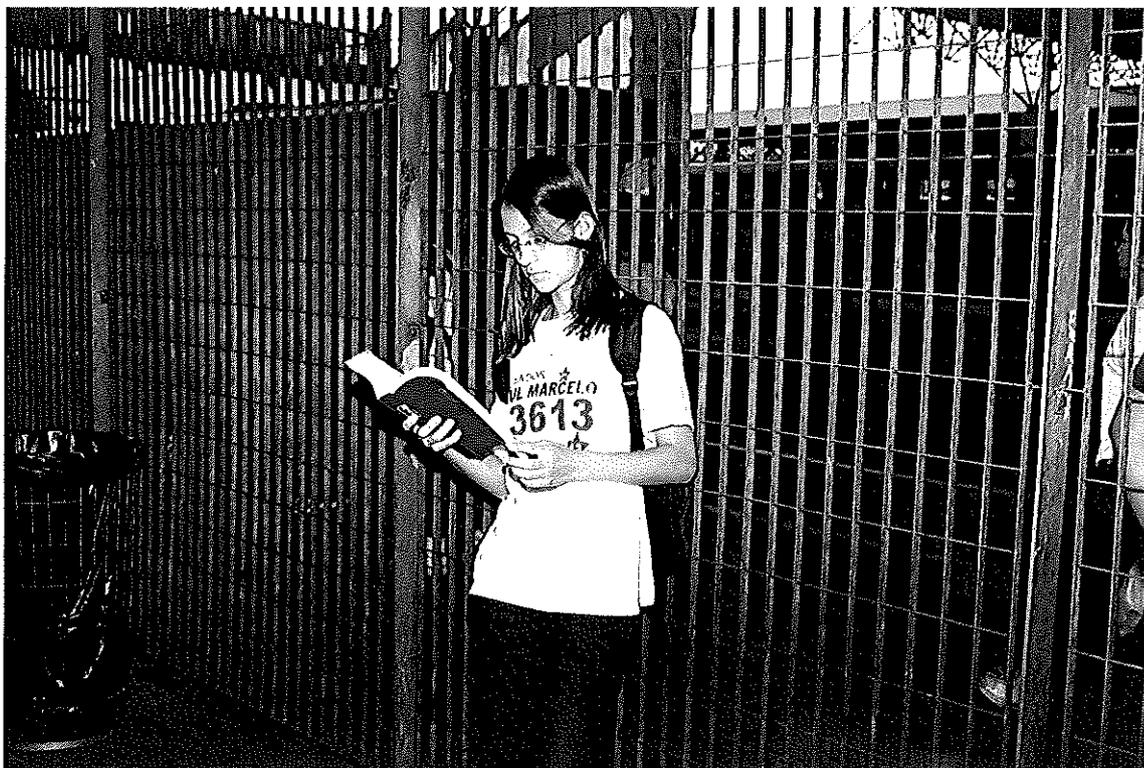


Imagem 14 – Filas em ônibus. PALLADINI, Jéfferson. (2004).

É livre e diverso o movimento de formas e temas que desfilam aos nossos olhos na espera do ônibus ou metrô. Mas o livro ou o jornal cutuca-nos. A personagem acordou e as notícias reverberam. Se o narrador for habilidoso, a atenção do leitor se voltará para o drama vivido pelos personagens.

Parados nas longas filas, tendo de enfrentar a demora dos ônibus, os passageiros acreditam que o tempo passa mais depressa lendo revistas ou livros.

Encontramos a estudante Maria Lúcia lendo na fila de espera de um ônibus no terminal São Paulo, em Sorocaba.

*Ela faz uso do tempo vazio da espera lendo, às vezes sobre política mesmo porque sou militante do meu partido. Outras, leio as apostilas do cursinho e até romances.*

Maria Lúcia leva, em sua mochila sempre dois livros que nos mostra desvencilhando-se de chaves, recibos, batons e panfletos do candidato para que faz campanha. *Quer um? Oferece esperançosa.*

Na fila de ônibus, ao lado, conversamos com seu Oswaldo que li, com muita atenção, o jornal Cruzeiro do Sul. Segundo ele, *em vez de ficar reclamando do tempo perdido a gente lê. Se não há outra alternativa...tem de transformar o limão em limonada, não é assim? Ficar na fila já faz parte da existência, é melhor ficar resignado.*

*Depois a gente se atualiza, e, de vez em quando, com o jornal dos outros... tem gente que lê e deixa encostado em um canto... eu não tenho condições, ainda, de comprar um jornal todos os dias.*

## 2.2 Leitura e ambiente

Nos lugares que se seguem, encontramos pessoas lendo e a motivação principal para que a leitura se processasse não era a espera.

Nesses espaços, o tempo de leitura é delimitado pelo leitor e pela urdidura do cenário. O leitor tem em suas mãos o objeto, tempo disponível e o comando de escolher onde vai ler.

### *Bancos de praças, parques e jardins públicos*

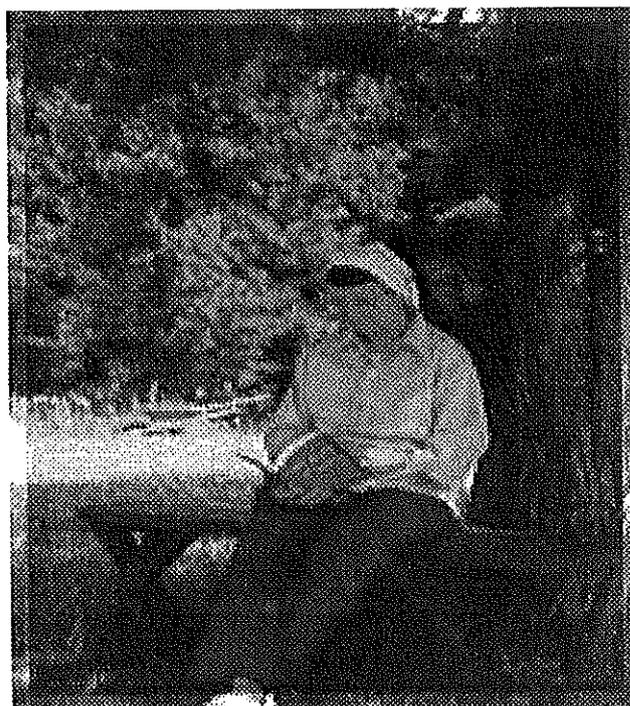


Imagem 15 – Bancos de praça.

Que pessoas encontramos lendo em bancos de praça ou parque? Quais os horários preferidos? O que se lê num banco de praça?

Talvez um jornal, uma carta, um mapa, uma informação, não importa; nesse banco, a senhora da foto parece alheia às coisas e pessoas que estão a seu redor...

Também parece sentir-se à vontade no espaço de leitura escolhido por ela. Sentada em um banco de madeira, à sombra de uma frondosa árvore, vestida com roupas confortáveis e calçando tênis a leitora lê, com tranquilidade e atenção.

Mesmo que sua cabeça situe-se, em alguns momentos de leitura, no meio das nuvens, o lencinho bem amarrado em torno de seus cabelos a protegerá das folhas secas derrubadas pela brisa de verão.

Ela nos conta que o livro fala que os povos primitivos acreditavam que o homem tinha uma "alma do mato" (*bush soul*), além da sua própria, alma que se encarna em um animal selvagem ou em uma árvore com os quais o indivíduo possui alguma identidade psíquica. *Acredito que a minha alma do mato seja essa aqui, e aponta para uma árvore velha, sempre fico perto dela, acho que ela tem uma espécie de autoridade sobre mim, chego a trazer adubo para ela. Quando me sento em sua sombra sinto-me possuída pelos personagens que estou lendo.*

Desconfortavelmente, ou não, é uma leitura que não parece obrigatória, ou seja, o leitor, parece ler por gostar... o resultado do jogo de seu time, as tragédias do mundo, dos outros, fofocas políticas, palavras cruzadas...ou ainda, talvez, estejam ali aguardando a vinda de alguém para conversar.

Se esse alguém não vem, o livro acaba sendo a companhia que faltava...à sombra das laranjeiras ou debaixo dos bananais...

Seu Diogo, um senhor aposentado de 72 anos, lê na praça central da cidade de Sorocaba em 15 de Julho de 2004. Ele costuma pegar seus livros no Gabinete de Leitura, também na praça e lê cotidianamente fora de casa.

*É muito agradável ler aqui, mesmo para uma pessoa que gosta de sossego como eu. Prefiro ler em bancos de praça ou em lugares como o zoológico (Parque zoológico municipal Quinzinho de Barros) ou o parque da Biquinha. Você conhece? Lá os bosques cercam a água mais de perto... há refúgios sombreados de arvoredos e o lugar é pouco freqüentado. Quando a leitura está desinteressante ou pesada fico contemplando a natureza; recolho-me em um silêncio que é perturbado, às vezes, por um gorjeio de alguns pássaros...*

*Mas gosto também de lugares mais barulhentos e cheios de pessoas, pois quando me entusiasmo com o que estou lendo posso conversar com alguém... até com estranhos... as pessoas se assustam um pouco, mas logo percebem que não sou louco nem nada... gosto também da solidão do asfalto.*

*Seu Diogo ensina-nos outra serventia para o livro: quando acontece de eu ficar emocionado com algum trecho da leitura, oculto os olhos com o livro para que não vejam que choro. Sou um velho tonto...*

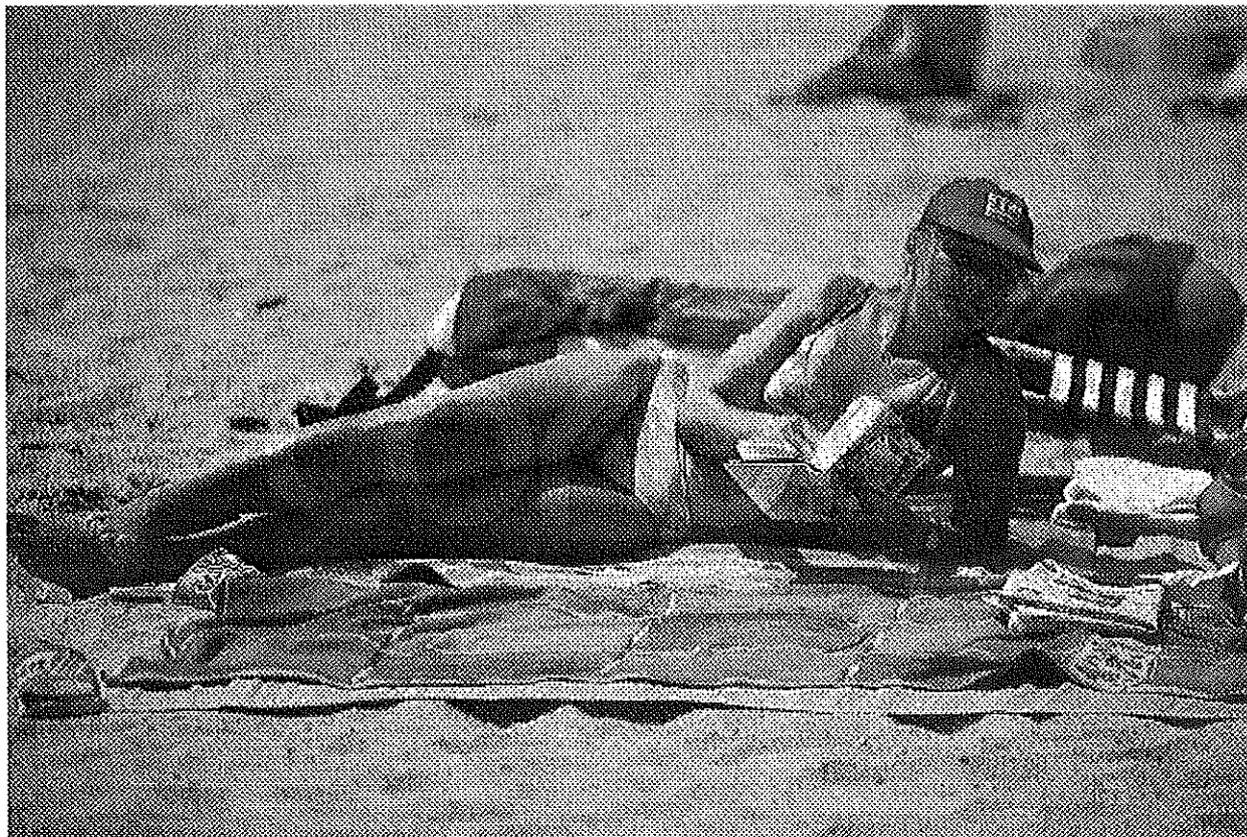
*Lendo na praia*

Imagem 16 – Lendo na praia.Site: corbis.com

O mar. A brisa suave ondula a sua superfície e joga os cabelos da moça em seu rosto, suavemente afastados e apanhados em um boné. O marulhar das ondas, o movimento da brisa e um bom livro.

Muita gente, ao ir à praia, num período de férias, mesmo tendo a oportunidade de ficar conversando com outros, prefere ler.

Leitura obrigatória, guardada para ser lida na praia, nas férias, ou em um feriado prolongado. Concentrar-se na leitura, mesmo rodeada por pessoas falantes, alegres e bonitas, sem mesmo desviar o olhar do livro, parece ser o mérito da moça entrevistada pela Folha de S. Paulo em 15 de Março de 2000.

Aproveitando o tempo bom para tomar sol na movimentada Praia da Enseada no Guarujá, ela, atualizando sua leitura, diz: "além de sair e descansar, gosto de ler livros que esperaram as férias para serem lidos".

Estirada em uma gostosa toalha, a moça retira da mochila um exemplar do último livro do Paulo Coelho e acrescenta: *o que mais gostei foi do Alquimista, mas esse novo aqui é muito bom também*. E continua: *o livro alimenta minha imaginação. Encontro muitas respostas nas leituras; às vezes, funciona como um terapeuta. Alguns livros ensinam-me coisas sobre a vida...*

Às costas ficaram os surfistas, o jet-ski, a caipirinha e o bronzado. A leitora encara o mar, rochas e espumas, o silêncio, o ruído das gaivotas e o das personagens.

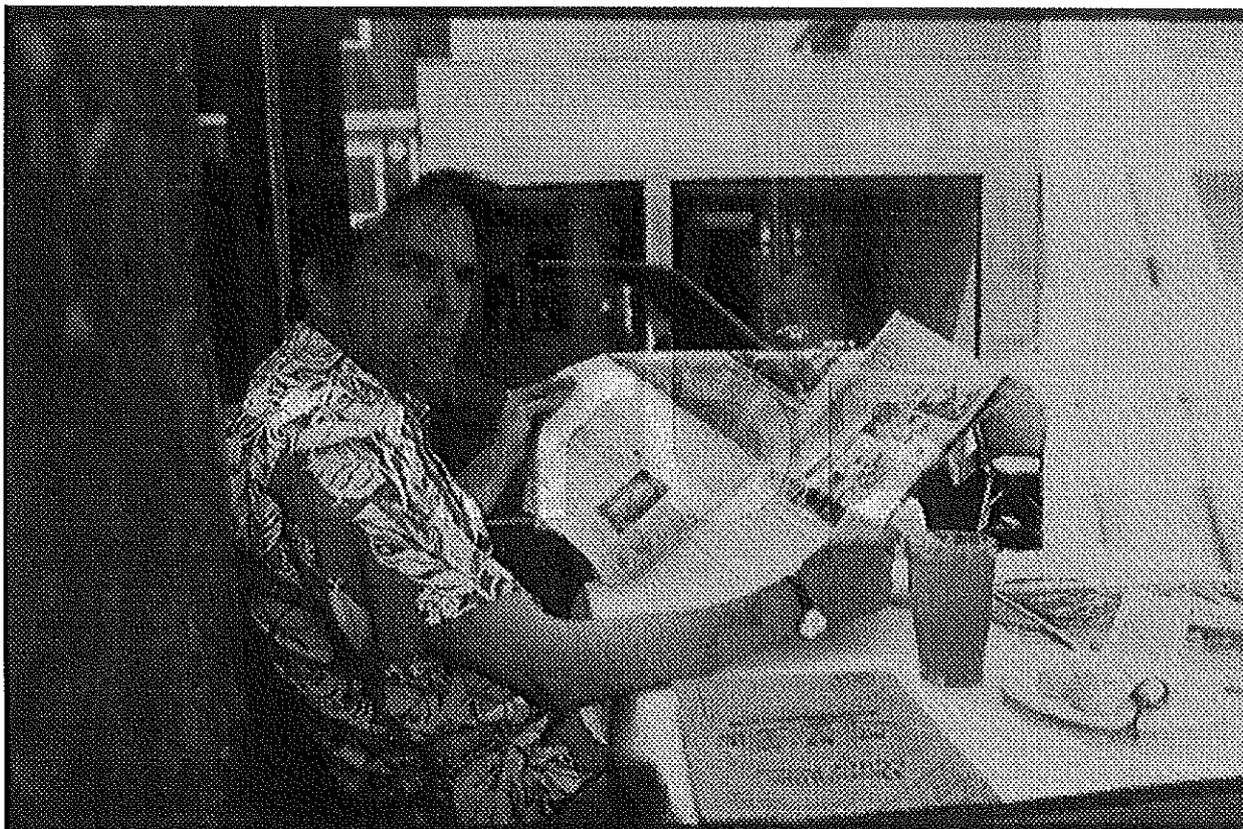
*Em cafés e restaurantes*

Imagem 17 – Lendo em cafés e restaurantes Site: corbis.com

Ruas coloridas, amarelos dançantes, vermelho roçando em um dos braços que pululam pelas calçadas de pontas de cimento, cigarros.. mas o que acolhe o leitor, o que fez a pausa, o café, o encontro, fome e leitura é a sua mesa usada há anos.

O café Santa fé está apinhado de pessoas que permanecem horas a fio sentada diante de mesinhas, tendo diante de si uma xícara de café vazia e um copo de água.

Vistas de longe, parecem pessoas sobrepostas formando uma única larga presença humana.

Observando, veremos um jovem oficial em companhia de uma mulher de bonitos olhos, a tomar limonada gelada e a conversar interminavelmente em voz baixa e uma

pessoa absorta lendo, sentada, que dá as costas ao mundo porque tem outro à sua frente. O corpo protege o objeto de leitura

A pessoa que vê, também, reparará que nas outras mesas discute-se a vida, futebol, política e contam-se longos casos e continuará a ir, caminho afora, indiferente aos dramas ou humores que a cena registra.

Resolvemos conversar com o homem que lê. Confortável, sentado em uma mesa coberta por uma toalha branca, longe das correntes de ar, Leonardo sente-se como se estivesse em sua casa.

Enquanto come um pudim de leite condensado e bebe chá gelado, o livro, *Bestiário*, (CORTAZAR, 1986,) repousa ao lado da cadeira.

Leonardo diz que gosta de olhar as pessoas passando e de imaginar histórias, transformando gente em personagem, inventando dramas profundos e prosaicos.

Dá-se ao luxo de estar ali, àquela hora da tarde, lendo, bem à-toa mesmo, vivendo sua felicidade silenciosa.

Passa um grupo de rapazes de uniforme, apressados e falando alto, passa um homem de terno, um velho empurrando com esforço a carrocinha de papelão e uma mulher bonita, vestida de forma exagerada e cheia de pulseiras.

*Sempre venho ler aqui. Tenho até uma espécie de lugar cativo, pois conheço o dono. Encontro meus amigos aqui e falamos de arte e literatura, da vida, de ética, de automóveis e de mulheres.*

### 2.3 Leitura inesperada

Pessoas não pagam pedágio à precariedade que certas formas de leitura lhes impõem. Dessa forma, pessoas lêem nos ônibus, nos congestionamentos, andando, no elevador, no carro em movimento, em guaritas de supermercados, em pé, dentro de ônibus, metrô...

Misturam-se em meio a cutucões e "com licenças", personagens de um mundo em que, por instantes, estamos, e que quase nos escapa nas freadas ou nos encontrões da multidão de passageiros que aparece a cada novo ponto de ônibus.

A personagem sedutora, no clímax da realização de seu estratagema, escapa da linearidade do enredo e, induzida pelo confronto com um pacote enorme de papel pardo, escorrega por pemas, sapatos e tênis e desaparece no ar.

Por uns momentos, figuras dramáticas, lugares, enredos, descrições ocupam, na inversão de planos do leitor, um espaço de ser simultâneo, dentro e fora, realidade e fantasia e de talvez encontrar, no narrador, outras possibilidades de se expressar.

Lugar mais estranho de leitura foi o encontrado por Cosme Chuvasco de Rondó, o barão rebelde de Ítalo Calvino, que sobe às árvores para de lá nunca mais descer. Entre carvalhos, olmos, azinheiras e oliveiras, o barão nas árvores, além de observar a terra com a necessária distância, lê muito a ponto de construir bibliotecas pênseis para proteger os livros da chuva e dos roedores. "Na mais maciça daquelas estantes aéreas alinhava os tomos da

*Enciclopédia*, de Diderot e D'Alembert, à medida que lhe chegavam de um livreiro de Livorno". (p.119).

### *Dentro de elevadores*

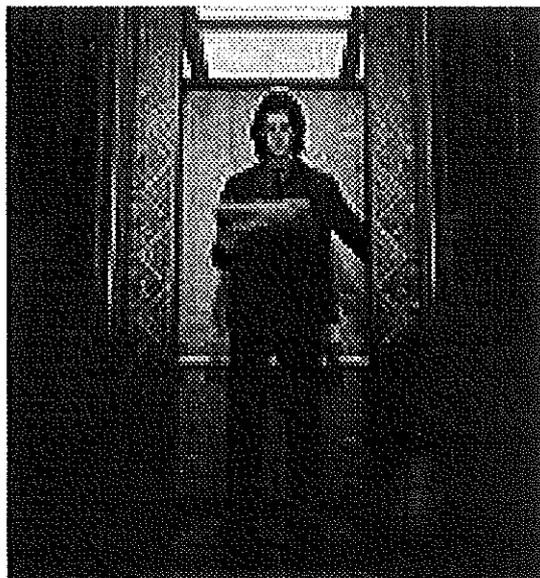


Imagem 18 – Lendo em elevador. Site: corbis.com

O claustro vazio do elevador parece constituir talvez a última pausa do dia atribulado que espera o leitor quando a porta se abrir.

Desconectado de suas relações imediatas, desintegrado de qualquer ambiente tido como natural de leitura, o passageiro-leitor passa os olhos pelas manchetes e fotos aproximando-se, rapidamente, de um mundo que, em detalhes, ficará para mais tarde, ou não.

O antro escuro, a gruta móvel, alçapão subterrâneo, a subida útil.

Emergência: parar: a leitura do interesse.

O leitor é capturado quase com crueza em sua curiosidade que será quebrada pela leitura pormenorizada da notícia.

## Nas feiras



Imagem 19 – Nas feiras. PALLADINI, Jéfferson. (2004).

O ambiente é marcado por uma confusão típica de uma praça pública. Um barulho incessante acompanha o movimento. Pessoas compram e vendem de tudo, disputando o mesmo espaço que o leitor. O calor sufoca.

Rolam das bancas de frutas, laranjas, bananas, mexericas e limões; pendem, de varais de arames improvisados, panelas, conchas e peneiras, unindo, com seus matizes de cores felizes, feirantes e compradores. “Olha a couve fresquinha! É duas por um real!”.

Sons que se sacodem, competem, lutam por serem ouvidos e, dentro dos sons movem-se cores vivas que se fundem ao cheiro de gengibres, alhos e cebolas. Um grupo de estudantes quase empurra, para chegar na banca de

pastéis, uma senhora de idade que tenta destravar um velho e enferrujado carrinho de feira.

Atrás das bancas, o chão é um espesso tapete de folhas de espinafre, escarola, chicória, partes renegadas de maços expostos aos olhares analíticos dos clientes. Tudo são legumes e verduras, tomates, cenouras, maçãs Fuji, cajus e maracujás que se exibem no desfile dos compradores que ignoram o verde das árvores, uma réstia de céu azul entre barracas e um vendedor de frutas que lê.

Seu José, alheio à interpenetração dos planos sensoriais que reverbera à sua frente, lê de forma compenetrada.

A impressão que temos, ao observá-lo de longe, é que ele se aborrece à chegada de um cliente. Enfia as frutas rapidinho, em sacos plásticos azuis e volta ao caixote-banco e ao livro. *É um livro espírita, diz ele, "Violetas na janela", muito bom, não dá para parar, porque é emocionante. Nem ouço o barulho, tenho que ler logo porque é emprestado... meu filho me ajuda a vender e tenho mais tempo para acabar...*

*Nas guaritas de estacionamentos*

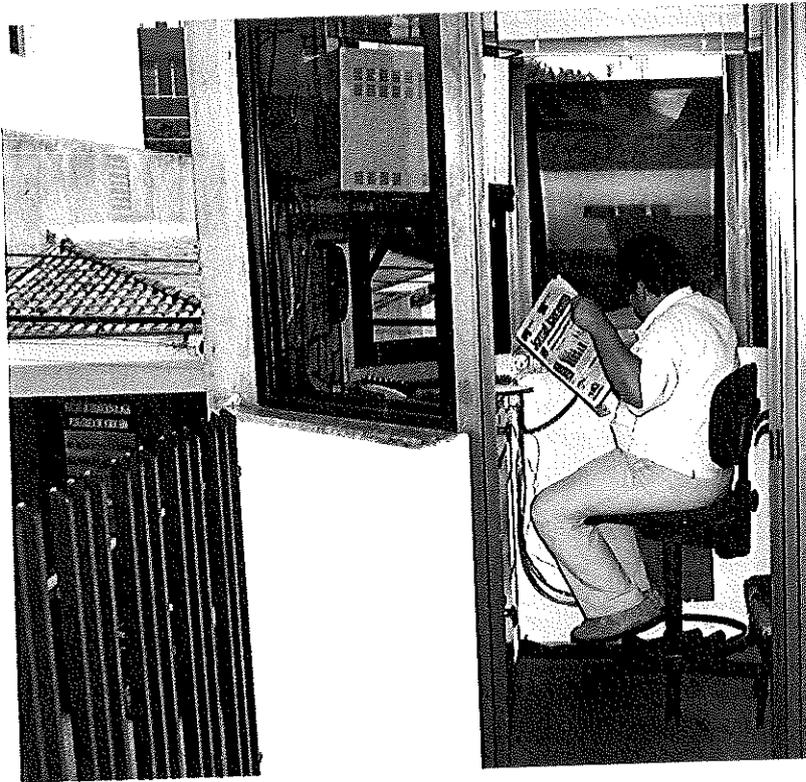


Imagem 20 – Em guaritas. Palladini, Jéfferson. (2004).

Dia quente e sufocante. O ar parece empestado pelas emanções do asfalto escaldante e pelo pó que vinha de uma construção ao lado.

No entanto, mesmo com o movimento de carros e motos, seu Antônio consegue ler o jornal, quase concentrado, dentro da guarita de um prédio.

Em meio a fofocas da política atual, de assassinatos, roubos de carros e assaltos, seu Antônio abre o portão da garagem, recebe o entregador de pizza do sétimo andar e atende ao interfone.

*Sempre sobra um tempinho. O serviço é meio automático e de repente, fica tudo calmo. Eu sempre me interessei pelas notícias até de países que nem conheço. Não leio livros, só jornais e revistas que vêm sem aquele plástico.*

Encontramos outra pessoa lendo em uma guarita de um supermercado. No entanto, esta Leitora pediu-nos que não fosse fotografada, pois no treinamento que teve foi dito que era proibido ler em serviço, com o risco de ser mandada embora.

*Ela lia as histórias de Sabrina que trazem para mim uma combinação de curiosidade e alegria. Gosto das palavras que o autor usa para falar do sentimento dos sonhos, do amor que, no começo, é impossível, mas que depois resolve tudo, de ficar imaginando com quem a Débora vai ficar...a personagem, sabe, agita a vida da gente, fica um tempo ao lado da gente. Gosto também das descrições de paisagens. Eu não fico sem ler. E o chefe não vendo, não tem problema... é anônima, né, a entrevista...*

Os livros escolhidos pela jovem são anódinos como arte? Vazios de história? Essa é uma discussão que pertence a um outro momento.

Agora, estrondeia um trovão, o céu pouco a pouco se escurece, o vento sopra levando à sua frente, em turbilhões, a poeira e os vapores quentes. Caem no solo pesadas gotas de chuva. A Leitora aconchega-se à leitura.

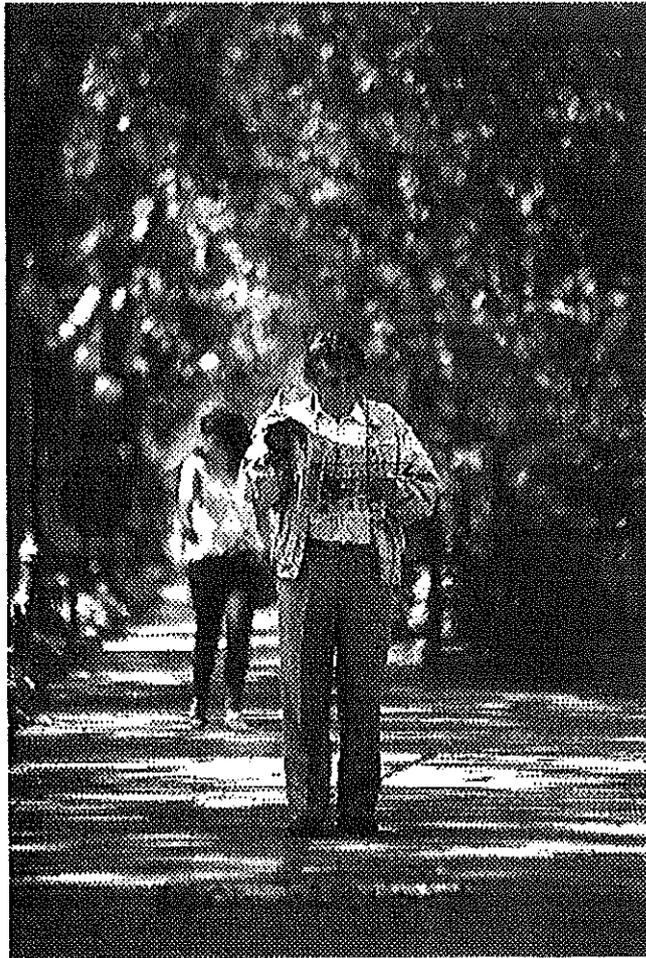


Imagem 21.Nas ruas. Site: corbis.com

Ar livre. Céu aberto. Um homem parado, no meio da praça, lendo. À sua volta, um emaranhado de pessoas que andam apressadamente, ansiosas para vencer, a tempo, suas obrigações.

Em seguida o homem começa a caminhar lendo. Às vezes, segura o jornal com as duas mãos. De vez em quando, mantém uma das mãos no bolso e, com a outra, empunha o jornal, quase o estendendo, como se nos oferecesse a leitura.

Percebemos que de vez em quando ele parava de ler o jornal, por segundos, olhava ao redor, sentava-se em um banco, tirava um livro pequeno do bolso do casaco e passava o dedo delicadamente pela capa e lombada, abrindo-o numa página e lendo-o. Levantava-se e continuava lendo.

Ao lhe perguntarmos sobre sua prática, se o livro não atrapalha, como um véu, sua trajetória, ele nos diz que, *às vezes, ando lendo sem destino; outras, entro em igrejas e ali permaneço por um bom tempo, mas gosto mesmo é de ler caminhando, mesmo tendo que parar para entender melhor um trecho do livro ou quando a história fica mais emocionante.*

*O meu maior problema é a vontade de tecer comentários, quando algum personagem fez uma coisa surpreendente...cheguei a parar gente na rua para contar...mas ficou meio esquisito, parei.*

*Na verdade, às vezes, penso que é o livro que me transporta, ainda mais agora que me aposentei, não estou preso a mais nada.*

O homem, impassível, seguro e meio desalinhado continua sua leitura.  
Incômoda? Incomoda?

*Pessoas em pé dentro de ônibus ou de metrô*

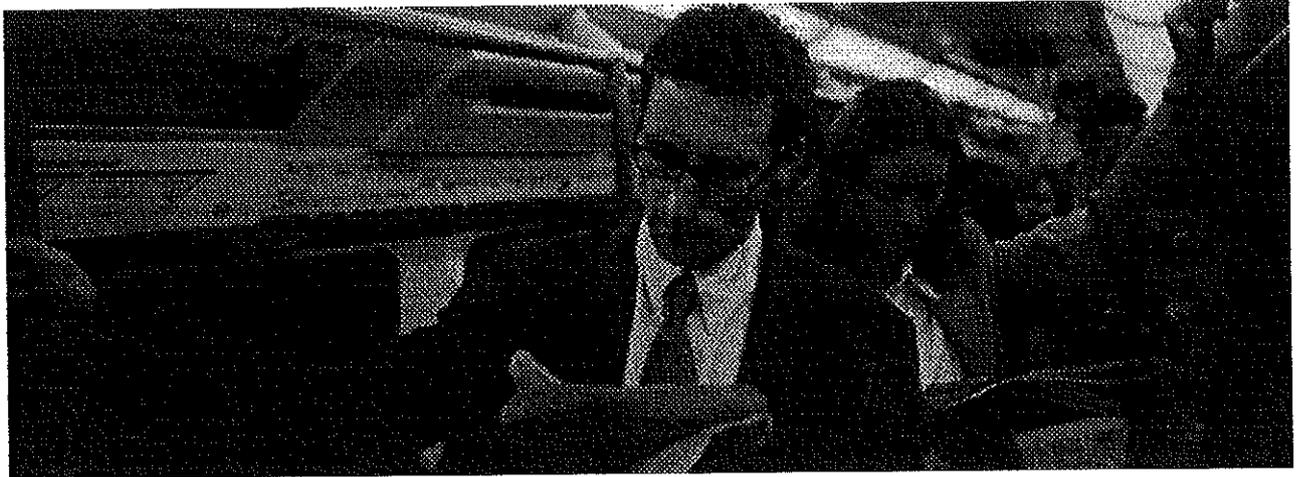


Imagem 22 –Em pé. Site: Corbis.com

Às vezes, o fato de trazermos um jornal para ser lido nos meios de transporte que usamos, torna-se um hábito.

Ler em um espaço em que há outros leitores deixa-nos com a sensação de que fazemos parte de uma comunidade que nos situa, quem sabe pelas mesmas preocupações ou por nos identificarmos por estratégias de leitura, semelhantes como folhear rapidamente o jornal, fazendo uma leitura rápida só para entender as idéias e conceitos principais.

Ao ser indagado, o leitor-passageiro disse-nos que *recorre às manchetes principais, ao título, subtítulos e ilustrações, como se fosse uma*

*escumadeira, sabe, daquelas de cozinha, passando pela superfície do texto, tentando pegar o sentido geral das informações.*

A leitura tem de ser rápida, aleatória.

O leitor, talvez, nem saiba o que está procurando; só está em busca do sentido geral do texto, muitas vezes para decidir se vai ler todo o texto de forma mais detalhada depois.

*O difícil é escolher um filme, por exemplo, na seção de cinema. Você escolhe o filme pelo título e, em seguida, tenta localizar o horário, aí você tem de ler detalhadamente, é isso é tão difícil que às vezes nem dá*

De fato, estratégias de leitura como inferência, utilizar o conhecimento sobre formação de palavras, conhecer a organização textual, os conectivos são difíceis de serem realizadas em um ônibus em movimento.

*Outra dificuldade é virar as páginas. Tem gente que reclama, mas o problema maior são os olheiros, que querem ler em conjunto. É demais...*

Sem percebermos, em pé dentro dos ônibus ou metrô nos pegamos tentando ler a manchete do jornal ou título do livro do "vizinho" e, se a imaginação estiver afiada, o julgamento vem fácil: intelectualóide, matemático, biólogo, esotérico, romântico...

## Pessoas em intervalos de atividades



Imagem 23- Lendo em intervalos de atividades.PALLADINI, Jéfferson.(2004).

No calor do meio dia e no silêncio conseguido pela distância das máquinas, os funcionários da ZF do Brasil desapertam os cintos e sapatos e lêem o jornal do dia – a empresa assina três exemplares – ou o do sindicato disputados na hora das pausas de um dia de trabalho.

Alguns trazem seu próprio jornal que falam só de futebol ou de concursos.

Os trabalhadores da ZF do Brasil dizem que compram poucos livros: a maioria a gente empresta, ganha ou pega na biblioteca do terminal. Gosto de

*ler livros que falam sobre religião, além de quadrinhos. Agora estou lendo um livro que fala sobre informática, computador e como ganhar mais dinheiro, diz Luís Gustavo.*

*Seu colega também traz livros para as pausas, mas prefere histórias dramáticas, têm que ter personagens ambiciosos que experimentam a dor, o sofrimento, a angústia. Pessoas felizes, em livros, são monótonas, chatas, sem graça nenhuma. Gosto de ler os livros do Paulo Coelho. A gente se emociona e aprende a viver melhor.*

## CAPÍTULO TRÊS

### SALAS DE ESPERA<sup>1</sup>

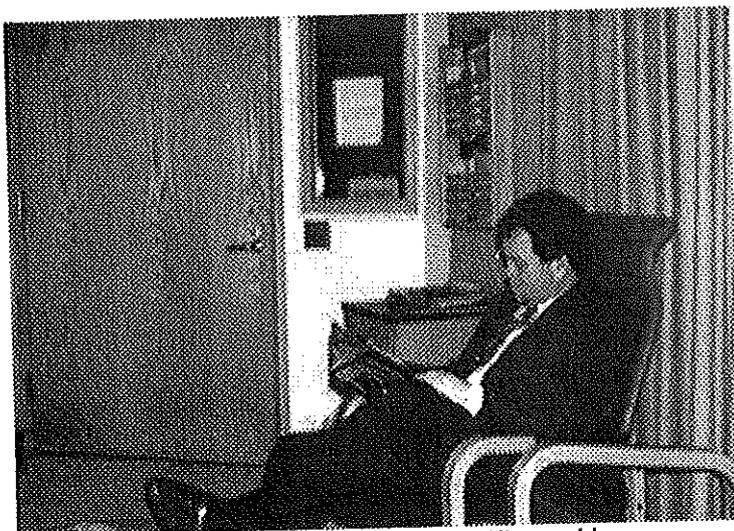


Imagem 24 - Em sala de espera. Site: corbis.com

Os debates atuais sobre a leitura e suas práticas avançaram de forma significativa.

A prática de leitura, agora, escapa dos gestos que a querem fixar como parte de uma rede constituída pela cultura hegemônica, que, como vimos, é reproduzida e projetada, na realidade, com representações de uma leitura ideal

---

<sup>1</sup> A sala de espera é identificada na p.5194 da Grande Enciclopédia Larousse Cultural como aquela onde ficam as visitas ou os clientes até serem conduzidos à sala principal. No Dicionário da Língua Portuguesa, Aurélio Buarque de Holanda, 2ª ed. p.1538, a sala de espera é definida como um compartimento qualquer onde se faz hora ou se aguarda o momento de ser atendido. Ela é a antecâmara, o bastidor, o átrio, configurando-se como uma instância funcionalizada da cidade na qual interferem valores exteriores.

que agem como fator de manutenção de certas condições históricas, de manutenção ideológica e de condições de poder.

Cada vez mais, a alteridade cultural, o intercâmbio, o olhar para os cenários da vida cotidiana são fatores que legitimam outras formas de leitura, diferentes das sacralizadas, das que fazem parte de um conjunto de rituais e mecanismos que tentam preservar o que não faz parte do gesto de ler.

Procurando contribuir para com esse debate, procuramos, no capítulo dois, averiguar as diferentes práticas de leitura em sociedade, a leitura que prescinde de lugares configurados, de rituais, mas que ocupa os espaços públicos, que é vista nas longas filas de espera, nos ônibus e nos metrô e que se espalha pelas praias e sombras de árvores.

A continuidade de formas de leitura e suas diferenças fizeram com que, neste capítulo, resolvêssemos considerar mais pormenorizadamente um ambiente de leitura: as salas de espera, de médicos e dentistas de Sorocaba com diferentes padrões socioeconômicos.

O interesse em conhecer como são organizadas e estruturadas as salas de espera deriva do fato de elas postularem um lugar capaz de ser concebido para a prática da leitura - a sua configuração com possíveis assentos confortáveis, o tempo da espera, os fatores pulsionais e o oferecimento ostensivo dos objetos de leitura. - e de elas terem a mesma expectativa: tornar a espera mais agradável.

que agem como fator de manutenção de certas condições históricas, de manutenção ideológica e de condições de poder.

Cada vez mais, a alteridade cultural, o intercâmbio, o olhar para os cenários da vida cotidiana são fatores que legitimam outras formas de leitura, diferentes das sacralizadas, das que fazem parte de um conjunto de rituais e mecanismos que tentam preservar o que não faz parte do gesto de ler.

Procurando contribuir para com esse debate, procuramos, no capítulo dois, averiguar as diferentes práticas de leitura em sociedade, a leitura que prescinde de lugares configurados, de rituais, mas que ocupa os espaços públicos, que é vista nas longas filas de espera, nos ônibus e nos metrô e que se espalha pelas praias e sombras de árvores.

A continuidade de formas de leitura e suas diferenças fizeram com que, neste capítulo, resolvêssemos considerar mais pormenorizadamente um ambiente de leitura: as salas de espera, de médicos e dentistas de Sorocaba com diferentes padrões socioeconômicos.

O interesse em conhecer como são organizadas e estruturadas as salas de espera deriva do fato de elas postularem um lugar capaz de ser concebido para a prática da leitura - a sua configuração com possíveis assentos confortáveis, o tempo da espera, os fatores pulsionais e o oferecimento ostensivo dos objetos de leitura... - e de elas terem a mesma expectativa: tomar a espera mais agradável.

Imaginamos, a princípio, que a leitura que aí se realizava, seria apenas aquela de preenchimento de tempo<sup>2</sup> e, por isso, os objetos de leitura ali oferecidos seriam aqueles que tratam de amenidades ou de informação geral ou específica da atividade do profissional.

Por conta disso, passamos a indagar: que textos efetivamente aí se encontram, além dos imaginados? Como são lidos? Como esse espaço é pensado/configurado para cumprir seu papel? Há estratégias configurando o tipo de espera? Quais os critérios de escolha dos objetos disponíveis à leitura? Como se manifestam as afinidades eletivas? A pulsão – em situações de ansiedade/espera – seria um agente incentivador da leitura?

A sala de espera é parte de uma máquina de trabalho?

### 3.1 – Máquina de trabalho

O espaço não é apenas o vazio onde se cria alguma coisa. Ele é também o ambiente que influi, o limite que molda, o contexto que possibilita a produção. O espaço de trabalho pode aumentar ou diminuir a produtividade, modificar relações, determinar fluxos de produção.

A sala de espera é parte de uma "máquina de trabalho". Seu ambiente materializa-se em formas espaciais engendradas para produção e consumo e em consonância com a inserção social dos sujeitos que a ocupam.

---

<sup>2</sup> Dentro da leitura para preencher o tempo cabe uma interpretação da estrutura social e econômica que traduz essa condição pela necessidade gerada pelos mecanismos funcionalistas/capitalistas que controlam o tempo ocioso.

A sociedade necessita de uma estrutura que a organize, uma urdidura topológica de natureza territorial. Assim, o arranjo espacial da sociedade - a organização espacial da relação homem-meio - tem imbuído a própria estrutura da sociedade, sendo regido pelas próprias leis que regem a sociedade. "O arranjo pode se tornar uma instância de organização porque o espaço é a sociedade territorialmente ordenada". (Santos, 1981,p.13).

Apesar de servir a diferentes conteúdos e estratificações sociais, esse espaço fragmentado da cidade é articulado e semelhante em variadas relações que envolvem investimento de capital. O desenho idiossincrático das salas de espera resulta de um constante processo de reorganização social, incorporado nas práticas cotidianas de agentes sociais, que, de acordo com o interesse dominante, fazem e refazem sua configuração.

Assim, as salas de espera materializam-se em formas espaciais engendradas para produção e consumo e em consonância com a inserção social dos sujeitos que a ocupam.

À primeira impressão, as idéias normativas que presidiram à sua fatura seriam o despojamento, a simplificação, enfim, uma visão ascética de moradia e que, às vezes, procurando compensar uma certa aridez, recupera a natureza perdida por meio de plantas, vasos com seixos e aquários.

Por suas conexões com a estrutura social, processos e funções que presentificam sua existência, os objetos dados a ler, nas salas de espera, podem assumir uma dimensão simbólica, se considerados como partes e produtos de dessa composição social

Vistos por essa ótica, as conformações sociais e culturais que determinam os procedimentos de leitura seriam o principal agente na escolha do repertório oferecido.

No entanto, também encontramos, na investigação, marcas de intervenção particulares que atribuímos às afinidades eletivas de quem escolhe os objetos de leitura, como painéis budistas, frases com teor político, orações, livros religiosos, ou que expunham o hobby do dentista ou do médico.

Dentro do processo descrito acima, a sala de espera seria sempre a mesma? Quais seriam as variáveis na arquitetura da sala, na ambientação e nos objetos de leitura oferecidos? As salas de espera compõem um ambiente propício à leitura?

Numa análise imediata, as salas de espera podem ser definidas como um não-lugar, como quer Marc Augé<sup>3</sup>, (2001,73) um espaço caracterizado como *não-identitário, não-relacional e sem história*.

As três características que configuram o lugar como *identitário, relacional e histórico* podem ser encontradas no projeto da casa, nas regras da residência, nos cerimoniais religiosos, nas praças públicas, e, ampliando, no recorte das terras correspondendo, individualmente, a um conjunto de possibilidades, prescrições e proibições cujo conteúdo é, ao mesmo tempo, espacial e social, já que podemos

---

<sup>3</sup> Marc Augé é antropólogo e etnólogo. Atualmente preside a École des Hautes Études em Paris. É autor, entre outras obras, de *Pouvoirs de vie, Pouvoirs de mort* (1977), *Génie du Paganisme* (1982) e *Le dieu objet* (1988). *O pensador define* melhor o conceito do não-lugar, contrapondo-o a seu antônimo: "Se um lugar pode se definir como um espaço que não pode se definir nem como *identitário*, nem como *relacional*, nem como *histórico* definirá um não-lugar". (2001 p. 73).

reconhecer nossos marcos históricos, que não têm de ser, necessariamente, objetos de conhecimento.

Marc Augé afirma que o termo "lugar" tem a conotação de "espaço de convívio", "espaço habitado". O não-lugar contrapõe-se ao "lugar antropológico", aquele onde o homem cria suas raízes, impõe suas marcas sociais, encontra seus semelhantes e constrói sua sociabilidade.

É representado pelos espaços públicos de rápida circulação — como aeroportos, estações de metrô e as salas de espera, vias expressas, trevos rodoviários, grandes centros comerciais e shoppings e pelas grandes cadeias de hotéis e supermercados em que o homem perde sua identidade e se afasta dos signos (ou resquícios, marcas) sociais dos lugares antropológicos.

Só, mas junto com outros, o habitante do não-lugar mantém com ele uma relação contratual representada por símbolos da supermodernidade: cartões de crédito, cartão telefônico, passaporte, carteira de motorista, enfim, por símbolos que permitem o acesso, comprovam a identidade, autorizam deslocamentos impessoais.

Esses espaços só se identificam como lugar pela concretude da solidificação das relações sociais e, também, pela característica geométrica, geográfica composta por interseções de linhas, retas, pontos representados por cruzamentos, itinerários, eixos por onde os homens circulam no dia-a-dia sempre relacionados ao intercâmbio econômico.

No entanto, além da configuração pensada para a produção de serviços, encontramos, nas salas, marcas subjetivas, singulares, identitárias e históricas.

### 3.2 O tempo na espera

É preciso beber, diz-lhe o apetite; eis aí algo potável, adverte-lhe a inteligência; logo, bebamos.  
(anônimo)

As horas mortas incomodam e sempre podemos recorrer a pequenos truques para entretê-las, adormecê-las ou afogá-las.

Nas salas de espera ficamos diante de um tempo vazio, situação que estabelece um encontro com nossas inquietudes e acomodamentos.

Acolher a interpelação do tempo, numa inquietude que exige ação faz com que fatores pulsionais orientem a nossa atenção a objetos capazes de satisfazer nossas necessidades e aí se manter enquanto a necessidade não for satisfeita em um movimento que alivie a tensão do olhar, de escutar, ver e sentir.

No entanto, nem sempre nos apercebemos das razões que orientam a nossa atenção para determinados objetos.

Em nosso dia-a-dia pragmático, doméstico, social ou ocupacional, normalmente pensamos, sentimos e agimos de maneira automática, sem a participação da deliberação e da reflexão e entre a atividade voluntária e a atividade automática não há limites bem definidos, mas a intensidade da ação está subordinada à afetividade, já que a energia do ato volitivo está sempre ligada à intensidade dos sentimentos.

Muitas vezes, as motivações que perfazem nossas ações situam-se em nível inconsciente, o que não significa que não possuam um dinamismo tão forte ou superior às pulsões conscientes.

Freud (1985), entre as várias definições que deu para pulsão, identificou-a primeiro como uma simples tendência para a descarga. Essa tendência seria o produto de uma união de um estímulo do mundo externo com o do interno como uma necessidade, tal como se manifesta no organismo em vários níveis, como a fome e a sede.

Só que a *Trieb*, segundo Freud, não se trata da pressão da necessidade como a fome e a sede, funções biológicas que sempre têm um ritmo. Freud diz que para a pulsão, não há dia nem noite, nem primavera, nem outono, já que é uma força constante.

Também para Lacan (1995, p. 172), a satisfação da pulsão é chegar à sua meta: *la fiera sale de sua guarida querens quem devoret y cuando encuentra dónde hincar el diente, queda satisfecha, digiere.*

Ao lado das excitações externas das quais o indivíduo pode fugir ou proteger-se, existem fontes internas portadoras constantes de um afluxo de excitação (estado de tensão) das quais o organismo não pode escapar e que são fatores propulsores do funcionamento do aparelho psíquico.

O seu alvo é suprimir esse estado de tensão e é no objeto ou graças a ele que a pulsão pode atingir o seu alvo.

A sala de espera, com seu silêncio e recolhimento, talvez possa estabelecer uma situação de encontro com nossos registros interiores que possam, no momento, apresentarem-se desestruturados a ponto de ameaçar valores, pseudoconceitos de integridade, de auto-respeito ou de equilíbrio; e como a nossa observação é naturalmente condicionada pelos esquemas habituais de

significação social, em uma situação de espera, os objetos oferecidos encaixar-se-iam, harmoniosamente, como alvos que supririam esse estado de tensão, neutralizando qualquer ameaça de desordem interior, materializando a leitura.

Nesse caso, os objetos transformar-se-iam na lanterna dos afogados.

### 3.3 Narrativas de espera: contos

Há uma cenografia de espera: eu a organizo, a manipulo, destaco um pedaço de tempo onde vou representar a perda o objeto amado e provocar os efeitos de um pequeno luto. Tudo se passa como numa peça de teatro.  
(Barthes, 1985).

O tempo livre é tempo vazio. Ao separar as pessoas de sua atividade produtiva, a sociedade tenta dar conta do seu tempo ocioso submetendo-as, de alguma forma ao consumo.

Assim, encontramos, nas salas de espera, objetos de leitura que atendem a uma demanda variável e diferenciada de esperadores que, por qualquer motivo se tornariam leitores. Qualquer um desses motivos teria como força motivadora fatores pulsionais que fazem com que a nossa atenção tenha a tendência para se orientar para um foco capaz de satisfazer nossa necessidade momentânea de preencher o tempo.

No entanto, às vezes, preferimos desligarmo-nos dos esquemas ordenadores do tempo da espera deixando, quase como uma necessidade, que nossos pensamentos se revelem.

Nessas ocasiões, a ação se recolhe, imersa em pensamentos, para, em seguida, emergir revestida do silêncio próprio da contemplação interior que, às vezes, debruça-se sobre verdades veladas.

As narrativas que se seguem têm como fundamento o tempo de espera que, abdicado dos mecanismos utilitaristas do viver, potencializa o seu espírito contemplativo, em um ambiente que o acolhe.

Nelas encontraremos leitores que lêem e divagam seja em poltronas de avião ou de salas de espera, que lêem e são interrompidos por outros que esperam, que lêem e se excitam e que até roubam revistas.

## Alice

*O tempo é a substância de que estou feito.*  
Borges (1994:434)

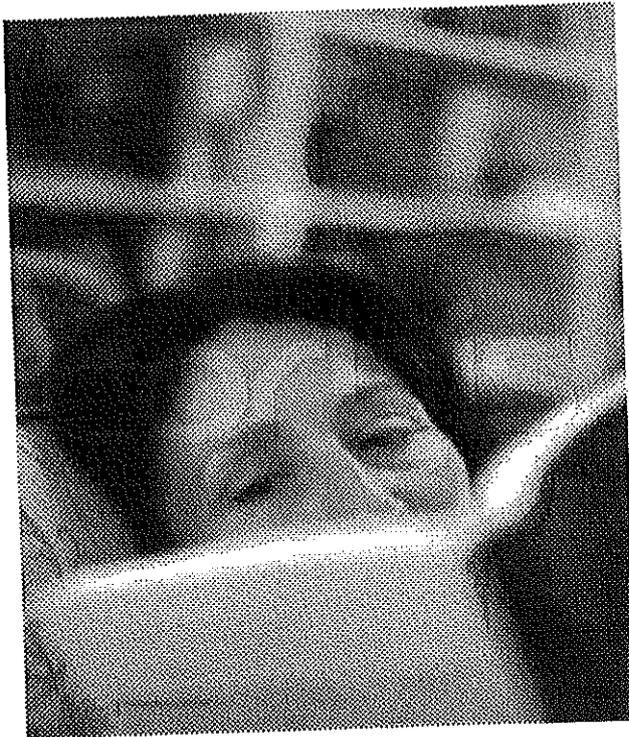


Imagem 25 – Alice lendo. Sjte: corbis.com

Às 8h em ponto, Alice entra no consultório de seu dentista.

Dirige-se à recepcionista e lhe entrega os cartões de consulta e o de crédito. A recepcionista verifica seu nome e devolve-lhe os cartões: *Aguarde um pouco que o doutor já atende...* Alice sente um certo alívio, como se tivesse cumprido uma etapa. Pergunta se pode fumar e a recepcionista, com um movimento de cabeça, indica-lhe a placa: **NÃO FUME.**

Alice concorda com um aceno de cabeça e verifica se realmente colocara na bolsa os cartões e o recibo. Respira fundo. Sentia um certo prazer, neste tempo vago, quase cedido. Acomoda-se na ampla cadeira de couro, enquanto percorre com o olhar a sala de espera, aguardando a seqüência dos acontecimentos. *O Dr. Martim, de fato, tem muito bom gosto. Muito viajado, o Dr. Martim... esta praça deve ser na Itália, este quadro eu sei de quem é, Volpi! Será?* O ambiente era agradável, ar condicionado silencioso, cafezinho, água, *ele cobra caro, mas a gente relaxa. Pena que não pode fumar...*

Alice lança um novo olhar para a placa do não fume; sentia-se com uma leve inquietação, um fiapo de tensão, uma sensação desconfortável. Muito silêncio, o que irá fazer agora? Endireitando as costas, repara na mesa de centro, repleta de revistas bem organizadas, expostas de forma a ler-se o título. Escolheu uma **Caras**.

Recoloca a revista insatisfeita e começa a vasculhar os outros objetos oferecidos a ler. *Vou encontrar o óbvio. Encontra Veja, Caras, Contigo, um livro religioso, muitas revistas religiosas, não sabia que o Dr. Martim era evangélico...Ele mesmo escolhe as coisas pra gente ler? Por que esta revista está aberta, com o texto sublinhado, pronta para ser lida?*

Alice recorda-se de já ter visto a recepcionista, Lúcia, sublinhar partes de textos que considerava interessantes aos clientes: *como abaixar seu colesterol, técnicas de relaxamento, dez formas de reencontrar a alegria de viver...*

A investigação de Alice é levemente perturbada pela entrada de uma jovem bonita, que, feito o ritual de enquadramento, senta-se, tira da bolsa um livro e lê.

Um senhor, quase escondido por uma coluna romana de gesso, abre seu jornal com tapas barulhentos, tentando ajeitá-lo na melhor posição de leitura.

Alice levanta a cabeça da revista religiosa, como se assim respirasse melhor e, olhando para a sala de espera percebe que se sentia, ao mesmo tempo, desconfortável e livre, ali, com a expectativa controlada, o ambiente amplo, leve, igual, quase como se tivesse saído de uma revista de decoração.

Naqueles momentos de espera, Alice está sozinha, anônima, individualidade absoluta. O homem do jornal lembrou seu pai, *tão grande, meu pai, gordo e vermelho e tão cheio de sonhos*, fazendo consertos pela casa, consertos que nunca acabavam, e de mais tarde, mais tarde ainda, de vê-lo no fundo da casa, sentado em um banquinho, quieto, sem camisa, fumando em silêncio. Já, naquela época, ele sabia que não havia mais nada a ser consertado.

Durante anos Alice tentou ignorar a dor do pai, pois a sentia como sua, identificou-a em si. *O legado...* Seu pai, percebendo a projeção, escolhera-a como ouvinte. Era ela quem ouvia os sonhos, o futuro em suas mãos que ele erguia num gesto imperial e patético, desequilibrando o copo. Alice odiava-o.

Tentou, sua vida toda, dar o passo certo. Tentou transformar sua tristeza em arte. *Tantas pessoas conseguiram perpetuar emoções em quadros avermelhados e repletos de conceitos ou escreviam o livro de sua vida, mesmo que fosse o único e que se repetisse desesperadamente...*

Alice não desistia: estabelecia horários no imobilismo de sua vida cotidiana e cumpria-os rigorosamente, projetando-se no próprio jogo que construía. Freqüentava um coral, todas as quartas-feiras, das vinte às vinte e duas horas. Hoje, faltaria.

Às vezes, passava tempos convencida que viver era bom! Todos bem em casa e isto realmente era muito bom! E era quase feliz...

A construção diária da felicidade consistia em manter a casa em ordem...A casa cheirosa, sopa de legumes, o suco borbulhando vitaminas esmagavam prontamente qualquer emoção que distraidamente tentasse tirar qualquer quadro da simetria estudada.

Como insistia em viver, alguma coisa tinha de ser feita.

O roçar o fundo monstruoso tornava-se cada vez mais próximo e sedutor, minando, dia após dia, o bem estar construído, invadindo salas, quartos e cozinha, fazendo-a desligar panelas, fechar livros e janelas e a sentir culpa por não ser feliz e a limpar novamente os azulejos decorados do banheiro até não haver nenhuma mancha aparente.

Lúcia teve de chamar duas vezes por Alice que a olhou interrogando: *já?*

### Igor

Ela era bela, muito bela, cabelo liso, negro e longo. Estava vestida com sutileza...*como era linda...* pensei quando fazia fila para abordar o avião para Nova York no aeroporto Charles de Gaulle de Paris. Desapareceu na multidão do saguão.

A funcionária me pôs de volta a terra: fumante ou não-fumante. Marcou no cartão de embarque o número do assento e me entregou com o resto de meus papéis.

Na sala de espera da primeira classe, apesar da nevada lá fora, a primavera era ali real. Havia rosas vivas nos vasos e até a música parecia sublime.

Desdobrei meu jornal detalhadamente e comecei a ler, atento à chamada de embarque.

Quando finalmente consegui embarcar, os passageiros da primeira classe já estavam em seus lugares e uma aeromoça me conduziu ao meu.

Perdi a respiração. Na poltrona vizinha, junto da janela, a bela tomava posse do seu espaço com o domínio dos viajantes experientes. Cumprimentei-a indeciso e ansioso.

Viajo três a quatro vezes por semana e, por conta do pânico de voar e do medo de me viciar em Lexotan, leio livros, muitos livros.

Ao pegá-lo – ante-sala do prazer - organizo a leitura, manipulo o livro, enceno a espera da abertura da primeira página, passagem para um outro

universo, tentando adiar estrategicamente o pavor e pela experiência da leitura, mudar a cena.

*O médico e o Monstro...* Gosto de pôr o fone de ouvido e antes de abrir o livro, quase sempre penso o mesmo: qual é o médico, qual o monstro aos olhos de outrem? Que olhos? Os olhos punitivos que muitas vezes enfiamos em nossa cara e cometemos injustiças, mesmo que bem intencionados?

Os olhos desejanter de alguém que pode também ser a vítima, não do médico, mas do monstro instalado em si próprio? Esse monstro, Dionísio redivivo que toma o lugar sempre vago da fantasia no mesmo assento apertado da moral...

Mas a Bela desconcentrava-me...dormia ao meu lado uma criatura de fábulas, em um sono estável. Nós dois sozinhos na penumbra do mundo.

A única coisa que desejava, agora, era vê-la na quietude de seu sono e, contemplando-a, podia perceber as sombras dos sonhos que passavam por sua frente.

Concentrei-me na leitura, tentando controlar o estado de excitação em que me encontrava.

Era novembro. Céu e mar... teria um mar abaixo? E tochas mumurantes abaixo de meu assento? Não, aqui não há sombras...

Respiro tímido. Enxame de idéias, de sonhos, cair e ir morrendo o tempo todo...equilibrar as coisas até o ponto imóvel...

Como dorme...O avião estava quieto e o mundo calmo, não há com o que ocupar um vazio de céu sem medos...

Então ela acordou. Endireitou-se na poltrona, levantou-se sacudiu os cabelos, passou por mim quase derrubando o livro e, com uma desculpa convencional, desapareceu.

### **Jerônimo**

Jerônimo estava na sala de espera de um consultório médico e percebeu, com espanto, que estava formidavelmente excitado.

Reduzido a nada, olhou em volta, tentando manter coesa a aparência, e como ninguém parecia compartilhar de seu constrangimento, solitariamente recolheu-se em si mesmo, podendo, assim, guiar-se no descobrimento da causa.

Tentou classificar as razões, constituir um corpus de análise, mas as divisões esquivavam-se. A sala de espera. Razões exteriores. Relações nulas, inócuas, inclassificáveis. Desordem. A vidraça, os quadros, desejo e objeto, ele sabia.

Poderia ser o que tinha em mãos há pouco tempo. As estampas, em uma revista, de moças seminuas vendendo sutiãs e calcinhas transparentes. Era isso. O corpus reduzido a corpos. Contingência soberana. Pura linguagem dêitica.

Em sua pequena solidão, com as imagens sobrecarregadas do que representavam, no colo, colados um ao outro, Jerônimo permanecia imóvel, com o mundo em movimento. Desordem.

Tentando alcançar a dignidade, escolheu outra revista pousando-a, desinteressado, também no colo. Invisível aderente.

Acomodou a vista na sala, tentando aceitar seu estado: relaxou o corpo abandonando o espírito, deixando que as idéias flutuassem, sem ordená-las, com uma obstinação quase física.

O aquário observável e irritante e a revista quente com as fotos armadas.

Atentou-se aos traços, detalhes secundários, particularidades insignificantes, como a conformação das unhas, dos lobos auriculares, dos sapatos, a circunvolução da cartilagem interna, as formas dos dedos, das mãos, dos pés, o anelado dos cabelos, indícios imperceptíveis, quase uma negação da transparência da realidade. O desconforto que sempre lhe fora conhecido e que, agora, procurava um sistema escapatório.

Olhou para a porta. As ruas abriam-se longas, intermináveis, vazias de carros. O olhar perscrutava ao redor. Ar.

"Senhor... o senhor esqueceu as revistas, de devolver as revistas...".

### Lúcia

Boa tarde... como vai a senhora, tudo bem? Ela organizava sua tarefa, indiferente - nenhuma contração em seu rosto banal - a recepcionista Lúcia, determinava o que iria acontecer comigo: senhora espera um minutinho...o doutor já chama....

Procurei, ziguezagueante, uma cadeira, caminho estreito. A sala tinha um estilo simples: uma repetição infinita de ladrilhos e três janelões, por onde entrava uma luz intensa, clara que iluminava a sala de forma quase irreal.

Sentei. O céu tinha uma tonalidade bastante esverdeada, refletindo o amarelado das bordas das nuvens e remoinhava em uma árvore grande, num tumulto de pinceladas cada vez mais espessas, adquirindo um aspecto de espiral, de vórtice de matéria celeste a mergulhar no fundo do espaço.

Respirei fundo e organizando em memória meu dia, fazendo uma pauta das atividades do dia, tentei afastar uma inquietação que me incomodava.

A recepcionista estava inclinada sobre a mesinha, ajustando as revistas na mesinha do meio, pensei: valeria a pena dar uma olhada?

Ela olhou-me com um sorriso profissional formado em sua boca de lábios assertivos e finos, corrigindo a posição defeituosa de algumas revistas.

Imediatamente começou a atender um casal de turcos que foram acomodados nas confortáveis poltronas e insistia em que eles lessem alguma coisa.

O homem de terno cinza, amavelmente, concordou distraído e aborrecido, e sua mão dirigiu-se a uma revista que indicava, em marcações amarelas, *como viver melhor levando em conta o seu potencial criativo*, ao mesmo tempo em que uma mulher esbaforida entrava, olhando em volta, compondo-se e sentando-se ajeitadamente, aparentando intimidade na situação de espera.

Atravessando a sala, Lúcia entregou-lhe um livro já aberto.

A sala estava repleta. Pouco a pouco, tive de me convencer que a espera seria longa...Envolvi-me a observar os outros esperadores, todos leitores de Lúcia

e, durante alguns minutos, esqueci o tempo e os cheiros da sala de espera pareceram-me costumeiros e pareceu-me a espera, necessária, condutora, disfarçada, sedutora... *não conferir a ninguém a tua urgência...*

*Lady sings the blues* tocava baixinho, em um rádio oculto e o pior é que ela me olhava nos olhos, a recepcionista, a Lúcia, e por que é que não posso agüentar esse olhar se afinal é só a recepcionista?

Acabei por submeter-me, também, às suas marcações nas revistas. Havia algo de tão original e sincero naquele convite.

Ela olhou-me vitoriosa; me lembro de fixar-me mortalmente concentrada, tentando acompanhar a seqüência das matérias sem perder o entendimento e sem perder o seu olhar...como se ela me vigiasse...Obediência...

Já nem sabia há quanto tempo estava lendo. Meu rosto suave. Sentia-me aborrecida; alterações da serotonina em seus níveis sinápticos ou pós-sinápticos?

Levantei-me e fui à janela. Um pássaro voou do fio elétrico e foi abrigar-se em uma folhagem.

Concentrei-me, novamente, nos comandos dos amarelos - ela marcava seus interesses com canetas amarelas - e li o que Lúcia me mandava ler: *como parar de fumar...os sobreviventes heróicos de um naufrágio... histórias de amores impossíveis... Desde que te conheci, as coisas construídas significaram diferentes. As incertezas, angústias que foram tapadas com racionalismo e sublimações desandaram...perderam a força...ficaram ridículas e patéticas. Você é produto de minha falta, eu sei, você nem existe, mas parece com o que deveria existir, tem cara, mãos e gestos como os que deveriam ficar a meu lado nesta vida custosa, complicada e chata. Quando eu te conheci já estava acostumada a sentir o barco*

*morno, seguro e muito controlado. Você me fez sair do caminho programado, deixou o barco à deriva, pronto para tempestades e maremotos, enfrentando o que tivesse que ser...coisa boa...coisa ruim...e agora?*

E agora? Olhando vagamente para cima, lambi as lágrimas que caíam seguras sobre a revista, manchando o amarelo do marcador de Lúcia.

Respirei fundo e entreti-me, agora, sobre *a força de viver que está dentro de cada um de nós, sobre cromoterapia e a cor violeta, sobre cura de diabetes com floral de Bach, metáforas com formas de ser feliz...tem cara, mãos e gestos como os que deveriam ficar a meu lado nesta vida custosa, complicada e chata...*

A recepcionista continuava convidando as pessoas a lerem as matérias marcadas. Nunca antes suspeitara que existissem lugares em que se lia tão bem conduzido. Uma receptividade tão flexível e profunda capaz de orientar-me, de me fazer ler com os muitos esperadores que a sala brilhante acolhia.

Lúcia chamou-me. Levantei-me e antes de entrar na sala do médico, olhei por uns instantes para a sala de espera e perguntei-me se os outros todos, seduzidos pela leitura indicada por Lúcia, teriam percebido a experiência, tão simples, tão íntima de fazerem parte de um cenário que continha uma leitura coletiva.

## Lígia

Passado o cansaço do instante da chegada, Lígia começou a sentir, na espera, uma estranha serenidade.

Tinha a impressão de ter conseguido cumprir alguma ordem entre o preparativo da ida ao médico e o resultado da chegada. Um suspiro profundo deixou emergir uma dor doída que, descontroladamente, percorreu seu corpo deixando-o inseguro, atordoado, fazendo com que Lígia se lembrasse das outras vezes, das tentativas inúteis, dos sofrimentos perdidos que precederam a sua chegada à sala de espera... *e, no entanto, dentro de meia hora, o Dr. Diogo me mostrará a soma, diante de mim...o cômputo...realizado.*

A recepcionista, discreta e alheia, trouxe café e, num gesto rotineiro, ajeitou as revistas e livros expostos na mesinha de centro. *Ela não sabe nada de mim...* pensou Lígia fixando seu olhar em Laura, desviando-o rapidamente para a sala, para a harmonia, a composição exata, para o silêncio organizado que o espaço instalara.

O ambiente austero, com poltronas de couro marrom, o mapa de Paris e seus traços amarelos, azuis e vermelhos entrecruzando-se aludia a um outro espaço que Lígia não conseguia identificar.

Ignorando o incômodo, Lígia ajeitou os cabelos, cruzou as pernas devagar e foi assim que um novo cliente, Marcos, que tinha um ar meio cosmopolita e caipira, encontrou-a esperando, acariciando, absorta, o couro da poltrona.

Lígia esperava, em uma ativa passividade, rondando faminta em torno de suas memórias...Quem a olhasse, cuidadosamente, veria uma mulher inspecionando a sala, o tapete simétrico, a televisão ligada baixinho, as janelas amplas devassadas pelo sol do fim da tarde.

Mas ela sentia-se ameaçada em sua espera. *Se eu fechar os olhos... de novo, aquilo, a tontura...e se eu desmaiar... como num filme, sem prumo, zonga..*

Essa sensação de perda crescia e em pouco tempo inundava o peito de Lígia, as têmeoras frias.

Previendo, Lígia abaixou os olhos para o assoalho, com pavor e teria fugido não fosse o desejo do resultado final. Levantou os olhos devagar e localizou o espelho, os quadros, os vasos de flores e as revistas e o mapa de Paris.

Lembrou-se. Tinha encontrado uma gravura semelhante no hospital. Mais antiga, já amassada, mas era a mesma....*ah, não, de novo não...*

Procurou olhar para Laura, depois para Marcos, pegou uma revista, das muitas exibidas à sua frente, segurando-a firme em suas mãos, forçando interesse e concentração, mas as lembranças cobriam pouco a pouco a estudada serenidade e avançavam como fantasmas.

O silêncio e o suave ruído da TV e, agora, um sino de relógio que repicava sem cessar, marcando o tempo largo, pausado...Sentiu um desejo de sair, correr, o desejo cresceu por dentro e começou a agitar-lhe as pernas...

Em desespero, Lígia apegava-se à imagem da revista salvadora, mas via avançar a noite do outro lado dos vidros da grande janela, e, embora os dedos tremessem, a mão, vencendo, abriu a porta do consultório e ela começou a

caminhar em linha reta, pela calçada, pela grama da praça em frente ao consultório do Dr. Diego.

Caminhava vigorosamente, sem olhar para nada e foi assim que tropeçou em latas e canteiros, sujando as mãos nas pedras grandes que sobressaltavam do jardim da praça.

Antes de cair, viu um pássaro grande cruzando a praça de ponta à outra, batendo com força as asas.

No chão, não teve medo. Estava só.

Levantou-se e começou a caminhar cada vez mais rápido, alcançando uma parte da praça repleta de árvores. Ficou ali, quietinha, oculta pelas copas dos imensos Flamboyantes.

Na penumbra, junto aos troncos das grandes árvores, ouviu um salpico de chuva, que mansamente enlodava tudo. Sua cabeça girava suavemente, Lígia suspirava e cedia o rosto e o corpo ao vento ressonante e forte que se enredava por entre as árvores. E então teve medo.

Mas uma mão forte obrigou-a a levantar-se, dirigindo-a, protegendo-a, segurando-a pelo pulso... *Como vai Lígia?*

Devolvendo, para a mesinha do centro, a revista que inutilmente ela segurara durante toda a espera, Lígia olhou para o Dr. Diego que a cumprimentava e sentiu imensa pena de si mesma. Quase conseguira. À porta. Agora era tarde demais.

Ela sabia que nem que fosse por alguns instantes, se a mão a largasse, seu corpo tomaria a tremer. Sabia que voltaria para o hospital. Era para lá que a estavam levando.

Então se lembrou de que quando abriam a janela, ela podia ver o céu e a torre imensa e firme da igreja, os telhados, os campos que se perdiam. Pôde lembrar-se dos passos lentos, arrastando os pés, do enfermeiro Germano, que poria o leite em sua xícara, assim, do alto, a olharia complacente, com seu avental branco, retirando-se logo, com uma leve reverência.

Ela voltaria a tentar, ela sabia disso, ela era forte, apesar de se esconder abaixo das pedras ao menor ruído, ela era forte, apesar de sempre necessitar de uma mão forte sobre seu ombro, presença conhecida, apesar de sempre precisar do tranqüilo familiar.

## CAPÍTULO 4 – A PESQUISA

A organização física de uma sala de espera reflete, na maioria das vezes, o organograma de uma empresa: as recepcionistas no meio, cadeiras e mesas cômodas, distribuição espacial que busca a eficiência no aproveitamento do espaço, a funcionalidade, a adequação do ambiente ao tipo de trabalho que se espera realizar ali e o propósito, em uma previsibilidade de configuração, mas em um certo estado de latência que flexibiliza o espaço de acordo com as necessidades prementes, como por exemplo, poltronas encostadas para que um bebê durma feliz ou...trocado. Um espaço protegido.

Na verdade, toda arquitetura estabelece um sistema de poder que precisa ser cuidado com atenção porque, como forma de organização de domínios, não existe arquitetura ingênua. Dessa forma, a atenção das pessoas que cuidam das salas de espera, não é opressiva, mas é perene. Não é coercitiva, é atenta, observadora.

No entanto, mesmo procurando essa assertividade, se observarmos melhor a arquitetura e a decoração de certas salas de espera, que parecem assépticas, com formas neutras e anódinas, descobriremos que em suas configurações estão presentes marcas de intervenção particular repletas de significados: são as manifestações das afinidades eletivas.

Gravuras trazidas de viagens, máscaras medievais de dramas japoneses, um Kandinsky meio desbotado, uma espécie de flâmula que mostra interesse por

objetos extraterrestres e até fotografias de aniversários convivem com os objetos disponíveis à leitura que, por serem componentes da organicidade das salas de espera, assumem uma dimensão característica, podendo ser considerados como objetos sociais, produtos de um movimento do arcabouço social que elege os artefatos que comporão um ambiente de espera.

Vistos por essa ótica, as conformações sociais e culturais que determinam os procedimentos de práticas culturais, inclusive as de leitura, seriam os principais agentes na escolha dos objetos oferecidos a ler. Será?

Averiguar como se dá essa prática da leitura em dez salas de espera de diferentes níveis sociais de Sorocaba, procurando compreender o que ou quem determina a escolha dos objetos oferecidos a ler e como e por que acontece a leitura, se é que acontece, foram as questões que nortearam a pesquisa que segue.

#### **4.1 Metodologia**

O processo dessa pesquisa fundamenta-se em dados coletados junto aos responsáveis pela escolha dos objetos de leitura disponíveis nas salas, por meio de entrevistas gravadas e documentadas.

Dez entrevistas semidirigidas, previamente agendadas, como duração aproximada de 40 minutos, serviram de pré-teste para a elaboração do roteiro.

Em cada visita, fizemos o registro de todos os objetos de leitura oferecidos, com data e número de edição.

As demais observações – disposição dos móveis, posição do atendente, presença de TV ou rádio, iluminação, quadros, ventilação – constituem a base de um diário de campo que utilizou fontes iconográficas, úteis como base contextual e ilustrativa.

Conforme já especificado, a entrevista foi um dos instrumentos que empregamos na etapa da coleta dos dados. Trata-se, como afirma Brandão (1988, p.23) de um instrumento fundamental quando queremos captar os significados que os sujeitos constroem sobre a realidade.

A observação também foi um instrumento extremamente útil para a coleta dos dados.

Segundo Ludke e André (1986), esse método de investigação possibilita um contato pessoal e estreito do pesquisador com o acontecimento pesquisado, permitindo que o mesmo chegue mais perto das experiências diárias e perspectivas dos sujeitos envolvidos no fenômeno estudado.

O desenvolvimento da pesquisa teve o seguinte procedimento:

- Mapeamento do espaço sala de espera: um levantamento prévio por meio de catálogos dos consultórios médicos e odontológicos a serem visitados;
- A escolha e visita dos locais, seguindo os seguintes critérios: localização geográfica; preço (fator de interesse social) e o estatuto social;
- A coleta de dados *in loco* que foram registrados por escrito e fotografados;
- Entrevista com os responsáveis pela escolha dos objetos disponíveis para a leitura;

- Entrevistas com clientes;
- Modo de exposição dos objetos;
- Descrição da sala.

Seguimos a vertente *quantitativa* de análise – levantamentos de dados por meio de questionários, gravações e fotos e *qualitativa* – entrevistas. A pesquisa qualitativa tornou-se adequada, uma vez que, segundo Bogdan e Biklen (1994), ela tem o ambiente natural como a sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.

Além disso, a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra por meio do trabalho intensivo de campo.

A seguir, inventariamos o grau de incidência dos dados coletados e, depois de uma releitura, à luz desses indicadores, fizemos a análise e a interpretação.

As pessoas que escolhem o material de leitura das salas de espera visitadas foram solicitadas a responder um questionário descrevendo hábitos de leitura dos esperadores, quem organiza os objetos de leitura, entre outras tantas questões.

Ao visitarmos as dez salas de espera, preocupamo-nos com as diferenciações de classes sociais por conta da diversidade do público (demanda variável e distinta) e que, conseqüentemente, nos traria diferentes tipos de objetos de leitura.

Supúnhamos que se fossem, os esperadores, variados em termos de renda, padrões culturais e valores os objetos de leitura deveriam corresponder aos seus anseios e expectativas. O que, de fato, encontramos vem a seguir:

## 4.2 Os resultados

Sala de espera nº 1



Imagem 26 – Sala de espera 1

Sala de espera de um consultório odontológico localizado na região central de Sorocaba. A clientela do dentista Sérgio pertence, em grande parte, à classe média.

Nos diálogos rápidos de saudação ou despedida e, depois de uma observação mais atenta, nos objetos oferecidos a ler, chegamos à conclusão de que a maioria dos pacientes do Dr. Sérgio procuram-no por uma afinidade a mais, além da confiabilidade na prestação de seus serviços: a afinidade religiosa.

Segundo nos informa a recepcionista Fátima, a maioria dos clientes do *"doutor Sérgio são da Igreja, e ele faz um preço melhorzinho"*.

Assim, para preencher o tempo de espera, o dentista Sérgio oferece aos clientes, além de dois jornais diários e de revistas populares, livros e revistas que espelham sua preferência religiosa.

Dessa forma, a *Bíblia Sagrada* e revistas como *No Cenáculo* ou *Luz do meu caminho* misturam-se às *Casa Cláudia* e às *Vejas* dispostas de forma organizada na mesinha do centro, que também abriga uma violeta descorada. *Todos os dias, dou uma arrumadinha nas revistas, mas as pessoas jogam elas em qualquer canto, diz Fátima.*

Uma campainha anuncia todos os clientes que entram, aproximam-se da recepcionista Fátima, sempre sorridente e confirmam o horário.

O ambiente é agradável, iluminado e quase silencioso, se não fosse por um ventilador de teto, com pás enormes e barulhentas.

No entanto, de acordo com Fátima, *há poucas pessoas lendo na sala. As que esperam, permanecem em silêncio, quase sempre, diz ela.*

A disposição dos móveis é a de uma sala de visitas residencial. Não há ar condicionado; nas paredes, um quadro com o aparelho bucal, um aquário mal cuidado, com uma planta e uma foto do filho do dentista em cima e uma gravura de Jackson Pollock, carregado de uma veemência emocional tão grande que destoa da configuração prosaica da sala de espera.

O dentista explicou-me, depois, que sempre admirou a obra do pintor americano *por causa da mistura de cores, linhas, planos e pontos.*

## Sala de espera nº7

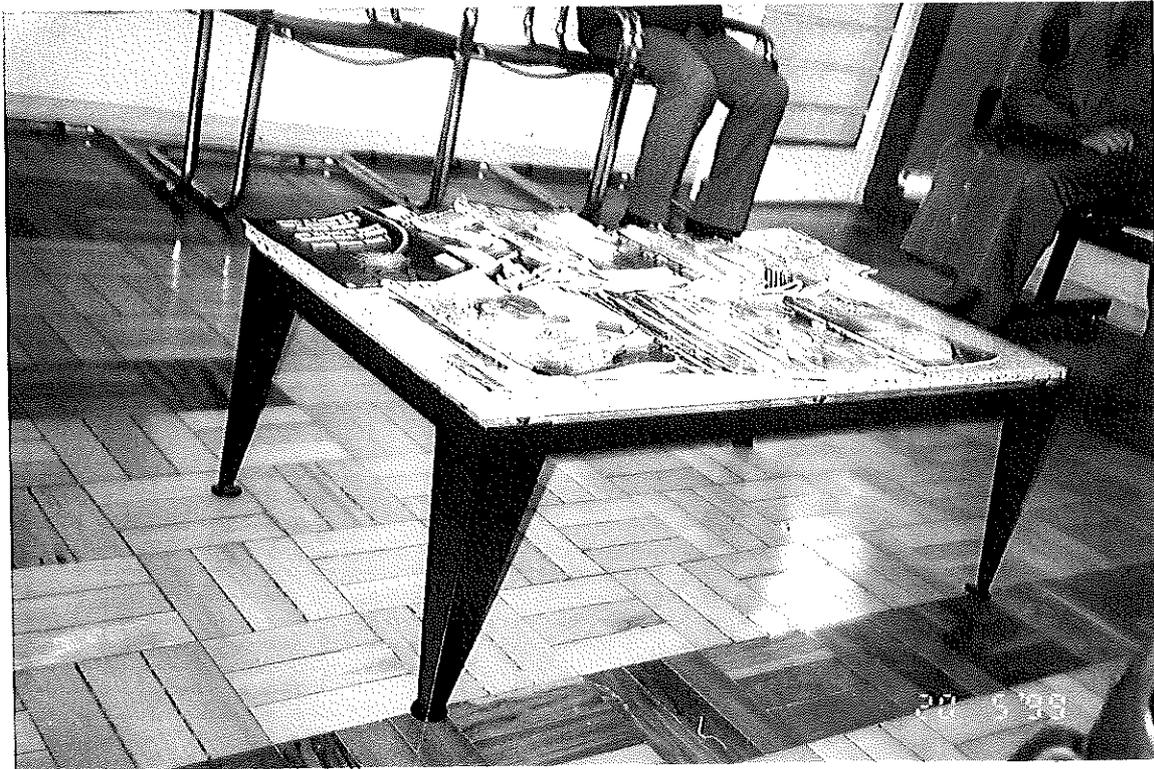


Imagem nº32 – Sala de espera 7

A sala de espera número sete, de um consultório médico, fica em um bairro nobre da cidade de Sorocaba. Nela, encontramos, paredes cobertas por um papel prateado fosco, móveis angulosos, pretensiosamente trabalhados e reluzentes figuras abstratas em pedestais de pedra. Nas paredes uma discreta placa – NÃO FUME - e uma gravura de Paris na chuva.

A sala de espera está organizada da seguinte forma: várias cadeiras de couro e cromo mais confortáveis do que aparentam ser tendo, ao meio, uma mesinha baixa de madeira escura, com tampo de mármore que acolhe montinhos com diversas revistas.

Segundo as observações de Fátima, os homens lêem mais os jornais e as mulheres preferem conversar ou manter-se caladas. Quando lêem, preferem revistas de cunho religioso, mas as mais novas gostam de ler as revistas que falam de pessoas importantes da televisão.

A escolha dos objetos dados à leitura é feita pelo dentista e por doações de clientes.

### **Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Livros:

ELLEN G. WHITE, O conflito dos séculos, Casa publicadora brasileira,

Santo André, S.P., 78.

A Bíblia Sagrada. Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, 69.

Novo Testamento. Os Gidões Internacionais, 91.

DEMÉTRIO Fraiha. Somos um com Cristo. Ação missionária evangélica.

Campinas. 88

----- Convém conhecer. Ação missionária evangélica. Campinas,

1998.

LETTIE Cowman. Mananciais no Deserto. Editora Betânia. R.J. 1.986.

Jornais:

Cruzeiro do Sul (assinatura).

Diário de Sorocaba (assinatura).

Revistas:

Conexão Paulista – Ano 2 – nº 14 – 1993

Cada Dia – Vol.15 – nº 11. Luz do meu caminho. Campinas, S.P.

No Cenáculo – ano 50 – nº 2 – 1998.

Veja: ano 33, nº 32;

Veja: ano 37; nº30

Veja: ano 32, nº 18;

Veja: ano 35, nº 16;

Veja: ano 34, nº 31.

Casa e Jardim: nº 42, 1999.

Casa Cláudia, Ano 15, nº 9.

APCD – Revista da Associação de Cirurgiões Dentistas – vol. 52. nº 3 – 1.998.

Caras: ano 8, nº 21

Caras: ano 8, nº 24

Caras: ano 8, nº 25

Caras: ano 8, nº 30

Época: ano II; nº 198.

## Sala de espera nº 2

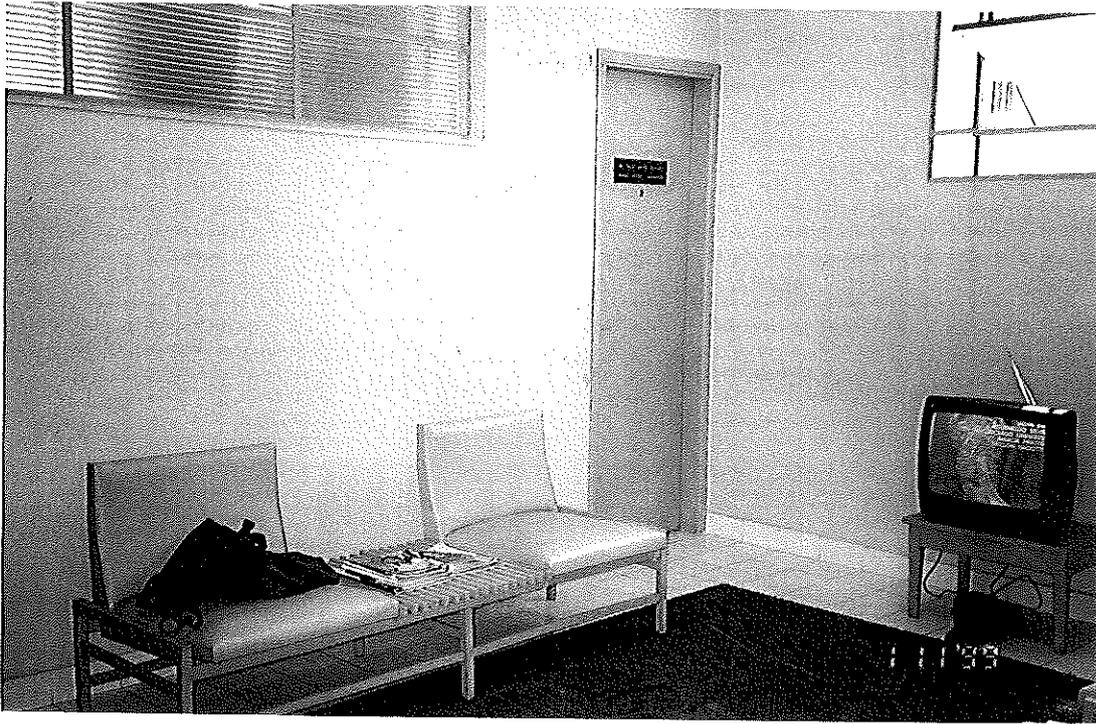


Imagem nº27 – Sala de espera 2

O espaço silencioso da sala de espera da imagem de número dois é o do consultório do dentista Marcos, dentro de uma fábrica de tratores.

Ele é minimamente decorado, com cadeiras de couro claro e uma duas janelas, percebendo-se em sua configuração uma otimização de tempo e espaço.

Nessa sala de espera, coexistem a adequação e a coerência na combinação dos componentes que perfazem sua estrutura, adaptada para as características socioeconômicas de seus pacientes e para a lógica do capitalismo dentro da qual todo tempo deve ser gasto de forma útil. A sala acolhe leitores pressupostos e oferece-lhes revistas especializadas que despertarão o seu interesse pela leitura.

Algumas flores compõem a decoração da mesa da recepcionista Judite que abriga vários instrumentos de escritório como grampeador, apontador de lápis e

carimbos. Atrás de sua mesa há um quadrinho emoldurado de forma simples com os dizeres:

O silêncio é, sem dúvida, aquilo que mais interpretações admite e podemos alcançar o conhecimento do outro muito mais extenso que o campo coberto pelas palavras.

Das paredes, pendem quatro samambaias, que exibindo tons variados de verdes parecem serpentes adormecidas e suspensas. Nos intervalos, reconhecí um Kandinsky meio desbotado em meio há vários quadros, desenhos e ilustrações de autoria desconhecida. Podemos ver uma paisagem do sul, de uma região onde nasceu o dentista. *O doutor é quem substitui os quadros. Desde que trabalho aqui, já vi um Buda, um quadro de Michelangelo e depois um retrato de Mahatma Gandhi.*

Perguntamos à Judite, a recepcionista, sobre os hábitos de leitura de sua clientela e ela disse que *“os poucos executivos de alto padrão que vêm aqui lêem as revistas em inglês. Os outros todos que esperam lêem de tudo. Poucos conversam, a televisão fica desligada ou sem som. Todos lêem. Alguns chegam a me pedir se não há revistas mais novas ou outro tipo de leitura como Veja, Isto é e até Caras”*.

A seleção é feita pela secretária do departamento de marketing quinzenalmente.

.Nesse contexto, nada mais lógico que haja um predomínio de textos que contenham uma leitura informativa, do tipo que faz com que o leitor se interesse mais pelo conteúdo da mensagem, uma leitura presentificada pela necessidade de

consumo gerada pelos mecanismos funcionalistas do momento histórico atual que controla e preenche o tempo ocioso.

### Inventário dos objetos oferecidos a ler

Jornais: O Estado do S.Paulo e O Cruzeiro do Sul

Revistas Disponíveis

Isto é dinheiro	07/10/2000	Finanças	Mercado Financeiro
Prime-Perfil	Outubro/2001	Rec. Humanos	Rec.Humanos
Business Week	28/09/99		
	26/10/2000	Finanças	Negócios
	09/11/2000		
Newsweek	October 11/2000		
Newsweek	February 2000		
Metal Mecânica	Out/nov/99	Engenharia	Indust.Mecânica
Abimaq.....	Jul/ago/99	Administração Ind.	Automobilística.
Exame	ano 32/nº 8		
Exame.....	ano 32/nº 9		
Exame	ano 32/nº 12		
Exame	ano 32/nº 13		
Exame	ano 32/nº 15		
Exame	ano 32/nº 19		
Exame.....	ano 34/nº 6		
Exame	ano 32/nº 19		
Exame	ano 34/nº 7		

## Sala de espera nº 3



Imagem nº28 – Sala de espera 3

Estamos na sala de espera de um consultório médico, no centro de Sorocaba cuja clientela, segundo a recepcionista Lucimara, pertence à classe média.

Na configuração da sala de espera, dois confortáveis sofás acolhem o paciente quase sempre cansado por subir as necessárias escadas. Há um exemplar de uma dracena cuidado exemplarmente pela recepcionista que passa borra de café para manter as suas folhas brilhando.

Os objetos oferecidos à leitura são escolhidos pelo médico que assina a revista *Isto É* e por sua esposa.

Por conta disso, encontramos, no inventário dos objetos de leitura oferecidos a ler, sinais de intervenção da esposa do médico que é professora de Língua Portuguesa.

Raquel fala-nos que utiliza a sala de espera de seu marido para irradiar informações importantes que, *“trazem oportunidade de reflexão e de adquirir novos conhecimentos”*.

Assim, enlaçam-se na mesinha do centro, *Cláudias* e revistas de cunho essencialmente feminino, já que o médico é ginecologista, com outras que tratam de Educação e de religião.

Segundo a recepcionista Lucimara, essas revistas são muito procuradas e comentadas. *Às vezes, a sala inteira está comentando sobre determinado assunto que saiu na Nova escola ou na Educação*, diz ela, repetindo pela quinta vez o gesto de arredar a cortina de seus cabelos.

### **Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Revistas:

CARAS: ano II, nº 21

VEJA: ano 37; nº30.

VEJA: ano 37; nº32.

VEJA: ano 37; nº34.

ISTO É: assinatura (seis exemplares: de 12 de 2003 a 5 de 2004.)

NOVA: março de 2000; janeiro e fevereiro de 2001.

VIP: agosto, novembro e dezembro de 2000.

CLÁUDIA: setembro de 2000.

ÍCARO: número 148.

DIÁLOGO MÉDICO: março, abril, setembro e outubro de 2000.

PAUSA MÉDICA: ano 3 – nº 2.

HISTÓRIA VIVA: ano 1 – nº 1 – nov. 2001

TV Escola: nº 28 – agosto/setembro – 2002

TV Escola: nº 30 – março/abril – 2003

JORNAL DA ESCOLA PARTICULAR: ano 7 – nº 75

JORNAL DA ESCOLA PARTICULAR: ano 7 – nº 77

EDUCAÇÃO: ano 6 – nº 69

EDUCAÇÃO: ano 6 – nº 70

EDUCAÇÃO: ano 7 – nº 79

EDUCAÇÃO: ano 7 – nº 81

NOVA ESCOLA: ano XVIII, nº 133

SESCON SP: ano 15 – nº 176

SESCON SP: ano 16 – nº 177

POOL LIFE – nºs 64/65 – 2004

TERCEIRO MILÊNIO: Junho, 2004 – ano 7, nº 70

LINHA DIRETA: Educação por escrito. Ano 6 – nº 18

BIANCHINI: ano 2, nº 4

## Sala de espera nº4



Imagem nº29 – Sala de espera 4

A sala de espera de número quatro localiza-se no Parque das Laranjeiras, zona norte da periferia de Sorocaba.

A clínica atende a "crianças, adolescentes e adultos", a preços módicos e o pagamento pode ser feito em várias vezes, conforme folheto publicitário.

A sala de espera é muito quente, apesar de um ventilador rumoroso. Há outras espécies de barulhos: de crianças que adentram a sala como se ela fosse uma extensão da calçada, de carros e motos e o de uma TV, com o volume alto, dominando o olhar dos pacientes. Talvez essa situação de desconforto explique, em parte, o desinteresse pela leitura que lá encontramos.

O aquário, encostado a um canto, pouco chama a atenção dos telespectadores que, aliás, são muitos, já que essa clínica é a única em uma grande parte do bairro e a espera uma constante pelo freqüente atraso do dentista. A TV parece sobrepujar qualquer outro estímulo visual

Na sala de espera não encontramos um lugar apropriado para conter os objetos de leitura. A recepcionista – Ejanaína – dispôs as revistas em uma cadeira, amontoadas em pilha mal-arrumada.

Em nossa visita, observamos que não há uma preocupação com a diversidade das publicações ou com a atualização das mesmas, há quase um descaso na seleção e na forma de oferecer os objetos de leitura, tanto que eles são escolhidos pelas circunstâncias – viagens, doações de laboratório ou trazidas pelos dentistas de suas casas...talvez pelo fato de os objetos de leitura serem um investimento descartável.

Ejanaína argumenta que elas necessitariam ser atualizadas periodicamente e que deveriam, também estar presentes as publicações da APCD (Associação Paulista de Cirurgiões –Dentistas), já que contêm informações sobre higiene bucal, segundo ela, *úteis aos pacientes*.

Podemos perceber a leitura de espera ligada, novamente ao tempo útil, transformada em produto: ler para aprender higiene bucal.

De acordo com Ejanaína só um cliente trouxe um livro para ser lido durante o tempo de espera: a Bíblia.

A recepcionista reprova a preferência absoluta dos pacientes pela TV, já que considera a leitura um hábito que só *faz as pessoas melhorarem seu*

vocabulário. Ela gosta de ler, *de tudo, mas principalmente livros evangélicos e odontológicos.*

É interessante notar que embora a recepcionista admire o hábito de ler, não há, de sua parte qualquer tentativa de propiciar um ambiente de leitura.

As mulheres lêem mais do que os homens, mas, antes, preferem ver TV e conversar. Essa contingência maior de leitores femininos pode ser explicada pela pouca diversidade dos objetos de leitura ali oferecidos. Um repertório mais amplo de revistas, talvez a inclusão daquelas dirigidas para homens pudesse modificar esse quadro.

Raramente as revistas são trocadas e se algum cliente tem interesse por alguma matéria informativa, Ejanáina oferece a revista.

No entanto, a recepcionista não permite que a revista seja danificada, durante a espera, por motivos banais, *como fotos de artistas.*

### **Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Tititi – Ano VII, nº 278 – 9/11/2004.

Cláudia – Ano 37, nº12 – dezembro de 1998.

Cláudia – Ano 38, nº1 – janeiro de 1999.

Cláudia – Ano 40, nº3 – março de 1999.

Cláudia – Ano 45, nº7 – agosto de 1999.

Cláudia – Ano 46, nº8 – setembro de 1999.

Chega Mais – Ano I, nº 6 – 29/09/2003.

Chega Mais – Ano I, nº 7 – 29/09/2003.

Chega Mais – Ano I, nº 9 – 29/09/2003.

Contigo – Ed. 1476/0114- 30/12/2003.

Criativa – maio de 1995

Casa Cláudia: ano 8, nº 89.

Viva - Ano I – nº 12 – 31/12/2003.

Ano I – nº 10 – 10/10/2003.

Conta mais – Ano IV – nº 163 – 30/12/2003.

Conta mais – Ano V – nº 1 – 30/01/2004.

Caras: ano 8, nº 21

Caras: ano 10 nº 35

Caras: ano 10, nº 37

Noivas 2004 – revista especial – maio 2004

Manequim: abril de 1999.

## Sala de espera nº5



Imagem nº30 – Sala de espera 5

A sala de espera visitada fica no prédio do Banco de São Paulo, no centro de Sorocaba.

Nas paredes, há vários quadros com estampas de cidades européias e um relógio silencioso.

Os objetos de leitura estão expostos, de forma cuidadosa, em uma mesinha lateral. As revistas estão separadas por nomes.

A recepcionista, de nome Joelma, disse que quem escolhe o que os pacientes podem ler na sala de espera é o próprio médico da clínica. *“Ele assina, para a casa dele e depois que todos lêem ele traz as revistas para cá. Toda a*

*semana ele troca as revistas. Ele tira as velhas e põe as novas. Ou ele dá para alguém, geralmente eu levo para casa, leio e depois dou para alguém”.*

Joelma diz que quando o consultório está cheio todo mundo lê. *“A maioria das pessoas que ficam esperando não agüentam ficar vendo televisão, gostam mais de ficar lendo as revistas”,* ainda que haja, na sala, uma TV colorida, com imagem e som perfeitos. *“Mais criança que vê assim, de manhã, desenho, quando eles não estão lendo, estão conversando, mais sobre doenças...”*

Quando eles lêem, lêem de forma concentrada e comentam sobre o assunto, *param de ler e comentam, às vezes, até comigo ou eu comento com eles sobre um assunto que achei interessante.*

Joelma disse, também, que não há diferença entre o número de leitores homens e mulheres. *“De vez em quando atrasa muito e, nesse caso, eles lêem mais ainda e de forma concentrada, então fica um silêncio na sala, chegam até a abaixar o volume da televisão”.*

Segundo ela, as revistas mais procuradas são a *Veja* e a *Época*, isto é *“a Caras eles só folheiam, nem dá leitura, eles preferem ler coisa mais interessante, apesar de que as outras falam todas sobre o mesmo assunto, só mudam a forma de falar, mas eles preferem ler mais a Época, a notícia é mais curtinha”.*

**Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Isto é: 18; nº32

Isto é: ano 19 no15

Isto é: ano 19, nº22

Isto é: ano 19, nº31

Isto é:ano 19, nº16

Isto é:ano 19, nº13

Veja: ano 37, nº 6

Veja: ano 36, nº 41

Veja: ano 37; nº30

Época: ano II; nº 198

Época: ano II; nº199

Época: ano III; nº 233

Época: ano III; nº 277

Época: ano III; nº244

Época: ano III; nº 245

Revista Marcante: móveis & decoração. Agosto de 2004.

Revista Saúde: abril de 1996.

Revista Saúde: outubro de 1997.

Diabetes Clínica – ano 1, n 3.

Caras: ano 8, nº 21

Caras: ano 8, nº 25

Caras: ano 8, nº 31

## Sala de espera nº6



Imagem nº31 – Sala de espera 6

Estamos em um pequeno consultório dentário especializado em endodontia, no centro de Sorocaba.

O ambiente é acolhedor, mas pouco iluminado. A mesa da recepcionista, onde pousa um arranjo de flores secas, fica perto de um cesto de palha transformado em porta-revistas e, nas paredes encontram-se quadros de casario, com forte coloração.

O nome da recepcionista é Edeoena, nome escolhido pelo padrinho de crisma em homenagem a uma santa um tanto quanto desconhecida.

Segundo ela, os objetos de leitura que estão em um porta-revistas num canto da sala de espera pequena são pouco usados, já que a clientela é diferente, formadas por pessoas recomendadas por dentistas que não fazem canal.

Os advogados, que estão entre os clientes habituais do doutor Henrique, já trazem seus objetos de leitura, processos, documentos que carregam uma pasta; as mães, já vêm com seus livros de oração, rosários e pequenos livrinhos; os jogadores da seleção de basquete de Sorocaba, do São Bento, não lêem a não ser um que se interessou muito pelo tratamento de canal e pediu a ela um livro que falasse sobre o tratamento que ele fazia. Esses jogadores trazem informativos sobre seu time e deixam na sala de espera com as revistas.

A recepcionista diz, ainda, que folhetos informativos têm grande saída, todos pedem para levar.

Encontramos uma revista americana, do dentista, que é lida pelas gravuras e, muitas vezes, alguns pacientes pedem que ela traduza o que lhes interessava: *Tenho um dicionário dentro da gaveta, olha só.*

Segundo ela, há pouco tempo de espera; porque os clientes geralmente chegam com dor, e a dor e o tempo ocioso não combinam, *pois quem tem vontade de relaxar com dor?* Há clientes que não conseguem permanecer na sala, saindo para o corredor e começam a andar.

Edeoena contou a história da irmã do doutor Henrique, moça instruíssima, que estudou na Rússia, e que, estressada, por causa do casamento próximo, começou a sentir dor, *e os glóbulos vermelhos começaram a cair, delatando infecção.* Procuraram médicos, mas a dor não sarava. Uma vez, em uma sala de espera, por causa da demora, a irmã do dentista teve uma crise de nervos, gritou

e ficou muito brava, como se tivesse tendo um ataque e foi embora... é a espera...diz a recepcionista.

As poucas revistas encontradas são assinatura do dentista que, depois de lê-las em casa, encaminha-as para o consultório.

A renovação dos objetos de leitura é feita por Edeonea que retira as mais antigas e coloca as novas, "a gente sempre dá as mais antigas, tem sempre gente querendo para trabalhos de escola, a gente separa, põe em um cantinho e dá. Mas a gente deixa a pessoa levar alguma matéria que ela se interessou. Geralmente o doutor já leu, eu já li e tudo bem. As pessoas se interessam por assuntos que têm na Veja, mas só estudantes, quem vai prestar vestibular, está na faculdade... Normalmente as pessoas comuns preferem ler as revistas de focos...e reclamam que só tem Veja.

### **Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Jornais: O Estado do S.Paulo e O Cruzeiro do Sul

Veja; ano 36, nº 37

Veja Especial; ano 37, n 32

Veja: ano 37; nº29

Veja: ano 37; nº30

Veja: ano 34; nº7

Veja: ano 37; nº30

In style – Getting Gorgeous. April 2000.

Universo Unimed. Ano 2- fevereiro de 2000

Lúcia, a recepcionista muito elegante, encontra-se sentada atrás de uma mesinha com telefones. Vestida com um *tailleur* executivo cinza aço recebe cartões de crédito e encaminha clientes novos com naturalidade e segurança. *A que horas é sua consulta? Qual convênio?* Pergunta com um braço sobre a mesa batendo levemente com um lápis dourado.

Começamos a conversar e Lúcia disse-me que gostava muito de ler. *Sou daquelas pessoas que lêem bula, quando não há nada o que ler...não consigo dormir sem ler, tanto que quando vou dormir fora de casa, levo comigo um abajur.*

Ela disse que gostou muito do *Quem mexeu no meu queijo?* - livro que revela verdades profundas sobre mudanças inesperadas. Gostou tanto que o deixou aberto, escancarado em cima da mesinha do centro da sala e sublinhou, com marca-texto amarelo, uma das parábolas significativas do livro.

*Faço isso há anos, continua Lúcia, quando encontro algum assunto que considero de interesse dos outros, ponho-o em evidência na mesa das revistas. Reforço com canetinha e já deixo na página. Quem está esperando, vê e lê. Fico muito contente. As partes dos textos de que gosto de marcar são temas que falam sobre como viver com menos estresse, receitas saudáveis com legumes, assuntos que deixam a vida das pessoas melhor.*

*Não sei por que, mas os homens não lêem as minhas marcações, preferem os jornais diários..*

Lúcia disse que as pessoas, no momento em que se sentam para esperar e olham para o texto sublinhado ficam meio desconfiadas. *Olham até para os lados, acho que pensam que é gozação...depois, acho que a curiosidade é maior,*

*acabem lendo. Houve pessoas que perguntaram quem tinha feito isso e se eu não tinha dó de estragar a revista. Não tenho, fico é feliz por alguém estar lendo.*

Mesmo com tamanha indução há pessoas que usam o tempo vazio da espera, segundo Lúcia, para organizar a bolsa ou para não fazer nada.

*Aqui já vi gente sair chorando, indo embora, sem consultar sem nada. Entrava, ficava quietinha pensando e...de repente...saía correndo.*

*Outras, geralmente mulheres, ficam pensando tanto na vida que, às vezes, tenho que cutucar a pessoa. Parece que ela estava em transe.*

Ao reparar nas três bromélias, com suas inflorescências no ponto máximo, plantadas em grandes vasos de cerâmica e nos quadros com desenhos de orquídeas, reproduções de Margareth Mee, perguntei quem gostava: *O doutor é orquidófilo nas horas vagas.*

No canto direito encantamo-nos com uma *Cattleya labiata* var. *autumnallis*, nome científico que aprendi com Lúcia, pois ao ver meu interesse, pinçou de dentro do monte de revistas, uma *Natureza* e mostrou-me a planta, as regas, podas e adubação.

Quando saímos da sala de espera de número sete, era fim de dia. O ambiente estava tão silencioso que tentamos abrir a porta da sala sem fazer barulho com o trinco. Até os telefones pararam e quem entrava ou saía fazia-o de forma discreta.

Havia quatro pessoas na sala. Duas liam. Uma parecia estar dormindo de olhos abertos e a outra, fazia crochê.

**Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Natureza – ano 14, n 6.

Natureza – ano 14, n 8.

Natureza – ano 14, n 10.

Natureza – ano 14, n 11.

Natureza – ano 14, n 4.

Jornais: Folha de S. Paulo e O Cruzeiro do Sul.

Caras: ano 8, nº 21

Veja: ano 37; nº30

Arquitetura & Construção: ano 19, nº 10.

Exame, ano 37, nº 10.

Exame, ano 38, nº 6.

Época: ano II; nº 198

Época: ano II; nº 199

## Sala de espera nº8

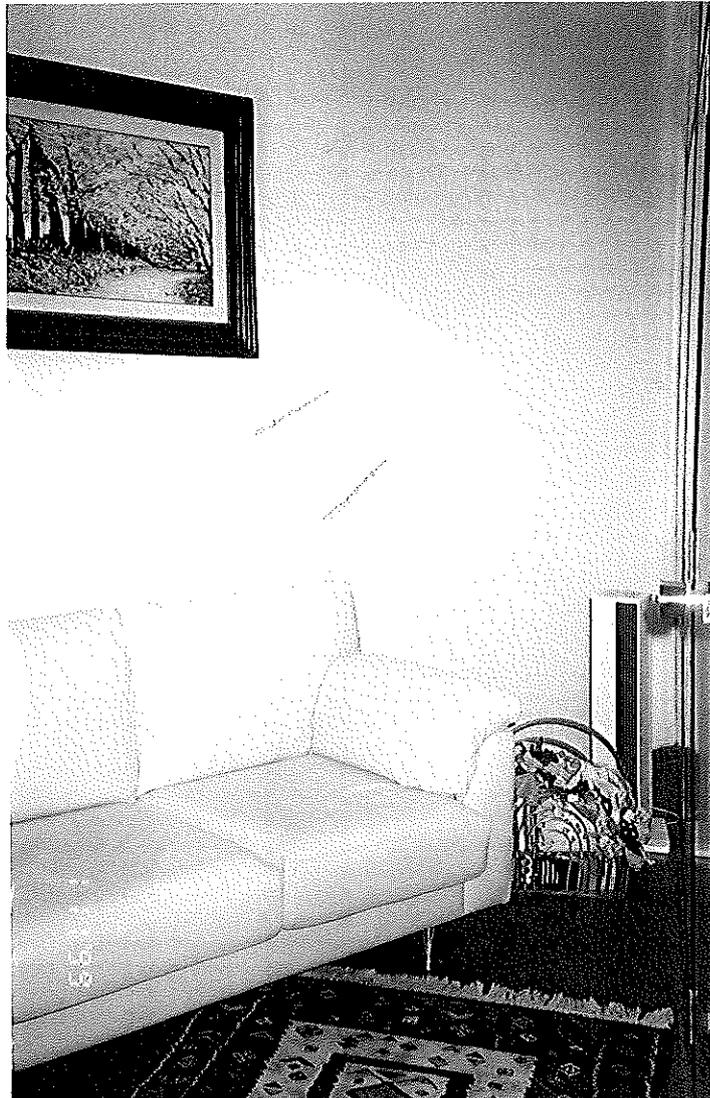


Imagem nº33 – Sala de espera 8

A sala de espera de número oito de uma dentista que tem uma clientela de classe média, segundo a recepcionista Marinalva, apresenta-se configurada da seguinte forma: recepcionista, sofás e revistas e jornais do dia repousando, de forma organizada em uma cesta de vime, encostada entre um sofá claro e um pequeno ventilador.

A sala é comprida, pouca luz, silenciosa, com ar condicionado e com as venezianas cinzentas meio fechadas para conter o calor de setembro.

As cortinas cinzentas combinam com o carpete cinza. Na parede, além de gravuras com paisagens outonais, um imenso retrato pintado de um velho austero com suíças e colarinho de ponta virada

Há dois abajures brancos e um sofá comprido. A sala terminava em um arco aberto através do qual apareciam três janelas estreitas.

A sala de espera estava quase cheia.

A atenção à leitura, de acordo com Marinalva, varia de acordo com a necessidade, *“se a pessoa precisa da leitura, aí ela lê concentrada, se não, ela só folheia com desinteresse, pega e larga, principalmente as revistas de fofocas de artista”*.

No inventário de objetos de leitura encontramos revistas médicas que são trazidas pelos representantes de laboratórios ou pelos próprios médicos quando eles vão a congressos e que são muito procuradas, principalmente pelos homens. *Os homens lêem mais e mais concentradamente*, acrescenta Marinalva.

As mulheres preferem comentar o que lêem ou somente ficar conversando. *“Há mulheres que chegam aqui e ficam um tempo quietas no canto. Mas não dura muito, logo pegam uma revista”*.

Perguntada se alguém trazia algum livro para ler na sala de espera, Marinalva disse que *“isso acontece mais com gente que mora em outra cidade. A pessoa vem lendo no ônibus e continua a ler aqui ou professoras, essas, sim, trazem livros para ler aqui”*.

Comecei a conversar com duas meninas morenas que esperavam a vez de serem atendidas sobre o que estavam lendo, sobre assuntos de maior interesse nas publicações, se gostavam de ler, se preferiam ler a ver TV, já que ali havia uma.

Uma das meninas respondeu, "pode parecer criança, mas eu gosto mesmo é de histórias em quadrinhos. Se não tem, gosto de ler revistas que trazem aqueles testes que ajudam a gente a conhecer mais da nossa personalidade e também de ler sobre as personalidades famosas das novelas".

Marinalva percebe que as mulheres lêem mais que os homens e que repara que elas comentam sobre conselhos de saúde e beleza, notícias trágicas e que fazem os tais testes juntas.

Perguntei a um senhor que lia o seu Diário de Sorocaba quais eram os assuntos de seu interesse; *"Atualmente, como estou desempregado fico procurando emprego, então a primeira coisa que eu olho são os anúncios de emprego e de cursos. Depois leio as tirinhas de humor..."*.

Na parede pode-se ler "Instantes" de Jorge Luiz Borges. *A dentista é poeta, esclarece Marinalva, ganhou prêmio e tem livro publicado, mas não está aqui, lamenta.*

### **Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Jornais: O Estado do S.Paulo e O Diário de Sorocaba.

Veja Mulher - Edição especial nº 25.

Veja: ano 37; nº30

Veja: ano 37; nº29

Veja: ano 37; nº15.

Caras: ano 8, nº 21

Capricho: de março de 2004 a junho.

Nova: ano 32, nº 6

Nova:ano 32, nº 7

Nova: ano 32, nº 8

Cláudia – Ano 44, nº8

Cláudia – Ano 44, nº9.

Caras: ano 8, nº 21

Universo Unimed - ano 2 – Janeiro de 2004.

Universo Unimed – ano 2 – nº 8 – Março/abril 2004.

## Sala de espera nº9



Imagem nº34 – Sala de espera 9

A sala de espera de uma clínica dentária localizada na zona norte de Sorocaba é destinada a uma clientela de classe média/baixa. A clínica contém dois consultórios dentários de última geração especializados nas diversas áreas da odontologia (clínica geral, endodontia, prótese, periodontia).

São oferecidos, dessa forma, os mais diversos tratamentos, desde procedimentos simples aos mais complexos, *sempre pagos em suaves*

*prestações, segundo a recepcionista Rose. Em breve, ela acrescenta, será iniciada uma campanha de odontologia preventiva, oferecida pelos dentistas para a população do bairro das Laranjeiras.*

As estratégias de espera são descompromissadas com revistas e jornais dispostos de forma meio desordenada em um porta-revistas de madeira, meio escondido.

O mobiliário é discreto e funcional e os quadros revelam que um dos dentistas da clínica viajou para Paris e Itália, além de gostar de cavalos.

Ana Maria Braga ensina a fazer coquetel de camarão e avisa que até em supermercados há daquelas tacinhas nas quais se põe gelo picado para manter o coquetel gelado. Fora a voz controlada da apresentadora há um silêncio na sala.

Rose, a recepcionista, gosta de ler. Está lendo um livro de auto-ajuda porque "me faz entender mais as coisas, as pessoas".

*"As revistas eu leio todas também. Quem traz são os dentistas. A Veja eles assinam. Levam antes para casa e na semana seguinte trazem para cá". Tem revista sobre cavalo porque uma delas, a Doutora Flávia, gosta de cavalo e as filhas dela também.*

*Eu sou budista e assino esse jornal. Depois que eu leio, deixo aí.*

*É verdade. Eu falo bem mesmo do budismo. De vez em quando sublinho os assuntos que acho importantes, abro as páginas da revista ou livro expondo-as de forma a serem lidos em primeiro lugar.*

Se o interesse for muito ela permite que o leitor se aposses do objeto de leitura.

Rose diz que começou a ler mais depois que começou a trabalhar na clínica. *“Existem dias que não tem quase cliente. E, às vezes, tem gente, mas ficam lendo. A maioria lê, principalmente à tarde. A criançada é que gosta mais de televisão”*.

Às onze horas da manhã, havia duas mulheres esperando a vez. Uma, lia uma *Caras*; a outra, uma *Veja*. Compenetradíssimas.

Perguntei a uma delas, para a da *Veja* quais os assuntos dos quais ela mais gostava e ela disse que primeiro buscava na revista a parte que fala dos artistas, depois acontecimentos do mundo e do Brasil e que gostava de fazer testes, desses que descobrem se a gente é ciumenta ou não.

Nessa hora, ela pede para Rose abaixar o som da televisão e continua: *“gosto mesmo é de ler jornal. O daqui, O Cruzeiro, leio todos os dias porque sou secretária de uma escola estadual aqui perto.*

Perguntei para a Rose se alguém trazia livros para ler enquanto esperava:

*“Só conheci um homem que trazia livro de casa para ler enquanto esperava. É um moço magrinho. Ele chega, tira da mochila um livro e lê. Parece até achar ruim quando a vez dele chega”*.

**Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Jornais; Folha de S.Paulo; O Cruzeiro do Sul

Veja: ano 36 – nº 37

Globo Rural: ano 15, n 172

Equitação: ano 2 – nº 10

Veja: ano 37 – nº 33

Veja: ano 34 – nº 16

Veja: ano 37 – nº 34

Veja: ano 37 – nº 35

Veja São Paulo: ano 36 – nº 40.

Veja: ano 37 – nº 36

Veja: ano 37; nº 30

Veja: ano 36, nº 41.

Caras: ano 8, nº 21

Revista Coop: ano XXIV – nº 242.

## Sala de espera nº 10



Imagem nº35 – Sala de espera 10

A sala de espera de um consultório médico que fica em uma casa na Avenida Presidente Kennedy, em um bairro residencial, com residências ajardinadas e arquitetura da década de 50, tem, como clientela, pessoas que pertencem às classes média e média alta.

Ao meio-dia e meia há poucas pessoas esperando para serem atendidas e, por conta disso, a recepcionista Marlene sente-se mais relaxada para conversar comigo.

As recepcionistas – duas – permanecem atrás de um balcão em forma de uma ameba. Nessa mesa encontramos folhetos com informações médicas que

servem de orientação aos pacientes, como *Constipação Intestinal: a busca do equilíbrio* ou *O uso de fibras*, oferecidos pelos laboratórios.

Entrevistamos Marlene, pois é ela a responsável pela escolha e manutenção dos objetos de leitura oferecidos aos esperadores da sala.

Segundo Marlene não dá para prever se haverá atraso ou não. "*Quem realmente espera são os representantes de laboratórios*". No andamento do dia, a sala de espera assume variados ambientes. "*Às vezes, fica lotado de gente; outras, há pouca circulação de pessoas*".

A sala de espera ocupa um espaço com dimensões suficientes para acolher três grandes janelas e duas pequenas o que a deixa iluminada, ensolarada e quente.

As cortinas, emoldurando as janelas, conservam-se abertas o dia todo.

Há várias cadeiras estofadas e confortáveis e confeccionadas aos pares. No meio delas ficam dispostos os objetos de leitura e panfletos com conselhos médicos.

Em uma das paredes encontramos uma espécie de flâmula que mostra objetos extraterrestres e gravuras de máscaras medievais de dramas japoneses.

Na mesa há telefones, computadores, fax, envelopes contendo exames confidenciais, tudo a serviço dos dois doutores que ocupam a clínica.

Há um bebedouro de água, café e chá.

Um relógio de parede, de pêndulo, interfere no silêncio que domina a sala de espera que acolhe em um canto algumas revistas mal acomodadas e velhas.

Clareza, silêncio, sofás cômodos e revistas.

Há muita leitura na espera?

*“Todo mundo lê. Muita gente reclama que a revista está velha, mas as revistas que estão aí ficam um tempão nas casas dos médicos, só depois é que eles as trazem para cá. O Dr. Paulo assina a Época. Mas ele demora para trazer para cá. As revistas médicas são presentes dos laboratórios. Ninguém aqui gasta dinheiro com revistas, os doutores não estão preocupados em deixar mais gostoso esse tempo de espera.*

*Sou eu sempre quem arruma as revistas. Não tenho nenhuma forma fixa de arrumá-las. Troco as revistas quando vejo que está na hora, quando estão sem capa...e dou para uma pessoa que vende.*

*A leitura acontece sempre que o paciente está sozinho. Acho que é uma maneira de se refugiar, de ficar sozinho ou de querer saber mesmo com que a Luana Piovanni ficou na festa tal...Acho que é mais para ficar sozinho porque quando o paciente vem com outra pessoa só fica conversando, mata o tempo batendo papo.*

*Mas todo mundo lê. É engraçado quando eles gostam da reportagem. Arrancam a folha sem pedir, às vezes, pedem, mas outras não. A gente finge que não vê. Tem gente que pede para levar a revista inteira. Eu deixo.*

*As pessoas lêem sem o menor cuidado. As crianças rasgam as páginas das revistas na frente dos pais eles não falam nada.*

*A gente consegue, depois de tantos anos observando paciente esperando, saber um pouco da personalidade da pessoa. Há clientes ansiosos, nervosos que folheiam rapidamente as folhas da revista quase sem ler.*

*Há os calmos que lêem tudo e até anotam alguma coisa que lhes interessa. Outros, que tudo o que lêem querem mostrar para o companheiro do lado. Não se contentam em ler, têm que comentar.*

*Acontece, sim, de alguém trazer livro de casa. Não é muito comum, mas tem um senhor que sempre traz seu livro.*

*Eu gosto de ler. Eu só tenho o colegial, mas leio direto. Sempre li. Assino um jornal semanal da minha religião e compro revistas. O que mais gosto de ler é sobre religião, depois curiosidades, economia, artes e esportes, é o que menos gosto.*

*Aqui não há jornal do dia, nem livros. Por isso eu trago meu jornal – Brasil Seikyo - e minhas revistas. Não imponho a ninguém o que gosto de ler. Nem deixo junto com as outras revistas. Deixo meu jornal aqui, no canto do balcão, se o cliente pedir para ler, lógico que deixo.*

*Desde que comecei a trabalhar aqui leio mais, às vezes, durando o espaço entre uma ou outra consulta ou no final do expediente quando há poucos clientes.*

### **Inventário dos objetos oferecidos a ler**

Universo Unimed - ano 1 – Janeiro de 2003;

Universo Unimed – ano 2 – nº 8 – Março/abril 2004.

Ser médico – Publicação do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo.

RBT: Revista Brasileira de terapia intensiva. Volume 13 – nº 2. Abril/junho 2001.

Veja: ano 37; nº30

- Veja, edição especial; nº 33, ano 37.

- Isto é: Dinheiro – 03/12/2003;

Isto é: Dinheiro – 12/11/2003;

Isto é: Dinheiro – 05/11/2003;

Isto é: Dinheiro – 23/04/2002;

Isto é – Especial – Grandes temas brasileiros;

Tudo – nº 49 – 04/01/2003.

Caras: ano 8, nº 21

Caras –. ano 8, nº 21

Caras – ano 9 , nº 31

Caras - ano 9, nº 32

Caras - ano 9, nº 33

Única – Globo – 05/05/2001.

### 4.3 Análise e Interpretação

As informações obtidas permitiram-nos que chegássemos à conclusão de que há leitura nas salas de espera. Elas são postuladas e configuradas para receber um esperador que pode querer ler.

Nelas, sofás, luminárias e mesinhas com revistas, jornais e livros preenchem o tempo vazio do paciente que encontra, nesse cenário, reverberações de representações do que seria um espaço ideal de leitura.

No entanto, mesmo em ambientes que destoem desses cenários de leitura ideal, encontramos leitores consumindo desde objetos de leitura receitados pela cultura de massa até os escolhidos pela idiossincrasia dos médicos e dentistas, o que chamamos de afinidades eletivas. Na sala de espera de número sete, a recepcionista dirigia a leitura marcando as partes consideradas mais importantes.

Os cuidados com o oferecimento da leitura – a atualização dos objetos e sua localização na sala de espera – também influenciam. Em ambientes em que o descaso era evidente, a leitura processava-se de modo menos amiúde.

A leitura acontece mesmo em ambientes que acalorados ou que tenham barulho de rua e televisão alta; em alguns consultórios o seu som foi abaixado a pedido de leitores.

Os consultórios de periferia e os dos bairros de luxo, mesmo com graus diferentes de sofisticação, tanto oferecem *Caras*, *Caprichos* e *Vejas* como revistas médicas ou que evidenciem uma preferência religiosa ou um hobby do médico ou dentista.

A confecção das salas tende a ser parecida na funcionalidade, respondendo à demanda suposta, ainda que contenha marcas de subjetividade como painéis budistas ou fotos familiares.

As formas de ler são adaptativas e flexíveis variando com a espécie de texto e objetivos do leitor, organizando-se estimuladas por significações internas e externas.

Dessa forma, encontramos leitores que se interessavam apenas pelo conteúdo da mensagem – informativos médicos, advogados e seus processos, a leitura de jornais – que podemos chamar de leitura útil e produtiva - e outros que procuram distração, estabelecendo com o texto uma relação de prazer ou de sublimação e, nesse último caso, os objetos de leitura encobririam ansiedades revividas pelo tempo vazio da espera.

## 4.4 TABELA DE REVISTAS E LIVROS

LOCAL	Sala de Espera									
	n° 1	n° 2	n° 3	n° 4	n° 5	n° 6	n° 7	n° 8	n° 9	n° 10
Cada Dia	0	0	0	0	0	1	2	0	0	1
CARAS	4	0	1	3	3	0	2	4	1	2
Casa Cláudia	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Casa & Jardim	1	0	0	0	0	2	0	0	0	2
Cláudia	0	0	1	5	0	0	0	2	0	0
Colóquio	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3
Conexão Paulista	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
Criativa	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
Diário de Sorocaba	1	0	0	0	0	0	0	1	0	5
Jornal Cruzeiro do Sul	1	0	0	1	0	0	1		1	2
Jornal O Estado de São Paulo	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
Jornal Folha de São Paulo	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
Diálogo Médico	0	0	4	0	0	0	0	0	0	0
Dignitas Salutis	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Dr. Estilo	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Ícaro	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
ISTO É	0	0	6	0	6	0	0	0	0	5
ISTO É - Dinheiro	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Livros Religiosos	5	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Magali	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Medicina Social	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
No Cenáculo	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0
Nova	0	0	0	0	3	0	0	3	0	6
Pausa Médica	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
4 Rodas	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
Realidade Hospitalar	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2
Revista Assoc. Cir. dentistas	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Época	1	0	0	0	6	0	2	0	0	0
Prime-Perfil	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Newsweek	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Business Week	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0
Metal Mecânica	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Abimaq	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Exame	0	9	0	0	0	0	2	0	0	0
VEJA	5	0	3	0	3	6	1	4	9	2
VIP	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0
Nova	0	0	3	0	0	0	0	3	0	0



## CONCLUSÃO

O discurso oficial sobre a leitura canonizou e cristalizou textos e formas ideais de procedermos à prática da leitura.

As pessoas encontram essa cristalização já com suas possibilidades de uso e transmitem-na por gerações; dessa forma, os conceitos, nela contidos, sobrevivem e sobreviverão – delineando e irradiando representações da leitura eleita pela tradição literária – enquanto ela retiver um valor existencial, uma função na existência concreta da realidade.

Percebemos a reverberação desse discurso, regulador de práticas de leitura, ao observarmos e descrevermos as realizadas em ambientes prescritos pela classe social, produtora de discursos e saberes, e que foram comentados no capítulo 1.

As configurações físicas das salas de espera, por exemplo, reproduzem os conceitos e imagens contidas nos enunciados que regulam o ideal da prática de leitura, criando condições que o viabilizem.

Somam-se, assim, aos assentos confortáveis, luminárias, almofadas, aquários e flores, televisão e objetos de leitura configurando uma cena de leitura clássica.

O tempo de espera é, dessa forma, acolhido. O tempo vazio, preenchido e otimizado.

O que não contávamos era com a presença de comportamentos que descompassassem o previsto em um espaço de espera e de passagem, delatando-nos que em todo sistema de valores há brechas que, se não subvertem a ordem, destoam dela.

As afinidades eletivas ou as marcas de subjetividade – poesias, revistas de cunho religioso, plantas, Jackson Pollock e Kandinsky - preencheram o espaço vazio de um não-lugar.

As atitudes idiossincráticas de recepcionistas condutoras de leitura – Lúcia e da budista Marlene – ou a ocupação da sala como um espaço para a perscrutação interior – *trieb* - ou para revisar vivências e agendas, sobrepuseram-se à lógica de uma estrutura urbana racional – máquina de trabalho - pensada para uma determinada serventia e mostraram-nos a contradição e a ambigüidade que escapam da característica teleológica que regula a prática social da leitura.

Nas salas de espera e nos outros espaços públicos de leitura encontramos, instauradas, a pluralidade e criatividade, dando concretude a práticas de leitura diferentes das prescritas pela tradição e estando intimamente relacionadas com processos sociais mais complexos de atribuição de sentidos e realização de práticas sociais que pertencem a uma dimensão da realidade "dispersa e silenciosa", como diria Michel de Certeau (1994) e de permanente (re) invenção do cotidiano.

Existe leitura nas salas de espera visitadas, uma leitura homogeneizada pelas escolhas dos objetos de leitura oferecidos nos consultórios de todas as classes sociais, mas diferenciada pelas intervenções de cunho idiossincrático ou de afinidades eletivas.

Ali se lê por diversas razões - profissionais, para preencher o vazio da espera, para chegar perto de Deus, para saber quem é o novo namorado de Vera Fisher, para passar de ano na escola, para buscar ajuda espiritual e por uma série de razões intelectualmente menos nobres. As dimensões do mundo de cada um são organizadas em função das condições sociais e subjetivas em que se vive e das inúmeras interações que vão surgindo.

As leituras, em lugares consagrados para tal, são privilégios de poucos componentes de nossa sociedade. Espaços e modos de se ler articulam-se a condições socioeconômicas do leitor, além das motivações subjetivas, finalidades, desejos, habilidades, expectativas, tempo e história.

É certo que todas as classes sociais deveriam ter acesso aos códigos da cultura letrada, aos códigos do poder, mas acreditar que a simples passagem desse conhecimento diminuiria o estigma social dos indivíduos menos privilegiados financeiramente, facilitando sua mobilidade social é, certamente, uma análise superficial do problema.

Essa concepção fetichizada e mitificadora da leitura está presente nas campanhas educativas e de promoção de leitura, que, além de estabelecerem noções falsas de uma simples prática social, ignoram as outras formas de se ler, as que não correspondem ao paradigma idealizado pela cultura hegemônica.

O que, de fato, precisamos, é de uma sociedade que garanta a todos o direito de acesso aos bens culturais nela disponíveis, o que só será possível por meio de uma efetiva modificação no ambiente político-econômico de nossa estrutura social.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. A caça ao leitor. **Lectura: teoria & prática**, Campinas, n. 34, p.4 - 8, dez. 1999.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papyrus, 1994.

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Lisboa: Edições 70, 1984.

\_\_\_\_\_. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

BISHOP, Elizabeth. **Poemas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **Contra o consenso**: cultura escrita, educação e participação. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

BRITTO, Luiz Percival Leme; BARZOTTO, Waldir. Mitificação e promoção da leitura. In: MARINHO Marildes; CERIS Salete Ribas da Silva (Orgs.). **Leituras do professor**. Campinas, SP: Mercado de Letras: ALB, 1998.

BOGDAN, Robert; BIKLEN Bari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BORGES, Jorge Luiz. **Obras Completas**. Madrid: Paidós, 1994.

CALVINO, Ítalo. **Se um viajante numa noite de Inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O barão nas árvores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORTÁZAR, Julio. **Bestiário**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

FERRÉZ. **Capão Pecado**. São Paulo: Labortexto, 2004.

FREUD, Sigmund. **Psicanálise aplicada**. Rio de Janeiro: editora Delta, 1985.

LACAN, Jacques. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

\_\_\_\_\_. **El seminário de Jacques Lacan: los cuatro conceptos fundamentales Del psicoanálisis**, libro 11. Buenos Aires: Editorial Piados, 1995.

LIENDO, Eduardo. Vanidad. In: **El crocodilo rojo**. Caracas: Monte Ávila Editores Latino-americanos, 2000. p.17-18.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli E. D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ROLLA, Ângela da Rocha. A leitura e o espaço do prazer: um estudo sobre as práticas docentes. **Leitura: Teoria & prática**, Campinas, n. 30, p.54, dez., 1997.

SANTOS, Milton. **Manual de geografia urbana**. São Paulo: Hucitec, 1981.

SARTRE, Jean-Paul. **O muro**. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre livros e leitura**. Porto Alegre: Paraula, 1994.

SICILIANO, Oswaldo. O apanhador de leitores. **Melo e Mensagem**, São Paulo, p.6 – 24, nov. 2003.

SVEVO, Ítalo. **A consciência de Zeno**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.

ZILBERMAN, Regina. Ler ou estudar: eis a questão. **Leitura: teoria & prática**. Campinas, n. 30, p.23 - 29, dez. 1997.

## ANEXO 1 - ROTEIRO DE VISITA

### **Critérios de escolha**

Localização geográfica

Preço – fator de interesse social

Estatuto social

### **Coleta de dados**

- Descrição da sala – configuração - ambientação
- Como está a temperatura? Onde se localizam os objetos para leitura?
- Há ar condicionado? Televisão? Silêncio?
- Há pouca circulação de pessoas?
- Cortinas? Boa luminosidade?
- Registros dos objetos de leitura disponíveis.
- Há um cuidado especial no modo de disposição dos objetos dados a ler?
- As publicações manifestam preferências idiossincráticas (religiosas ou profissionais) ou são publicações genéricas?
- Há jornal do dia?
- Há revista semanal atual?
- Há livros?
- Literatura infantil? Pedagógica? Feminina? Auto-ajuda? Religiosa?

**ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA****Dados gerais da recepcionista e/ou do responsável pela escolha dos objetos de leitura e informações sobre o cotidiano da sala de espera -**

- Nome do entrevistado:
- Escolaridade
- Idade
- Sexo
- Local do consultório
- Tipo de clientela
- Você gosta de ler?
- Lê habitualmente?
- Lê mais depois que começou a trabalhar?
- Quem colocou as revistas da forma como estão aí?
- Quantas vezes as revistas são trocadas?
- O que acontece com as antigas?
- Quem lê mais os homens ou as mulheres?
- Em vista de ser um investimento descartável por que ter revistas?
- Há doação? Assinaturas?
- O que os esperadores preferem fazer?

Ler

Ver TV

Conversar

Fazer tricô

- Como as pessoas lidam com o material para ler?
- O que elas lêem mais? Você consegue saber quais são seus assuntos preferidos?
- Alguém traz livro ou revista de casa?
- Você, quando arruma o lugar onde estão as revistas, põe em evidência algum tipo específico? (Dirige a leitura ou é voluntária?)
- Se alguém quiser levar uma matéria, um artigo de uma revista, você deixa?
- Há algum critério na escolha dos objetos de leitura/
- Classifique de 1 a 5 os assuntos que você mais procura;

Artes

Curiosidades

Economia

Esportes

Religião

- De quanto em quanto tempo as revistas são trocadas?
- Que revistas combinam com sua sala de espera? Por quê? Quais não combinam?

## ANEXO TRÊS – RESUMO E COMENTÁRIO DO CONTO A INFÂNCIA DE UM CHEFE, DE JEAN-PAUL SARTRE.

Vários dos temas constantes na obra de Jean-Paul Sartre aparecem nos seis contos de "O muro"<sup>1</sup>, publicado em 1939, principalmente em "A infância de um chefe". Nele, o autor desvenda os mecanismos da má consciência, o sentimento do absurdo e da irracionalidade da vida, a segurança artificial concedida pela adesão aos valores convencionais da burguesia.

O enredo começa com a constatação do protagonista, Lucien, ainda criança, que a vida e as relações entre as pessoas eram embuídas de nenhum significado e que todos representavam papéis.

A fissão entre a verdade e a mentira, entre o que as coisas são ou o que elas aparentam ser fez com que Lucien procurasse sentido para sua existência em leituras que, por meio da identificação temática instrumentalizasse-o na busca pelo autoconhecimento. Ao tentar entender seu possível complexo de Édipo, por exemplo, negociou com Freud mobilizando as informações que já o constituíam com as oferecidas pelo pensamento psicanalítico em livros como *Psicopatologia da vida cotidiana* ou *Introdução à psicanálise*. "É isso", repetia-se vagando pelas ruas, "é isso!" (...) "tenho um complexo".<sup>2</sup>

Outro conflito que permeava sua vida, nublando-a com crises de apatia ou rompantes agressivos, era o fato de ele ter de substituir o papel de chefe da fábrica de seu pai:<sup>3</sup>

Uma vez, de volta do passeio, o pai pôs Lucien nos joelhos e explicou-lhe o que era um chefe. Lucien quis saber como ele falava aos operários quando estava na usina e o pai mostrou-lhe como precisava fazer, e sua voz mudava inteiramente.

Será que me tomarei também um chefe? – perguntou Lucien.

Mas certamente, meu rapaz, foi para isso que você nasceu.

Voltou-se para a filosofia e literatura como uma necessidade pragmática tentando elaborar uma consciência de mundo já que descobrira que não existia, que ninguém

---

<sup>1</sup> SARTRE, Jean-Paul. *O muro*. São Paulo, Círculo do livro, 1986..

<sup>2</sup> Idem.p.170.

<sup>3</sup> Idem. P. 152.

existia ou que todos representavam papéis. "É isso", pensou. Tenho certeza: *eu não existo*".<sup>4</sup>

Em meio a três tentativas de suicídio, Lucien leu *Werther* de Goethe, *O memorial de Santa Helena* e, por intermédio de um surrealista de nome Bergère, *Iluminações*, de Paul Verlaine, *Os cantos de Maldoror* e a obra de Marquês de Sade, até descobrir Rimbaud e identificar-se tanto com ele a ponto de expressar-se: "Eu sou Rimbaud".<sup>5</sup>

A condição de sua existência pautou-se na intersubjetividade. Dessa forma, tentando descobrir-se quem era e quem eram os outros, Lucien tentou movimentar-se no meio das possibilidades que a vida oferecia-lhe. Assim, relacionou-se sexualmente com Bèrgere, e logo se arrependeu, renegando seus atos, os de Bèrgere e os de Berliac, amigo de ambos.

A partir daí, o vazio e a angústia de Lucien acentuaram-se até conversar com um ex-professor de filosofia que desmistificou Freud e lhe mostrou outras leituras como as de Platão e Spinoza. Com um novo sopro de vida e desprezando o que lera antes - considerava os livros anteriores como repletos de pensamentos de *desajustados* - começou a participar de ações do cotidiano comum como andar de barco, dançar, aninhando-se na concepção sartreana da má fé.<sup>6</sup>

Durante um passeio, Lucien sentou-se sobre uma esarpa e pensou: "Dormi seis anos e depois, um belo dia, saí de meu casulo". "Sou feito para a ação!". Realizava-se, assim, outro dos alicerces filosóficos da obra de Jean-Paul Sartre já que para o existencialismo só existe a moral da ação, porque considera que a única coisa que define o homem é o seu ato. Não importam o que as circunstâncias fazem do homem, mas o que ele faz do que fizeram dele.

As circunstâncias fizeram com que ele conhecesse Lemordant, anti-semita que sedutoramente persuadiu-o a fazer parte do mundo do colaboracionismo, mais especificamente dos *camelots*, jovens monarquistas franceses e anti-semitas radicais. Primeiro empresta-lhe um livro de Barrès, *Les déracinés*, que continha personagens

---

<sup>4</sup> Idem.p.163.

<sup>5</sup> Idem. P. 182.

<sup>6</sup> A má fé é a atitude característica do homem que finge escolher, sem na verdade escolher. Imagina que seu destino está traçado, que os valores são dados; aceitando as verdades exteriores, "mente para si mesmo", que é o autor dos seus próprios atos. Sartre chama esse comportamento de espírito de seriedade. O homem sério é aquele que recusa a sua liberdade para viver o conformismo e a "respeitabilidade" da ordem estabelecida e da tradição.

equilibrados emocionalmente, inseridos em um meio familiar saudável e harmônico. Depois, Lucien leu *Le jardin de Berenice* e, às vezes<sup>7</sup>,

Interrompia sua leitura e punha-se a refletir, com os olhos vagando: eis que, de novo, lhe ofereciam um caráter e um destino, um meio de escapar às tagarelice inesgotáveis de sua consciência, uma método para definir-se e apreciar-se.

Dessa forma, é na ação política que o personagem sartreano vivenciou o primeiro princípio existencialista: o homem não é mais que o que ele faz. Lucien tornou-se um *camelot*, convicto de que seu anti-semitismo dava sentido à sua nova vida, tomando-o um homem capaz de ir além de situações particulares e passou a respeitar-se como nunca. A existência precede a essência.

No final do conto, Lucien descobriu que, enfim, existia e que iria casar cedo e ter muitos filhos e que continuaria, de forma veemente, a obra de seu pai: seria um chefe entre os franceses.

O que podemos perceber no conto de Sartre é que a leitura, mesmo perpassando toda a vida do protagonista Lucien, não foi o fator determinante que equilibrou sua existência angustiada. O que conseguiu resolver a sua incapacidade em perceber a configuração da realidade e seus sistemas, já que a considerava vazia de significados, foi o seu apoio aos valores já estabelecidos.

Apesar de o conhecimento literário ter favorecido o pensamento reflexivo e analítico ou dado algum sentido – ainda que temporário – à vivência conturbada de Lucien, a redenção – a que organizou seu pensamento, a que construiu sua consciência e sua individualidade social, salvando-o do niilismo em que se encontrava e que quase o levou à morte – foi o seu engajamento a valores socialmente aceitos como o casamento e virgindade, a valorização da propriedade privada e do direito individual que incluía até a xenofobia.

Nesse caso, a leitura formou o cidadão, como prenuncia adágios de campanhas de leitura, mas um cidadão que surra judeus, que despreza homossexuais e prostitutas, não se consolidando a noção – tornada lugar comum – de que as pessoas, se verdadeiras leitoras, ficam melhores, libertas de um estado de alienação.

Além disso, o percurso do leitor-protagonista está bem longe do valor que muitos querem atribuir ao ato de ler: o entretenimento e o hedonismo.

---

<sup>7</sup> Idem, p.214.

As leituras de Lucien trouxeram-lhe dores, sofrimentos, angústias, tensões, tiveram um carácter catártico que ajudaram-no a se ressignificar, mesmo que seja reproduzindo atitudes já consagradas em sua condição social.

#### ANEXO QUATRO – VANIDAD - Eduardo Liendo

Todo comenzo por aquel tedioso aprendizaje del alfabeto. Quizás, entonces el mal era curable. Estaba em la epidermis. Más tarde vino la irresponsable lectura de suplementos, aquellas interminables aventuras de "El Cavallero de Antifaz" y, poco después, "Tom Sawyer", "Tarzan de los Momos", "El Conde de Montecristo" y otras obras por el estilo. Sin Embargo, no era um niño anormal. Hubo un poréntesis en la adolescencia que hizo pensar en mi completo restablecimiento. Pero, por algún accidente desgraciado, la pernicioso manía se intensificó; vino la época de la nefasta familiaridad con biografías, novelas, novelines, folletones, poemarios, periódicos, diccionarios, cuentos malvados y demás formas diabólicas de encar-celar en alma.

Todavía, existía una relación equilibrada: medio tiempo para viver e medio tiempo para leer. Pensé, erróneamente, que el matrimonio restablecería plenamente mis necesidades existenciales y superaría ese espantoso vicio; talvez cambiándolo por otro un poco mas humano. Pero no fue así. Cada día hablava un poco menos con Vivien y leía más, incluso en momentos completamente insospechaves. La crisis llegó a su fase final, lentamente perdí la capacidad de hablar con sencillez y me expresaba mediante pretenciosas sentencias. Vivien sufría e lloraba frecuentemente al observar su impotencia para recuperarme. Después, dejamos de hacer el amor, aunque algunas veces, antes de dormir, yo esgrimía una docta disertación sobre las infinitas posibilidades del orgasmo. Leía casi sin interrup-ción y mi espalda se fue endureciendo. Las palmas de las manos y las plantas de los pies se adelgazaron de manera alamante. El lenguaje adquirió su definitiva simbiosis con la literatura.

La última noche me despedí de Vivien con una triste mirada de resignación, ambos debíamos aceptar el inexorable. En la mañana, amanecí a su lado completamente tieso,

rígidamente vertical, solem-ne. Ella, después del asombro, me tomó en sus manos con lástima, me abrió e dejó caer una lágrima sobre una de mis páginas.

Al día siguiente, con mucha pena me donó a una biblioteca pública; una empleada me colocó en buen lugar, exactamente entre el "Diario Íntimo", de Amiel, y "La importancia de Vivir", de Lin Yu Tang. Se cumplió así mi suprema vanidad. Vivien comparte ahora el apartamento con un amigo tan sono, que ni siquiera se molesta en leer el periódico. Mientras tanto, yo espero pacientemente el instante maravilloso en que me tome en sus manos una bondadosa lectora y alguna noche estar bajo su almohada.